

A Serpente de Bronze

Impresso na Gráfica Editôra Brasileira Ltda., à rua
Luís Gama, 185 — São Paulo, Brasil, em 1962.

ORMA
869.93
C198p

Humberto de Campos
(Da Academia Brasileira de Letras)
SÉRIE CONSELHEIRO X. X.

A Serpente de Bronze

LIVRO DO MÊS S. A.

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

Esta edição das Obras Completas de Humberto de Campos, Série Conselheiro X. X., foi impressa, segundo os desejos dos herdeiros do autor, na ortografia do acôrdo do ano de 1931 entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, do qual o autor foi um dos signatários e cujo vocabulário foi publicado em 1933.

A
ARNALDO QUINTELA
E
JAIME POGI

SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR

“Tornaram logo os israelitas a murmurar, pelo que mandou o Senhor contra êles serpentes venenosas, cuja mordedura queimava como fogo. E morrendo muitos com dôres atrocíssimas, veio o povo ter com Moisés, e disse: — “Pecamos contra o Senhor e contra ti; roga-lhe que nos livre destas serpentes”. Anuiu Moisés ao pedido, e o Senhor lhe deu a seguinte ordem: — “Faze uma serpente de bronze, e arvora-a no alto de um poste; e todo o que, sendo mordido, olhar para ela, será salvo”. Obedeceu Moisés, e todos aqueles que tinham sido feridos, e olharam para a serpente de bronze, ficaram curados”. — D. ANTÔNIO DE MACEDO COSTA, *Resumo da História Bíblica*, § 39, pág. 71.

I

O FILÓSOFO

Educado no Colégio Caraça, o coronel Venâncio Figueira, fazendeiro em Uberaba, havia se contaminado, pouco a pouco, de filosofia e de latim, de modo a preocupar-se, mais do que o necessário, com os graves problemas da vida. Manuseador quotidiano de certos autores profanos, êle se punha, às vezes, a pensar, no alpendre da sua casa de fazenda:

— Sim, senhor! Êsses filósofos têm razão! Êste mundo é tão desigual, tão cheio de injustiças, de irregularidades clamorosas, que qualquer mortal, encarregado de fazê-lo, o teria feito melhor!

E acentuava, melancólico:

— Êste mundo está muito mal feito!...

À noite, porém, reunida a família na sala de jantar, o velho fazendeiro arreganhava os óculos no nariz, tomava a bíblia, chegava para mais perto o lampião de que-rozene, e punha-se a ler, pausado, o “Livro de Jó”. E começava, de novo, a meditar, diante destas palavras do capítulo 38:

“4 — Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência.

“25 — Quem abriu para a inundação um leito, e um caminho para os relâmpagos e trovões?

“41 — Quem prepara aos corvos o seu alimento, quando os seus filhotes implumes gritam a Deus, e andam vagueando por não terem de comer?

Certo dia, dominado pelas idéias reacionárias bebidas em autores modernos, passeava o coronel pelo pátio da fazenda, quando, ao ver as andorinhas que vojavam por cima do gado, voltou novamente a raciocinar:

— É isso mesmo, não há dúvida! O mundo é muito mal arranjado. Aquí está, por exemplo, êste boi. Por que, tendo êle chifres, patas, orelhas, e sendo tão forte, há de viver sempre na terra, a arrastar-se pelo solo, quando aquela andorinha, que não tem nada disso, se locomove, rápida, ligeira, dominando os ares?

Nesse momento, porém, uma andorinha que lhe passava por cima, deixou escapar alguma cousa que lhe fazia sobrecarga, e que foi cair, certa, na cabeça descoberta do coronel. Êste levou a mão instintivamente à calva, e, olhando os dedos, brancos daque-

la indignidade, caiu de joelhos, clamando, arrependido:

— Perdoai-me, Senhor, perdoai-me! O mundo está muito bem organizado! O que nele há, o que nele vive, o que nele existe, foi feito com perfeição, com acêrto, com sabedoria!

E levantando-se, limpando a mão:

— Imagine-se que fosse um boi!...

II

A ROSA AZUL

O comendador Luiz de Faria acabava de fechar os olhos à velha marquesa de São Justino, adoçando-lhe o momento da morte com a notícia alviçareira e mentirosa da completa regeneração do seu neto, o estudante Guilherme de Araujo, quando o encontrei à porta da casa funerária, à espera do seu automóvel. Abalado, ainda, pela emoção daquele instante, em que tivera de lançar mão de uma falsidade para perfumar o último sôpro de uma vida de virtudes e sofrimentos, o antigo par do reino português aceitou um lugar no meu taxi, e confessou-me, em viagem:

— A mentira, meu amigo, é, às vezes, uma necessidade. Aquela de que me socorri há meia hora, para suavizar a morte de uma santa, de uma senhora cuja maior esperança consistia no futuro de um neto que se desgarrara do lar, era tão necessária como a do prior da Cartuxa para alegrar a agonia daquele célebre monge do Bussaco.

Eu olhei, interrogativamente, o meu companheiro de viagem, e êle, percebendo a minha ignorância, indagou, com admiração:

— Não conhece, então, a lenda da rosa azul?

À minha negativa, que lhe pareceu estranha, o comendador apoiou as mãos robustas no castão de ouro da bengala, e contou:

— No Mosteiro da Cartuxa, no Bussaco, em Portugal, vivia, em séculos que já se foram, um piedoso e santo monge, cuja vida se consumia, inteira, entre a oração e as rosas. Jardineiro da alma e das flôres, passava êle as manhãs de joelhos, no silêncio da nave, aos pés de um Cristo crucificado, e as tardes, no nequeno jardim da ordem, curvado diante das roseiras, que êle próprio plantava e regava.

O comendador interrompeu um momento a narrativa, recostou-se na almofada, e continuou:

— A sua paciência de jardineiro era absorvida, entretanto, por uma idéia, que era um sonho: encontrar a rosa azul das lendas do Oriente, de que tivera notícia, uma noite, ao ler os poemas latinos dos velhos monges medievais. Para isso, casava êle as sementes, juntava os brotos, fundia os enxertos, combinando as terras, com que as cobria, e as águas, com que as regava, esperando, ansioso, o aparecimento, no tôpo da haste, do sonhado botão azul! Ao fim de setenta anos de experiências e sonhos, em que se lhe misturavam na imaginação as chagas

vermelhas de Cristo e as manchas celestes da sua rosa encantada, surgiu, afinal, no coroamento de um galho de roseira, um botão azul, como o céu. Centenário e curvado, o velhinho não resistiu à emoção; adoeceu, e, conduzido à cela, ajoelhou-se diante do Crucificado, pedindo-lhe, entre soluços pungentes, que, como prêmio à santidade da sua vida, não lhe cerrasse os olhos sem que êles vissem, contentes, o desabrochar da sua rosa azul.

Uma nova pausa, e o meu companheiro tornou:

— Em volta do santo velhinho, no catre do mosteiro, todos choravam, compungidos. E foi, então, que, divulgada de bôca em bôca, foi a notícia ter a um convento das proximidades, onde jazia, orando e sonhando, uma linda infanta de Portugal. Moça e formosa, e, além de formosa e moça, — fidalga e portuguesa, compreendeu a pequenina freira, no jardim do seu sonho, o valor daquela ilusão, e correu à sua cela, consumindo toda uma noite a fazer, com os seus dedos de neve, uma viçosa flôr de sêda azul, que perfumou, ela própria, com essência de gerânio. E no dia seguinte, pela manhã, morria o monge no seu catre, sorrindo entre lágrimas de alegria, por ter nas mãos trêmulas, por um milagre do céu, a sua rosa azul!

O taxi parava no meio-fio da calçada, quando o comendador acrescentou, estendendo-me a mão agradecida:

— Feliz, meu amigo, aquele que morre, como êsse monge e a marquesa, apertando nas mãos a rosa, mesmo mentirosa, de uma roseira de que cuidou toda a vida!...

III

A BILHA

Sentado em um banco de madeira tôca, colocado por êle próprio diante da sua chácara do “Bom Retiro”, a dois quilômetros de São Fidélis, olha o coronel Saturnino as grandes águas do Paraíba, que rola, sereno e inchado, no rumo de São João da Barra. A cinco metros do honrado fazendeiro, no leito do rio, emergem duas cabeças queridas: a do filho, o Alfredinho, um pirralho louro, forte, vivaz, de quatro anos, feitos em setembro, e a da segunda espôsa, D. Florinda, cujos cabelos castanhos, soltos e molhados, lhe orlam, como um capuz de freira, o formoso rosto moreno. O fazendeiro olha, sorrindo, os dois banhistas que lhe enchem o coração, e dá ordens:

— Não vá para longe, Alfredo. Fique aí mesmo.

E para a espôsa:

— Mergulhe, Lindinha. Está com medo?...

A moça dá um mergulho ligeiro, e aparece mais distante, com os lindos olhos fechados, para que lhe escorra melhor sôbre o colo forte, como pérolas dissolvidas, a água que lhe encharca os cabelos.

Diverte-se o coronel, assim, com os dois anjos que lhe constituem a família, quando, tomando uma bilha velha e inservível que se achava próxima, se põe de pé, e atira, longe, num exercício dos músculos vigorosos, na corrente do rio. Apanhada pela correnteza, a vasilha de barro começa a descer, rápida, rodopiando, arrebatada pelas águas. De repente, porém, com a bôca para cima, começa a encher-se, afundando-se pouco a pouco; até que desaparece, sem deixar vestígio, no tumulto de um redemoinho fervente.

Alfredinho olha, atento, a viagem da vasilha, e, vendo-a desaparecer na voragem, franze o cenho infantil, perguntando, intrigado, ao velho:

— Papai, por que é que a bilha foi para o fundo?

— Porque entrou água; está claro! — explicou o coronel.

— Ela não estava com a bôca para cima?

— Estava, sim.

— E como entrou água?

— Porque estava furada, — tornou o velho.

O pequeno medita um instante, franze a testazinha inteligente, e, olhando Dona Florinda, que se encaminha com o rosto fora d'água para o meio do rio, grita, alto, alarmado, a vizinha fina:

— Mamãe, venha mais p'ra beira!...

IV

O TRÔCO

O Joaquim Pereira acabava de chegar da “terra” com o seu chapelão de abas largas e o seu sólido jaquetão de veludo, quando “sô” Manuel Guimarães, proprietário da Padaria “Flôr de Braga”, o convidou para caixeiro.

— O essencial — avisou, entretanto, “sô” Manuel, — é que sejas honesto. O outro rapaz que eu cá tinha, pú-lo ontem na rua por me haver deitado fora dois mil réis que dele não eram. Toma tu juízo, que, cá, comigo, prosperarás.

O Joaquim prometeu não bolir, jamais, em dinheiro da casa, e, dois dias depois, era admitido, com todos os sacramentos da rêsca e da farinha de trigo, como caixeiro da “Flôr de Braga”. E estava já há uma semana no emprêgo, quando “sô” Manuel o chamou:

— “Sô” Pereira ?

— Cá estou! — acudiu o Joaquim.

— Vá à casa do Almeida, no princípio da rua, e receba esta conta de vinte mil réis.

E recomendou, prudente:

— Cuidado com o dinheiro!

O Joaquim pegou na conta, foi à casa indicada, recebeu uma cédula de vinte mil réis, e vinha, reto, no rumo da padaria, quando se encontrou com um conterrâneo, o Zé Moreira, a quem não tinha visto desde a chegada. Trocados os primeiros abraços, o Moreira convidou:

— Vamos solenizar o encontro! Arre, lá! Vamos cá à cervejaria!

Aceito o convite, foram os dois, beberam duas garrafas, trocaram notícias e saudades, e ia o Joaquim despedir-se, quando o Zé reclamou:

— E quem paga isso?

— Tu, ora essa!

— Mas eu cá não tenho um vintém; e se não pagares tu, iremos os dois bater à cadeia, o que é pior!

Amedrontado e arrependido, o Joaquim arrancou do bolso a cédula de vinte, pagou os mil e seiscentos da cerveja, recebeu dezoito mil e quatrocentos de trôco, e ia pensando no meio de justificar-se perante “sô” Manuel, quando teve uma idéia que pôs em prática. Entrou na padaria pela porta lateral e, chamando o “Leão”, um canzarrão que tomava conta da casa, pôs-se a brincar com êle, aos pulos, até que, de repente, soltou um grito.

— Que é isso lá? — trovejou “sô” Manuel, acorrendo.

Com os olhos em lágrimas, o Pereira contou o desastre:

— Foi uma desgraça, patrão! Imagine o senhõre, que eu vinha cá com o dinheiro na mão, uma cédula de vinte mil réis, e o cachorro avançou-me neles, e enguliu-os!

“Sô” Manuel franziu a testa, calculou o prejuizo, e, de um salto, estava diante do “Leão”, empunhando uma garrafa de óleo de rícino. Auxiliado pelo Joaquim, abriu a bôca ao animal, e, depois de purgá-lo, recomendou ao rapaz:

— Agora, fica-te cá, junto do bicho, à espera do dinheiro. Logo que êle o deite, segura-o.

Meia hora depois estava “sô” Manuel de volta, a saber notícias do purgante.

— Já deitou o dinheiro? — indagou do empregado.

O Joaquim, que esperava, ansioso, por êsse momento, abriu a mão, e mostrou, desfogado:

— Todo, todo, não senhõre; até agora só deitou 18\$400!

E entregou o trôco da cerveja.

A EPILEPTICA

— Estás, então, separado de tua esposa?

— É verdade; internei-a em uma casa de saúde.

E como se tratasse de uma palestra afetuosa, entre amigos que há muito se não viam, o mais moço dos dois, o sr. Nataniel de Miranda, caixeiro viajante de uma conceituada casa da praça, justificou a sua conduta:

— A situação em que ela me colocou era intolerável. Eu seria um perverso, um miserável, um deshumano, se conservasse na minha companhia uma senhora sabidamente enfêrma, perseguida por moléstia tão delicada.

— Era, então, doente?

— Doentíssima! — confirmou o espôso inconsolável.

E como visse nos olhos do amigo uma interrogação luminosa, um desejo de conhecer, fase por fase, os detalhes daquela tragédia de coração, tomou-o pelo braço e, fazendo-o sentar-se em uma das mesas do botequim, principiou, calmo, a descrever-lhe o

caso, deixando esfriar, entre volutas de fumaça, as duas chécaras de café.

— Há muito tempo eu andava desconfiado da moléstia da Luizinha. Afastado sempre de casa por exigência mesmo do meu gênero de vida, ora em excursão pelo interior de Minas, ora por S. Paulo, era com estranheza, com mágoa íntima, que eu observava, de mês para mês, a mudança nos modos de minha mulher. A transformação do seu caráter, das suas maneiras, do modo, enfim, por que definhava, a olhos vistos, fazia-me triste, aflito, preocupado, na suspeita de que alguma coisa de grave, de anormal, se estava passando na sua saúde. Em uma dessas viagens, com a alma carregada de preocupações, confessei a um parente meu, fazendeiro em Uberaba, a desconfiança, que eu tinha, de que ela sofria de ataques, na minha ausência. Ele escutou-me, pensou um momento, e, chamando-me para o interior da casa, perguntou-me por que eu não tirava a limpo essa dúvida, empregando, no caso, a experiência da tigela de leite.

— Da tigela de leite? — interrompeu o amigo.

— Da tigela de leite, sim.

E continuando:

— Esse fazendeiro explicou-me, então, como era a prova. Pega-se uma tigela de leite, e põe-se debaixo da cama, em um lugar que corresponda ao meio do colchão. Em

seguida, toma-se de uma colher, ou de uma vara de uns dois palmos, e amarra-se no estrado de arame, de ponta para baixo, exatamente sôbre a tigela, de modo que, com o pêso natural de uma pessoa, não chegue até o leite, mas de maneira que, com um movimento mais forte, como nos ataques de epilepsia, a colher, ou cousa semelhante, molhe a ponta no líquido da tigela, registrando o fenômeno.

— E fizeste a experiência?

— Espera aí. Chegado ao Rio, procurei um momento em que a Luizinha se achava ausente e fiz o que me haviam aconselhado, com a diferença, apenas, da colher, que, por ser a cama um pouco alta, foi substituída na ocasião, por um batedor de doce, que encontrei na despensa da casa. Feito isso, declarei que ia a São Paulo, e partí. Dois dias depois, voltei.

— E então? — indagou o amigo, ansioso, com a curiosidade nos olhos.

— O batedor tinha batido tanto, tanto, que a tigela...

— Que é que tem? — interrompeu o outro.

E o desgraçado, enxugando os olhos:

— Estava cheia... de manteiga!...

VI

OS SUBMARINOS

À margem do Tieté, em lugar em que o rio se tornava mais claro e menos profundo, tomavam banho, uma tarde, sete ou oito crianças, de quatro a nove anos, entre as quais uma encantadora menina, a Lili, irmã do Armindinho, que era, no grupo, o mais insuportável e barulhento. Com a inocência peculiar à idade, apresentavam-se todos despidinhos, nadando, mergulhando, pulando, como um bando de golfinhos inquietos.

O barulho que faziam, era, como facilmente se imagina, ensurdecedor. Entregues a si mesmos, rolavam-se na areia, atiravam-se terra, empurravam-se, nadando, ora de papo para cima, ora de papo para baixo. com as mãos em movimento dentro d'água, no "nado de cachorro", batendo com os pés na imitação dos navios de roda, ou de barriga para o sol, agitando os braços ritmadamente, como escaleres em marcha pelo impulso regular de dois remos.

Estavam os pequeninos tritões no mais aceso do entusiasmo, quando o Armindinho propôs, gritando:

— Vamos brincar de submarino?

— Vamos! — concordaram os outros, aos pulos, com o busto fora d'água. — Vamos!

Unindo o gesto à palavra, o Arminzinho atirou-se à frente dos companheiros, nadando, ágil, de peito para o ar, meio submerso, dando marcha ao corpo com o movimento das mãos debaixo d'água. Imitando o inovador, os outros pirralhos fizeram o mesmo, de papo para cima, pernas estiradas, silenciosos, como uma verdadeira flotilha de submersíveis.

Momentos depois, de volta à margem, iam repetir a proeza, quando a Lili pediu, nuazinha, batendo as mãos:

— Eu também vou, mano, eu também vou! Sim?

O Arminzinho encarou-a, com a superioridade de um oficial alemão, e protestou:

— Não; você não pode!

E virando-se para um dos companheiros, explicou, com a maior inocência do mundo:

— Ela não tem periscópio; não é?

VII

O NINHO DO CURIÓ

Rosto em brasa, olhos vivos, cabelos alvoroçados, atravessava o Luizinho a praça do povoado, denunciando no desalinho da roupa, no fogo das faces, no susto das maneiras, a sua última travessura, quando, ao passar pela frente da igreja, foi detido suavemente, brandamente, pela bondade do padre Guilherme.

— Venha cá, ó Luizinho!

O garôto tremeu, desconcertado, e o vigário, homem de uns quarenta anos, insistiu:

— Venha cá!

Luizinho chegou-se, respeitoso, de olhos no chão e chapéu entre os dedos, e o sacerdote indagou:

— Então, por onde andou você, hoje?

— Eu?

— Sim, você.

O pequeno corou, envergonhado, e o padre, excelente pastor, pegou-lhe da mão, puxando-o para dentro da igreja.

— Venha cá; venha se confessar.

Um minuto depois estava o Luizinho, com os olhos muito espantados, ajoelhado

no confessionário, a contar ao padre Guilherme o seu grande pecado do dia.

— Eu estive hoje na mata do outro lado do rio, tirando uns ninhos de curió... — confessava o garôto.

— Ninho de curió? — estranhou o confessor, franzindo a testa. — Você não sabe, então, que é pecado tirar os ninhos das avezitas, roubando os pobres passarinhos ao conchego de seus pais?

Luizinho mantinha-se cabisbaixo, vermelho de arrependimento e de vergonha, e não respondeu. O vigário insistiu, porém:

— E onde foi que você achou êsses ninhos de curió?

— Na ingazeira, junto do morro.

— E havia muitos?

— Havia, sim, senhor.

— Pois, não tire mais, não. É pecado, e pecado mortal!

Na manhã séguinte, após uma noite de apreensões aflitivas, ia o garôto procurar umas vacas na outra margem do rio, quando viu, ao longe, o vulto do padre Guilherme, que se aproximava, cauteloso, da ingazeira de que lhe falara na véspera. Luizinho escondeu-se, de um salto, em uma das moitas das proximidades, e observou tudo. Padre Guilherme chegou, com o breviário nas mãos e o nariz no ar, examinou, sondou, olhou pa-

ra um lado, olhou para outro, e, como não visse ninguém, descansou o livro na raiz da árvore, endireitou os óculos e subiu. Momentos depois, assinalados pelo piar dos passaritos implumes e pelo voo das aves aninhadas, o servo de Deus descia da ingazeira, sustentando nas mãos os bolsos da batinha, repletos de curiós.

Luizinho viu tudo isso, da sua moita, e não disse nada. Padre Guilherme apanhou o seu breviário e foi-se embora para a aldeia. Ele tomou, também, o seu varapau, e lá se foi pelo mundo ganhar a vida, até que, anos depois, homem feito, voltou, de novo, à terra do seu nascimento.

Forte, moço, querido das moças, ia, uma tarde, o Luiz pela praça matriz, quando o detiveram pelo braço:

— Olá, Luiz, como vai?

— Oh! o sr. padre Guilherme! — sorriu o rapagão, feliz.

E travou-se a palestra:

— Então, veio à terra para casar, não?

— É verdade, sim, senhor.

O padre deu-lhe parabéns, mas, não satisfeito, insistiu:

— E a noiva?... Afinal, quem é a noiva?

Luiz encarou, firme, o reverendo, e trovejou:

— A noiva? Eu sou tôlo, então, para
lhe dizer quem é?

E, dando-lhe as costas, indignado:

— Pensa, então, que isto é ninho de
curió?...

E afastou-se, resmungando.

VIII

“VITÓRIA-RÉGLIA”

A canoa, puxada a quatro remos, descia o pequeno afluente do Amazonas, desviando-se, ligeira, das grandes manchas de plantas aquáticas que a correnteza preguiçosamente arrastava, quando o velho índio Tibúrcio, sustando a remada, começou a contar-me a mais formosa lenda daquelas ribeiras.

— Antigamente, meu senhor, êste rio era limpo de toda sorte de água-pé, e de corrente tão clara que se podia ver, de dia, as traíras, os piasus e os mandís, rabeando, no fundo, no grande leito da areia dourada. Nesse tempo, morava na cabeceira do rio, onde as águas são mais puras, um velho índio, o famoso Tauí, cuja filha, Jaciara, assim chamada por ser a senhora da lua, era, com os seus olhos mais negros do que o aca-pú, a mais formosa moça das redondezas.

O caboclo enfiou, de novo, o úmido remo no grande leito do rio, fê-lo roncar, soturno, nas profundezas da água silenciosa, e, levantando-o, gotejante, continuou a narrativa:

— Um dia, voltando da caça, adivinhou Tauí, de longe, a presença de um

estranho na palhoça que lhe servia de casa. Arrastando-se, como uma cobra, sôbre as fôlhas do chão, estava o pobre pai a poucos passos da porta de esteira, quando de lá pulou um homem, que desapareceu, de um salto, no seio da mataria.

Duas remadas ressoaram, de novo, profundas, no leito do rio, impelindo a canoa, e Tibúrcio reatou a história:

— Furioso com a traição da filha, o índio, feroz, atirou-se contra ela, esganou-a, e abriu-lhe, de lado a lado, com a ponta da flecha, a caixa do peito moreno. Feito isso, enfiou no seu corpo as grandes unhas de tamanduá, e arrancou-lhe, sangrento, o coração ainda palpitante, que atirou, da porta da palhoça, à clara correnteza do rio.

Impeliu, mais uma vez, a canoa ligeira, fazendo roncar no seio da água o seu pesado remo de massaranduba, e rematou:

— Desde êsse tempo, meu senhor, começaram a aparecer no rio estas verdes plantas errantes, cuja flôr, alva como a lua, dorme no fundo das águas, e rebenta, à noite, com grande estampido, espalhando por tudo, em redor, a doçura do seu perfume.

E apontando-me uma “vitória-régia” que descia, alva e enorme, nos braços cariciosos das águas, acrescentou, compungido:

— Olhe, lá vai uma. É o coração de Jaciara...

E impeliu a canoa, com fôrça.

I X

A MULATA

Aumentados com a descoberta do Brasil os limites civilizáveis do mundo, compreendeu Jeová, do seu trono de nuvens, a necessidade de multiplicar o homem, para povoar, em nome da sua glória, as novas regiões desbravadas. De que espécie devia êle encher, porém, a terra maravilhosa, que se mostrava tão promissora? A raça branca, que êle tanto amava e protegia, dominava, já, na Europa tumultuosa. A Ásia, berço da humanidade, e dos grandes mistérios eternos, fervilhava de homens amarelos, que a enchiam toda, e que se haviam derramado, aventureiros, pelas ilhas circunvizinhas. À própria raça negra, que tanto se lamentava da sua condição e do seu destino, coubera a África inteira, de que se tornara senhora. Fazia-se mister, pois, criar um tipo novo, uma raça nova e bendita, que se apropriasse com autoridade e com orgulho, da nova terra exumada das ondas.

Resolvido isso, tomou o Senhor do seu camartelo, do seu buril, da sua verruma, do material, em suma, com que trabalhava na

fabricação meticulosa dos sêres vivos, e, misturando um pouco da pasta com que fizera o negro, com outra, absolutamente igual na dosagem, de que fabricara o branco, formou com as duas, uma pasta morena e macia, em que se pôs a modelar, cuidadoso, uma figura de mulher.

Concluída a obra, o estatuário quedou fascinado. Última flôr do jardim humano, em que pusera toda a sua experiência de escultor inexcedível, a nova Afrodita resumia, com os seus olhos negros, os seus cabelos crespos, as suas linhas voluptuosas e a sua pele acentuadamente castanha, todos os encantos e todas as graças da criação. Deslumbrado, encantado, embevecido, Jeová mirou-a, remirou-a, examinou-a, banhó-a com a luz dos seus olhos e, de repente, com um sorriso, teve uma idéia. Foi ao laboratório, tomou nas mãos uma fôlha de cebola, um dente de alho, amassou-os, triturou-os, diluiu-os e, voltando à estátua, friccionou-lhe pausadamente os ombros, as espáduas e a parte superior e interna dos braços. Em seguida, ordenou-lhe, recuando:

— “Surge et ambula!”

A estátua moveu-se, preguiçosa, e com um andar lúbrico, remexido, sensual, desceu do sólio em que fôra polida.

Jeová sorriu, de novo, e, com orgulho paternal, apontou-lhe para debaixo do bra-

ço, dizendo-lhe, como dissera a Constantino, na legenda sagrada :

— “In hoc signo vinces!”

A mulata abriu os lábios num sorriso dengoso, e, como o Criador lhe indicasse, com um gesto, o caminho da terra, através das estrêlas, rumou, enamorada de si própria, em direção ao Brasil. Vinte e quatro horas depois, porém, batia, de novo, à porta da oficina celeste.

— Você por aquí, ainda? — estranhou Jeová, espantado.

A mulata baixou os olhos, procurando justificar-se:

— Foi impossível chegar ao meu destino, meu Senhor; e eu, então, regresssei, alí, das nuvens.

— Por que? — trovejou o Criador, indignado.

E ela, corando, envergonhada:

— As almas dos portugueses não me deixaram passar...

X

AS PERDIZES

Chegado do interior de Minas, onde nasceu, vive, e não sabe se morrerá, o capitão Venâncio Pimentel, coletor em Poço-Fundo, ficou deslumbrado com o Rio de Janeiro. Com uma dezena de contos no bolso, provenientes da arrecadação semestral da coletoria, tomou o simpático sertanejo a deliberação de conhecer a cidade, guiando-se por si mesmo, dispensando, em tudo, o auxílio de estranhos. Teatros, cinemas, restaurantes, subúrbios, estabelecimentos públicos, tudo isso recebeu, de passagem, a visita da sua curiosidade.

Nada, porém, lhe causou tanta admiração, como a quantidade de mulheres desacompanhadas que encontrava na rua, principalmente nas proximidades do ponto dos bondes do Jardim Botânico, depois das nove horas da noite. Adivinhando-lhe a procedência, e farejando-lhe o dinheiro, essas criaturas infelizes acercavam-se do forasteiro, olhando-o de esguêlha, sorrindo-lhe com brejeirice, num desafio maneiroso e calculado. Êle fixava, então, a leviana, que to-

mava o bonde, e acompanhava-a até a Lapa, até o Catete, ou até a Glória, de onde voltava ao ponto de partida, para experimentar, de novo, quatro, cinco, seis, oito vezes, as mesmas sensações da conquista.

Uma destas noites ia eu tomar o carro, às onze horas, em companhia do sr. deputado Antônio Carlos, quando êste descobriu, no ponto de costume, o capitão Venâncio, a quem me apresentou, contando-me, ao mesmo tempo, a fraqueza do seu velho correligionário e concidadão.

— Que gôsto acha o senhor nessa extravagância, sr. Pimentel? — perguntei eu, escandalizado, ao mineiro, acentuando as palavras com a tonalidade proposital da minha censura.

— Gôsto? — atalhou o sertanejo. — Gôsto, eu não acho nenhum. Eu acho é engraçado.

— Engraçado? — estranhei.

— Sim, senhor. Eu faço isso para me lembrar de Minas, das minhas caçadas no Poço Fundo. Cada mulherzinha dessas é mesmo que perdiz.

— Perdiz? — interveio o dr. Antônio Carlos, admirado.

— Sim, senhor. Vossa Senhoria nunca andou caçando perdiz?

E explicou, ajudando a palavra com a mímica:

— A gente vai às vezes, pelo mato, pisando aquí, pisando alí, cauteloso, com a espingarda calada, quando ouve, de repente, um barulho no chão, entre as fôlhas. Olha, e vê: é a perdiz que está no folhedo, imóvel, quieta, olhando para a gente. Sentindo-se descoberta, solta um vôo baixo, rasteiro, junto do solo. A gente não atira: vai andando, vai seguindo, vai acompanhando a bicha, até que ela, afinal, chega no ninho.

— E quando a perdiz chega no ninho, que é que faz? — indaguei, curioso.

E o capitão, rindo:

— Que é que faz? Deita-se!

E saltou para o estribo de um bonde, espantando uma revoada...

X I

A OBRA-PRIMA

O almirante Ribas acabava de referir às senhoras, à mesa de jantar, a origem da mulata nacional, tal como eu a contei, aquí, há poucos dias, quando o desembargador Pessegueiro, recompondo as guias do bigode grisalho e cuidado, atalhou, com orgulho:

— Há engano nessa tradição, sr. almirante: há engano. A mulata não teve origem no céu, como se diz; a sua origem, para glória nossa, é toda terrena.

E recostando-se na cadeira, apoiando-se na mesa com ambas as mãos, começou, pausado, a sua narrativa:

— O preto, o branco e o amarelo, que habitam a África, a Europa, a Ásia e a Oceânia, foram, realmente, modelados por Jeová, que os reconheceu, de fato, como seus filhos. Atirando-os, aos milhares, ao mundo, êle os conhecia todos, regulando-lhes a vida e a morte. E tanto assim, que, quando aparecia, no céu, de volta da terra, um branco, um preto ou um indivíduo de raça asiática, êle o tomava, paternal, pela mão, reconduzindo-o ao convívio dos bem-aventurados.

Feita uma pequena pausa, o desembargador continuou:

— Certo dia, porém, bateram à porta de ouro do céu. Solícito, como sempre, São Pedro correu a abrí-la, e recuou, deslumbrado: era a primeira mulata que, requebrada, cheirosa, encantadora, incomparável, penetrava, triunfante, no Paraíso!

As senhoras sorriam, admirando o entusiasmo do velho magistrado, e êle, sorrindo com elas, retomou o fio à narrativa:

— A presença daquela criatura estranha, tão rica de encantos, de graça, de seduções, agitou, de pronto, a morada celeste. Anjos e serafins rodeavam-na, fascinados, tontos, embriagados de beleza. Estrêlas que viviam isoladas no azul, achegavam-se, cochichando, formando constelações. E uma grande música religiosa ressoou pelas alturas, celebrando, num enlêvo, o maravilhoso acontecimento.

Nesse ponto, com os braços e os lábios abertos, o desembargador quedou-se, como num êxtase. Passado um minuto, continuou:

— Avisado da novidade, Jeová quis êle próprio, ver o prodígio; e, descendo do seu trono de pedrarias, encaminhou-se, com o seu cortejo de arcanjos, no rumo da porta, onde se achava a mulata, rodeada de santos e querubins. Chegando aí, ao vê-la, êle próprio recuou, tapando os olhos com as mãos;

diante dêle, a cabeça pendida para um lado, os lábios entreabertos num sorriso, e os olhos entrefechados num delíquio, a recém-chegada esperava-o, doce, linda, maravilhosa! Passado o primeiro momento de pasmo, o Supremo Arquiteto levantou o rosto venerável, e, com a barba soberba derramada pelo peito largo, bradou, deslumbrado:

“— Eu fiz a raça preta, que povoou a Líbia ardente, suportando, impassível, o fogo dos desertos. A raça amarela, cujas mulheres pequeninas e tímidas, enchem a Ásia, é obra minha. A mulher branca, delicada, mimosa, de olhos azues e cabelos de ouro, saiu das minhas oficinas. Que artífice terá, porém, imaginado e realizado esta jóia, esta obra-prima da natureza, esta flôr incomparável da criação?”

Nesse momento, os bem-aventurados abriram alas, deixando ver uma figura curiosa: barba feita, bigode retorcido, correntão de ouro atravessado sôbre o colête, que lhe dava maior vulto à obesidade, appareceu, sorridente, o Manel da Venda, exclamando, com orgulho:

— Eu, Senhor!

Ante essa confissão, Jeová, não resistiu: encaminhou-se para o Manel, que o olhava desafiadoramente, e, sem se conter, bradou, com os olhos úmidos:

— Mestre!...

E apertou-lhe a mão, comovido.

XII

MAMÃE

Chapelinho de palha de grandes abas e de grandes fitas atirado para a nuca e prêso ao queixo, em baixo, por um elástico de sêda que lhe flagiciava as carnezinhas tenras; calcinha pelo joelho, cinto de mulher e bengalina à mão, vai o Antoniquinho, com os seus três anos de idade, pela rua Gonçalves Dias, arrebatado pela pressa elegante da sua mamãe.

Seguro pela mão esquerda, com a bengalina na direita, debalde procura o pequenito deter-se diante das vitrinas, para ver os manequins, os macacos de veludo, os ursos de pelúcia, os cavalinhos de páu, as cousas galantes ou vistosas que lhe encantam os olhos. A boquita quasi do tamanho do pipo de borracha de que prescindira no ano anterior, não se cansa de papaguear. As suas perguntas, que são as mais ingênuas e atrapalhantes, ficam, porém, sem resposta. D. Odete vai apressada, sem saber mesmo o motivo, e não pode prestar atenção, ao mesmo tempo, à gentileza dos conhecidos, que a saudam atenciosos, e à insaciável curiosidade do Antonico.

De repente, com a atenção despertada por um rico vestido de passeio, a moça estava, sem abandonar a mão do pequeno, diante de um mostruário de modista. Desinteressado das modas, Antonico prefere olhar uma vitrina de casa de flôres e aves, que fica ao lado, e em que se vê, perto de um casal de grandes galinhas pretas, alguns ovos de raça. Sem outra cousa a perguntar no momento, o pirralho ergue os olhos muito negros e muito vivos, indagando, em voz cantada e doce, como a de um anjo:

— Mamãe, galinha preta põe ovo branco?...

D. Odete não lhe responde; toma-lhe da mãozinha tenra, miúda como um jasmim, e parte, de novo, apressada. Adiante, porém, com a rapidez da marcha, atrapalha-se com a sua bengala de dois palmos de comprimento, enfia-a entre as perninhas nuas, tropeça, rodopia, e vai ao chão, esfregando os joelhos no asfalto. Vem-lhe uma vontade de chorar, mais do susto do que da queda. O beicito treme, abotoando num cravo. Dona Odete prevê, porém, o berreiro, suspende-o do solo pela mão, e infunde-lhe coragem, ânimo, dignidade, sacudindo-lhe com o lenço, o joelhinho escoriado:

— Não chore, meu filho, não chore!

E sem dar pelo que dizia:

— Seja “homem”, como sua mãe!

XIII

A INTENÇÃO

A pequenina igreja de Santa Engrácia estava quasi despovoada de fiéis, que se iam retirando, um a um, molhando os dedos na água benta, quando o Onofre penetrou no templo, desconfiado, chapéu na mão, camisa para fóra da calça, à maneira da terra, procurando falar a padre Lourenço, que se achava, no momento, arrumando a paramenta eclesiástica na pequena cômoda da sacristia. Ao ver o caboclo, afamado em toda a vila pela sua desenvoltura, o sacristão, o Zèzinho, correu ao seu encontro, levando na mão, pingando cera, o apagador de velas com que abafava, naquele instante, as últimas luzes do altar-mor.

— Que é que você quer, Onofre? — indagou o sacrista. — Quer falar com “seu” vigário?

— Chame êle! — respondeu o caboclo, soturno.

Cinco minutos depois, após as explicações preliminares, estava o desordeiro ajoelhado diante do confessionário, torcendo o chapéu nos dedos, com o cabelo a cair, em

cachos revoltos, sôbre a testa e sôbre os olhos.

— Qual é o pecado de que se acusa, meu filho? — indagou o sacerdote, bondoso, procurando conduzir com jeito aquela ovelha bravia.

O caboclo baixou a cabeça, e confessou:

— Eu não matei, nem roubei ninguém, não, “seu” vigário. Meu pecado é um pecadinho de nada. É uma porcariazinha de pecado que nem presta p’ra dizê.

— Conte, filho; conte sempre! — animou o padre.

Onofre tomou fôlego, e principiou a narrar:

— O’ie, “seu” vigário, foi assim. Eu tinha brigado com o Chico Julião, da Lagoa Funda, e jurei tomá um desfôrço, dando as tripa dêle p’r’os urubú cumê. Ontem, de tardinha, me armei, e fui fazê o serviço. Êle tava na porta da casa com a muié e os fio dando cumê p’r’os bicho miúdo. Eu me apiei e avancei p’ra êle disposto a matá; mas fiquei tão penalizado, “seu” vigário, com a vista da famía, fiarada que ia ficá sem pai, que, em vez de matá o infeliz, só metí a pontinha da faca no couro dêle, um pedacinho de nada. O cabra deu um pulo p’ra riba, e lá ficou vivo, só com um arranhãozinho na costela, feito p’ra amedrontá. “Seu” vigário acha que isso é pecado?

Padre Lourenço tomou uma pitada, assoou-se, com estrondo, no lenço de Alcobaça, que lhe tirava todas as dúvidas, e obtemperou, convicto:

— É pecado, sim, meu filho; é pecado. É tão grande como o de morte!

— Mas eu não matei, “seu” vigário! — protestou o caboclo.

— Não importa. Houve o pensamento, a idéia de matar. E o que vale, meu filho, é a intenção!

Onofre baixou a cabeça, humilde, e o padre continuou:

— Eu vou dar-lhe uma penitenciazinha, e você não torne a cair noutra.

Assoou-se, de novo, e explicou:

— Você vai rezar quarenta e oito padre-nossos, setenta ave-marias, e setenta salve-rainhas. Antes de sair, porém, você vai pôr, alí, no cofre das almas, uma prata de dez tostões.

E levantando-se:

— Vá!

O caboclo ergueu-se, pôs o chapéu de baixo do braço, exumou no bolso da calça uma prata de dez tostões que lá dormia, encaminhou-se para o cofre, que ficava perto da porta, e, jeitoso, começou a friccionar, com a moeda, a entrada da caixa, sem deixar, entretanto, que ela escapulisse para dentro. Feito isso, ia meter de novo a prata

na algibeira, quando padre Lourenço, que o observava, lhe gritou, de longe:

— Psiu! Que é isso? Vai levando o dinheiro?

O caboclo voltou-se, da porta, e protestou, com um risinho canalha:

— Uê! A “tenção” não vale?

E ganhou a rua.

XIV

OS JASMINES

— Que linda flôr, almirante; e que perfume!

Foi assim que a linda viúva Dagmar Antunes recebeu, num arrulho gracioso, a florzinha alva, a mimosa estrelinha de neve, que o almirante Ribas destacara, gentil, da botoeira do seu “smoking” impecável.

— Dona Dagmar não conhece, porventura, a história desta flôr? — perguntou, risonho, o velho marinheiro, tomando lugar ao lado da moça, no mesmo canapé.

E como a encantadora senhora lhe respondesse com o enigma de um sorriso, o almirante começou, falando-lhe quasi ao ouvido:

— Para a primeira mulher, como a senhora sabe, a expulsão do Paraíso teve a importância de uma verdadeira calamidade. A maldição de Jeová tombava, principalmente, sôbre ela, sôbre o seu destino, sôbre a sua felicidade na terra. Era ela que ia sofrer, dalí em diante, as dôres da multiplicação da espécie. Era sôbre ela que iam recair as penas, os trabalhos, os cuidados da vida doméstica. Era sôbre ela, em suma, que iam pesar as preocupações do vestuário, da mu-

dança quotidiana da fôlha de parreira. E, por isso, era com o coração aos pedaços que ela ia deixar, para sempre, aquele abençoado domínio do Senhor.

Nesse ponto, fez pausa, olhou os dentes miúdinhos da moça, que continuava a sorrir, e acrescentou, bordando a fábula:

— Expulsos do Éden, Adão e Eva baixaram a cabeça, e partiram, tristes, humildes, abatidos, para a horrível solidão do degrêdo. Assim, porém, que ultrapassaram os limites do grande jardim das delícias, nossa primeira mãe não pôde mais. Os lindos olhos umedeceram-se-lhe, como violetas tocadas de orvalho. E à medida que ela ia andando, iam as lágrimas caindo uma a uma, dos seus grandes olhos, assinalando, na areia, como pérolas do mesmo colar, as curvas do seu caminho. No dia seguinte, porém, ao amanhecer, o rosto da primeira mulher iluminou-se de uma divina felicidade; marcando os seus passos no Deserto, a areia aparecia semeada de florzinhas em forma de estrêla, alvas como a inocência e cheirosas como o pecado!

Virou-se mais para a moça, e explicou:

— Foi assim, das lágrimas da mulher, que nasceram os jasmims!

E olhando-lhe nos olhos, com a voz trêmula:

— E foi nas pétalas dos jasmims, Dona Dagmar, que Deus talhou os seus dentes!

X V

EDUCAÇÃO ANTIGA

As pessoas que desceram à cidade sexta-feira pela manhã, ouviram falar, com certeza, em uma vaia de que teria sido vítima, em plena Avenida, uma senhorita inconvenientemente vestida. Indignadas com a competência daquela atrevida, outras senhoras explodiam em exclamações admirativas, a que os homens, para agradar à maioria, deram seguimento, rompendo em assuada.

A mim, me custa a crer que isso tenha acontecido, por uma circunstância muito natural: por não ser possível, mais, na cidade, uma *toilette* capaz de motivar surpresa. As que se exibem na Avenida impunemente, todos os dias, são de tal ordem, que, para causar escândalo, pasmo, admiração, seria preciso, não, apenas, tirar o vestido de cima da pele, mas tirar a pele de cima do corpo.

Comentava eu êsse incidente, ontem, à noite, em uma roda de damas e cavalheiros, quando uma das senhoras menos jovens, Dona Ernestina Vale, procurou uma explicação para êsse descalabro:

— O motivo dessa falta de pudor de certas moças de hoje, — começou, perspicaz — deve ser atribuído, sr. conselheiro, aos próprios pais, ou, antes, às mães.

E expôs o seu pensamento:

— O senhor vê, hoje, como as mães vestem as crianças. Não há dia em que não encontremos na rua meninas de quatro, seis, oito e, até dez anos, com os vestidinhos muito acima dos joelhos, com os bracinhos nus, o colozinho à mostra, numa exibição completa das suas carnezinhas tenras. Aos doze anos, já mocinhas, a *toilette* dessas criaturinhas apresenta pequena diferença. E como não tiveram, em criança, a noção do pudor físico, entram assim na mocidade, sem tentar esconder as partes do corpo que nunca lhes disseram que deviam ser escondidas.

— A senhora acha, então, que elas fazem isso sem maldade? — obtemperou o Dr. Austregésilo, tomando nota na carteira.

— Perfeitamente, doutor! Elas fazem isso com a maior inocência do mundo. Os índios não se apresentam inteiramente nus aos olhos dos civilizados? E não o fazem ingênuamente, inocentemente, por terem sido criados assim? Criemos as meninas com decôro, vestindo-as com discreção, e teremos moças discretas, pudicas, decorosas, ciosas do seu corpo e dos seus encantos.

E, dizendo-me isso, acrescentou, severa, calçando as luvas, deixando-me ver, pelo vestido decotado e sem mangas, dois sinai-zinhos negros, quasi imperceptíveis, que se lhe aninhavam um pouco abaixo das axilas:

— Assim é que eu fui criada!

XVI

AS CRUZES

As senhoras grazinavam, como periquitos em roçado, em tórno da mesa do chá, quando Mme. Gama Simpson se curvou, rindo com alarido, sôbre a toalha de linho bordada de cegonhas vermelhas, numa escandalosa explosão de alegria. Segurando em uma das mãos a taça de porcelana e na outra, fechadinha como um botão de rosa, uma torradinha côr de ouro, a linda criatura ria despreocupadamente, agitando-se na cadeira, quando, com o movimento do corpo, lhe saltou do colo de neve e rosa, pela janela de sêda do decote, a sua custosa cruz de brilhantes, fugindo-lhe para o ombro, com o risco de perder-se.

— Cuidado com a cruz, madame! — avisou, atencioso, do outro lado da mesa, o conselheiro Atanásio, que observava, sem perder um movimento do solo, as ondulações do Calvário e os arredores de Jerusalém.

Dona Lisete olhou o decote, apanhou a cruz fugitiva, e, aconchegando-a à carne rosada, queixou-se, risonha:

— Também, que idéia esta, de inventar cruzes para o colo da gente!

— Vossa Excelência não sabe, então, o que elas significam, na opinião de Tabarin?

As senhoras mostraram-se curiosas de conhecer a origem daquele costume, e o antigo palaciano começou, medindo as palavras:

— Na Idade-Média, quando eram deficientes os meios de comunicação de cidade para cidade, de aldeia para aldeia, de um castelo para outro castelo, os monges, que dominavam nos países barbarizados da Europa, tomaram a si a incumbência de marcar os caminhos, cujas direções eram assinaladas por meio de cruzes. Ao deparar, na mata ou na montanha, um dêstes símbolos da cristandade, o viajante já sabia que não errara o seu roteiro, e que a estrada era, mesmo, por ali...

— Mas... — interrompeu, impaciente, Mme. Souza Batista.

— Espere... — implorou o conselheiro.

E continuou:

— Mais tarde, com o advento das modas femininas, e com o aproveitamento, por parte das mulheres, de todas as conquistas do homem, entenderam elas de utilizar o mesmo símbolo com a mesma significação.

— A cruz no colo das mulheres quer dizer, então, alguma cousa? — interrompeu, franzindo a testa, Mme. Werter.

— Evidentemente, minha senhora! — tornou o conselheiro.

E explicou:

— Elas estão dizendo, como nas montanhas antigas, que... o caminho é por alí!

Quando o conselheiro terminou a sua narrativa, Mme. Simpson procurou a sua cruz de brilhantes, e tomou um susto. Com os seus modos estabaneados, a cruz havia, de novo, abandonado o decote, e fugido para trás...

XVII

O PERFUME

Saída do colégio em dezembro último, Angelita recebeu da sua mamãe a promessa de um vestido de passeio, um verdadeiro vestido de moça, escolhido por ela mesma, assim que regressassem da fazenda em Barra Mansa, depois do Carnaval. Inocente ainda, foi batendo os dois lírios das mãos que a menina ouviu a notícia. E foi, para ela, para os seus dezesseis anos incompletos, um momento de alegria irreprimível, aquele em que, sentada na sua cama alva, pura como um berço, escolheu, manuseando uma dúzia de revistas de modas, o figurino que mais lhe encantava os olhos.

Feita a encomenda a uma das modistas do bairro, foi esta, dias depois, levar o vestido à última prova. Contente, feliz, pulando pela casa, era com uma jovialidade descomedida que Angelita recebia a costureira. E não foi sem um certo calor na face, e sem um certo tremor nos dedinhos afilados, que desabotoou a sua blusinha leve, patenteando os encantos do seu colo virgem, do seu corpo desabrochante, aos olhos da-

quela senhora estranha, habituada a ver, certamente, por aí, por exigência do seu próprio ofício, centenas de corpos pecadores.

— Tire o corpinho também, mademoiselle, — ordenou a modista.

A menina enrubesceu mais:

— O corpinho, também?

Minutos depois, trajando o seu lindo vestido novo, Angelita abria de par em par a porta da sua alcova, onde estivera encerrada, sòzinha, com a costureira. Estava deslumbrante. Era um maravilhoso figurino de verão, bordado a sêda, com um rosário de pequeninas flôres à cintura, que lhe punha em destaque, no colo e nos braços, a imaculada frescura da pele. Curvando-se, risonha, numa grande mesura, foi a moçinha perguntando, logo, a Dona Adelaide:

— Então, estou linda?

A ilustre senhora, que a esperava na sala de jantar, junto à mesa, abriu os braços, para receber a filha.

— Que tal? — tornou a moça.

Dona Adelaide beijou-a nos cabelos castanhos e, com um sorriso de bondade, em que lhe ia toda a alma, externou o seu pensamento:

— Está muito bom, muito lindo, mas falta uma cousa.

A menina arregalou os grandes olhos escuros, immobilizando no rosto um sorriso de espanto.

— É aquí! — explicou a senhora, pondo-lhe a mão aberta sôbre o colo de neve.

E abraçando a menina:

— As mulheres, minha filha, são uma essência delicada, de que o vestido é o vidro. Um vestido decotado é um vidro desarrolhado, por onde se evola, insensivelmente, o pudor da mulher...

E lançou, maternal, sôbre o colo da filha, a macia misericórdia do seu claro lenço de seda.

XVIII

EXPERIÊNCIA

Companheiros de mocidade, o comendador Otacílio Fagundes e o desembargador Portela haviam se separado, de repente, em uma das numerosas encruzilhadas da vida. Dedicados, um ao comércio, e outro à magistratura, havia cada um dêles seguido o seu caminho, apertando a mão do companheiro. E nunca mais tiveram notícia um do outro.

E, no entanto, haviam os dois prosperado. Dirigindo-se para Santos, onde um tio, velho comerciante de café, lhe oferecia um lugar no escritório, progredira Fagundes rapidamente, até que se tornara, por morte do tio, o único proprietário da casa. Tomando o rumo da Côrte, com a sua carta de bacharel, o amigo não havia sido menos feliz. Hábil, maneiroso, aproveitando as situações sem quebra de dignidade, não lhe foi difícil um cargo de juiz em pequena província do norte, de onde regressara, afinal, ao sul, como desembargador aposentado.

Quarenta anos haviam decorrido, quasi, sôbre a separação dos dois infatigáveis campineiros, quando, um dêstes dias, indo

receber um cheque no Banco do Brasil, o comendador Fagundes ouviu gritar, na pagadoria, ao portador de uma ordem de pagamento: — Francisco Ribeiro Portela!

Atendendo ao chamado, aproximou-se, empertigado ainda, um ancião de sessenta anos, vestido com distinção, demonstrando nos modos, no porte, nas maneiras, saúde e prosperidade.

Ao anúncio daquele nome, o comendador Fagundes, que assinava o cheque em mesa próxima, voltou-se, rápido, com o pêso das suas banhas e dos seus setenta anos, e encarou o outro. E encaminhando-se para êle, indagou:

— É o Francisco Portela, de Campinas?

— Sim, senhor.

— Eu sou o Otacílio Fagundes.

Um abraço enorme, que mais parecia um assalto de luta romana, selou êsse encontro de duas saudades.

— Fagundes!

— Portela!

Três minutos depois estavam os dois velhotes a um canto, de pé, enxugando os olhos, trocando notícias da vida e da fortuna. O capitalista contou, primeiro, como ficara com a casa do tio; como lhe corriam admiravelmente os negócios; como lhe havia sido, em suma, favorável, no mundo, a roda do Destino. E o magistrado contou-lhe, de-

pois, como subira, como prosperara, como enriquecera, como havia chegado, enfim, ao mais alto posto da sua carreira, no Estado. De repente, porém, o comerciante indagou:

— E constituíste família?

— Eu? Não. Continuei solteiro. E tu?

— Eu casei-me.

— Casaste?

— É verdade.

— Há muito tempo?

— Não. Há dois anos. Casei com uma menina de vinte anos, minha afilhada, e já tenho um filhinho.

— Um filho? — indagou o desembargador, recuando.

E ao ouvido do comendador, indignado:

— E de quem tu desconfias?

XIX

ILUSÃO

Abraçado a um poste de iluminação elétrica, tonto de cerveja e de fome, o velho boêmio levantou os olhos para as estrêlas longínquas, naquela madrugada fria, sentindo a terra, em tórno, estremecer e rodar. Com mêdo de cair, o notívago apertou mais o poste de encontro ao peito, fechou os olhos e começou a sonhar.

A princípio era um monte de moedas de ouro, postas umas sôbre as outras, que lhe dava quasi pelos joelhos. De repente, o monte começou a subir, a crescer, a avolumar-se, atingindo a sua altura e galgando o espaço, rápido, como um caule dourado de crescimento vertiginoso. O boêmio acompanhava o desenvolvimento daquela árvore curiosa, quando, no escândalo daquela ascensão, lhe viu desaparecer a ponta nas nuvens, estabelecendo uma corda de ouro, fina e imensa, ligando a terra ao céu. Olhava-a êle admirado, quando ouviu uma voz, que lhe dizia:

— Sobe, Alfredo!

O notívago segurou-se à corda de ouro, feita de moedas acumuladas, e principiava a subí-la, quando esta, de repente, estalou, partindo-se, fazendo-o vir aos trambolhões pela altura, estatelar-se, com fôrça, no chão.

Abrindo os olhos, o boêmio sentiu-se assentado no calçamento da rua, ao lado do poste. Espantado, passeou a vista em redor, e, detendo-a em certo ponto, viu no asfalto, caída da algibeira de algum transeúnte, uma pequena moeda de cem réis. Estendendo a mão, apanhou-a, revirou-a nos dedos, examinou-a, e, ao fim de tudo isso, pensou, num sorriso de consôlo:

— Felizmente, sempre ficou, no chão, a ponta da corda!

E metendo o níquel no bolso, continuou, aos trancos, o seu caminho.

XX

FERRABRAZ

O coronel Otaviano de Meireles, comandante de um batalhão da Guarda Nacional aquartelado em Niterói, era conhecido em toda a cidade pela sua valentia, e, em especial, pela sua intransigência em questões de honra. Casado com uma das senhoras mais formosas do bairro, era tal o pavor infundido pelo seu nome, que ninguém se atrevia, sequer, a levantar os olhos para sua cara metade. Aquele que tal fizesse, era, na opinião de toda a gente, um homem liquidado.

Foi por êsse tempo, e quando mais se acentuava, em toda a praia de Icaraí, a fama da coragem do coronel, que passou a residir na vizinha capital o jovem advogado dr. Otacílio Fernandes, que não era coronel, nem major, nem capitão, nem tenente, mas fôra, sempre, um dos mais famosos namoradores de Niterói. Proprietário do prédio em que o coronel residia, não foi necessário grande esforço da parte do moço para travar amizade com o inquilino; e esta foi tão rápida, e tão sincera, que, uma semana depois, era o dr. Otacílio convidado para

um almôço, no primeiro domingo, na residência do brioso militar.

Chegado o dia, lá estava, na praia de Icaraí, o jovem capitalista. Risonho, amável, dissimulando com um sorriso gentil a austeridade da sua fisionomia marcial, correu o dono da casa ao portão, para receber o convidado e fazê-lo subir até à sala, onde madame já o esperava, obsequiosa e linda, com o rosto a emergir, como uma grande rosa, das espumas de neve do seu elegantíssimo “peignoir” de linho e renda.

— O dr. Otacílio Fernandes — apresentou o coronel.

E ao recém-chegado:

— Minha espôsa...

Minutos depois, sentados à mesa redonda, em que havia apenas três talheres, a palestra corria jovial, feliz, entre petiscos saborosos e sorrisos significativos, quando o telefone tilintou. Era o procurador do coronel que reclamava a sua presença, urgente, na estação das barcas, para ultimação de um negócio inadiável.

— Diabo! — exclamou o bravo militar. Tenho de ir, não há remédio!

E virando-se para o capitalista, enquanto desamarrava o guardanapo:

— Esteja à vontade, doutor. É questão de meia hora. Fique por aí; eu não demoro!

E para a espôsa:

— Orminda, faze as honras da casa ; eu venho já!

Mal o coronel tomou o bonde, duas taças se chocavam no ar, por cima da mesa, festejando ruidosamente aquele encontro, há tanto desejado. E de tal forma foi a saudação, que, ao reentrar em casa, o coronel foi encontrar os dois no seu gabinete, num colóquio de excessiva intimidade. Apanhado em flagrante, o advogado pôs-se de pé, lívido. Apoiado na porta, que empurrara, o coronel encarou trovejando:

— Sim, senhor, sr. Dr. Fernandes!

Pálido, trêmulo, o advogado lembrou-se da fama do coronel, e sentiu que chegara a última hora da sua vida.

— Sim, senhor! — tornou o militar.

E abrandando a voz:

— Você não tem medo de uma congestão?

X X I

INDEFESA

O Dr. Edgar esperava há meia hora na sala de visitas a formosa dona daquela casa, e evocava, saudoso, o tempo em que a conhecera.

Fôra há seis anos, em uma festa náutica, em Botafogo. Passageiros da mesma lancha, êle acompanhava um páreo, detidamente, com o seu binóculo de marfim, quando alguém lho arrancou violentamente dos olhos, gritando-lhe com alvoroço:

— Ora, empreste-me! sim?

Êle voltou-se, e viu que o seu binóculo estava ao serviço de dois olhos tão verdes como as águas, e, preso dêles, não conseguiu mais, nesse dia, acompanhar um número sequer daquela campanha esportiva, travada nas ondas.

Dentro de seis meses estavam noivos. E um dia, por um arrufo, por um breve ciúme sem causa, acabou-se o noivado, partindo êle para a Alemanha, a aperfeiçoar os estudos, ficando ela, jovem e linda, no Rio, onde se casara, afinal, com um advogado, quatro meses antes do seu regresso.

Êle sabia do casamento quando a encontrou, uma tarde, na Avenida.

— Então, de volta, doutor? — exclamou a maravilhosa criatura, estendendo-lhe a mão pequenina, numa grande alegria.

— É verdade. E venho encontrá-la mais formosa, mais risonha, e, com certeza, mais feliz!

— Sabe que me casei? — tornou a moça, despedindo-se. — Apareça em nossa casa. Teremos imenso prazer em recebê-lo.

E apertando-lhe a mão, com um olhar, que era um relâmpago:

— Vá! Sim?

Recapitulava o jovem médico êsses episódios, origens daquela visita, quando ressoaram passos na escada, e surgiu à porta da sala, deslumbrante de graça e de mocidade, a figura que mais o encantara na vida.

— Oh!... — exclamou, deslumbrado, pondo-se de pé.

Sentaram-se os dois, pálidos, entreolhando-se em silêncio. De repente, com uma audácia imprevista, êle aventurou, inconsciente:

— Estás deslumbrante, Ecilda! Estás tentadora... maravilhosa... irresistível!

E, de súbito, cerrando os dentes:

— Se tu não gritasses... eu me precipitaria sôbre ti, cobrindo-te de beijos!

A moça, trêmula, os lábios entreabertos, olhou-o nos olhos, e, levando à garganta a mãozinha branca, sussurrou, apenas, a meia-voz, tranquilizando-o:

— Estou... rouca!

E fechou os olhos...

XXII

A SANTA CASA

(Paródia a uma sátira de Emílio de Menezes)

As nuvens começavam a tomar uma côr arroxeadada, anunciando o fim do crepúsculo e o início de uma noite soturna, quando alguém bateu, medroso, à luminosa porta do Céu.

— Quem bate? — gritou de dentro, S. Pedro, arrastando as suas alpercatas de couro e tilintando, trêmulo, a sua enorme penca de chaves.

— Sou eu! — respondeu de fora o recém-chegado.

Aberta a portinhola do parlatório, informou o retardatário haver sido despachado da vida naquele dia, com destino à mansão dos justos, onde devia, portanto, ser admitido.

— Aquí? — observou o apóstolo, espantado. — Aquí, não. Todas as pessoas que tinham de entrar hoje, já entraram. Não falta mais nenhuma.

E bondoso:

— Não será engano seu, meu filho? Você não terá sido despachado para o Purgatório?

O peregrino admitiu a hipótese de uma confusão, e, saltando de nuvem em nuvem, como quem salta de rochedo em rochedo, foi ter à porta do Purgatório, onde bateu.

— Quem vem lá? — trovejou um anjo, escancarando, com um gancho, a rubra fornalha das penitências.

O desventurado deu o seu nome, e, momentos depois, reabriu-se o forno.

— Há engano na direção, camarada! — informou o guardião, soprando, severo, a sua vermelha espada de chama. — O seu lugar não será no Inferno? Aquí, é que não é. Não consta nada sôbre a sua pessoa!

E, fechando a fornalha, deixou-o na amplidão, tristonho, solitário, abandonado, tendo aberto, apenas, à sua frente, o caminho escuro do Inferno. Resolvido a cumprir o seu destino, tomou o infeliz êsse rumo, até ir ter, corajoso, à porta da caverna formidável.

— Quem é? — rugiu, de dentro, uma voz que parecia um trovão.

Tremendo de pavor, o mísero deu o seu nome, e esperava, já, o instante de ser precipitado nas enormes caldeiras ferventes, quando o portão monstruoso se abriu, dando passagem aos chavelhos de ferro de Belzebú.

— Quem o mandou para cá? — indagou o bruto, acendendo os olhos.

— A mim? — gemeu o desventurado. — Ninguém. Fui ao Céu, disseram-me que não era lá. Fui ao Purgatório, e informaram-me a mesma cousa. Logo, é aquí, por fôrça.

O Diabo meditou um instante, consultou umas chapas de ferro incandescente que estavam próximas, e protestou, firme:

— Aquí, também, não é!

— Não?

— Não; absolutamente! — tornou o Capeta. — O seu lugar deve ser mesmo no Céu. O Pedro está muito velho, já, e, com certeza, não viu bem. Volte lá! Volte lá!

Um momento depois, estava o desgraçado, de novo, à porta do Paraíso.

— Outra vez? — observou São Pedro, paciente.

— Outra vez sim, — confirmou, grôso, a vítima. — O meu lugar não é no Purgatório, não é no Inferno; deve ser, forçosamente, aquí. Veja bem!

O apóstolo enforquillou os óculos no nariz, abriu o livro em que estavam registrados os nomes das almas, folheou, folheou, folheou, e, de repente, voltando, indagou:

— Diga-me uma cousa: onde foi que você morreu?

— Eu? Na Santa Casa do Rio de Janeiro! — respondeu a vítima.

E o chaveiro, escancarando a porta:

— É aqui mesmo, entre!

E mostrando o livro:

— A culpa não foi minha, filho! Você devia vir para cá, daqui a vinte anos!

E aborrecido:

— Esta Santa Casa tem me estragado a escrita!...

XXIII

O GATO E O PASSARINHO

A encantadora Palmirinha Camargo havia concluído o seu curso de datilografia na Escola Remington, quando, uma tarde, participou, contente, à Dona Brasília:

— Sabe, mamãe, arranjei um emprêgo excelente. O ordenado é de trezentos mil réis!

A bondosa senhora deixou a costura, endireitou os óculos, e, chamando a filha para perto de si, ordenou:

— Senta aí. E onde é êsse emprêgo?

A moça, risonha e inocente, explicou:

— É no escritório do Dr. Alexandre.

— E quem é êsse Dr. Alexandre? É aquele que esteve, outro dia, no baile da Violeta?

Palmirinha confirmou, ingênua, e Dona Brasília, tomando-lhe as mãos, retorquiu:

— Queres que te fale com franqueza, minha filha? Êsse emprêgo não te convém.

A menina fixou com os seus grandes olhos claros e puros a doçura do rosto materno, e a boa senhora continuou:

— Tu és uma jovem inexperiente, um anjo que não conhece os espinhos do mundo. O Dr. Alexandre é um moço esperto, um homem habituado a lidar com as fraquezas alheias. Se se tratasse de um escritório grande, de uma casa em que trabalhassem outras moças ou outros advogados, eu não teria receio; mas, assim, com êle e tu, sòzinhos, no escritório, o meu coração não poderia ficar descansado.

— Oh, mamãe! — estranhou a moça corando. — A senhora não tem confiança em mim?

Dona Brasília compreendeu a ofensa que fizera àquele pedaço do seu coração, e, para não insistir, atalhou:

— Tenho, minha filha, tenho toda a confiança em ti.

E concordou, beijando-a nos olhos:

— Está bem, vai. Amanhã, podes ir para o teu novo emprêgo.

A moça pulou, contente, beijando sôfregamente a testa, a cabeça, a face, a bôca e os olhos maternos, e à noite, ia recolher-se, quando Dona Brasília chamou:

— Palmira?

— Senhora! — acudiu a mocinha.

Bondosa e grave, a digna senhora pediu:

— Traze daí a gaiola do teu canário.

A moça foi à copa, e voltou com a gaiola, onde um canarito dormia, sossegado, muito encolhido, muito amarelo.

D. Brasília abriu a portinhola daquele carcerezinho de ouro, e, indo à cozinha, voltou com o gato na mão.

— Para que é isso, mamãe? — indagou a moça, espantada.

— Para meter na gaiola, com o canário.

— Oh, mamãe! — gemeu a mocinha horrorizada.

— Que mal faz? — indagou D. Brasília, sorrindo significativamente para a filha. — Tu não tens confiança no teu canário?

Palmirinha compreendeu o alcance da lição, e atirou-se nos braços maternos, prometendo, entre soluços:

— Eu não irei, minha mãezinha; deixe estar, eu não irei!

E não foi. No dia seguinte, contrariando as esperanças do gato, o canário amanheceu, feliz e simples, cantando na sua gaiola...

XXIV

A NOIVA DO DONATO

— Foi um caso espantoso, único, inacreditável, sr. conselheiro, êsse de que fui testemunha.

E puxando o relógio, para ver se ainda havia tempo, o ilustre advogado santista começou, em estilo rápido, vivaz, nervoso, pictural, a referir-me a horrível história, sob o alpendre da Central, à hora, quasi, do noturno de luxo:

— “Era no sítio do “Pau d’Alho”, em Vila Bela, onde se haviam casado, naquele dia, o Donato e a Rosinha. Um despotismo de gente, como o senhor não imagina. A Vila, as cercanias, a redondeza toda, no “Pau d’Alho”. Até veio gente de Ubatuba! Calcule!”

Uma olhadela ao relógio, e continuou, telegráfico:

— “Violeiro: o Chico Messias. Dansa-se “baile” no terreiro. Chico Messias tira da toeira uma corisa lacrimosa, de valsa sem motivo”.

E acrescentou, num parêntese:

— “O caixara diverte-se sem sorrir. Diverte-se por obrigação. Sua alegria é uma hipótese triste, socavada de ancilóstomos”.

E reatou, descritivo, unindo o gesto à palavra, dando voltas no meio do alpendre:

— “Damas e cavalheiros vão e vêm, e tornam a ir, e tornam a vir, e dão-se as mãos, e balanceiam, e remoinham, e desnalgam-se, numa coreia que tem passos de lanceiros, atitudes de Pedowa e desengonços tupinambás”.

Outra interrupção, para um surto histórico:

— “D. Pedro Fernandes Sardinha, quando foi do seu caso com os Aimorés, devia ter assistido a paulovices muito semelhantes”.

E tornando, com uma soberba vivacidade de descrição:

— “Ela, a noiva, dentro do vestidinho clássico, de nanzuque branco, o filó pendente da mão. Tem olhos baixos e constrangidos de protagonista. Êle, traz a fatiota de elasticotine, que tem reflexos envernizados e o suplemento da gravata escura, de tricot frouxo, escorrida pelo “adão”.

E descreve a festa:

— “Ambos assistem sem apetite o apetite dos convidados. Há um mastigo odioso de bocados grandes, e o cair do bocado, gula abaixo, com rumor de rã assustada em pântano adormecido. Comem! e comem!”

Nova consulta ao relógio, e a descrição despenhou-se, para ganhar tempo:

— “Hora da sobremesa. O Inocêncio, professor público, vai falar! Recuo de cadeiras; engolir de últimos bocados; bigodes engordurados que se chupam. — Atenção, senhores! O Inocêncio vai falar”.

Como se estivesse na festa, eu próprio me empertigo, e o ilustre viajante repete, assombroso:

— “Vai falar o Inocêncio. E começa: tan, tan, tan, e meus senhores, e o himeneu, e a família, e o tugúrio, e mais isto, e mais aquilo e... e... e o Inocêncio perde o fio, e embrulha, e enrola, engole, mastiga, encaroça, embatuca. Estende-se um vágado coletivo, pesado como um paralelepípedo. O Inocêncio, que empunha o copo, guina a boreste gorgolhões de cerveja”.

Noutro parêntese, o meu amigo sentença, outra vez:

— “Há situações que obstruem a vida como caroços de jaboticaba!”

— “Coitado do Inocêncio! Felizmente, o Dito Pintassilgo, que lhe estava ao lado, encontrou uma saída. Levanta-se, sorri, braceja, e, alto e sonoramente:

— “Viva a noiva!

“O viva desonerou aquele constrangimento, como um laxativo. Um alívio geral.

— “Viva!...

“E o Dito prosseguiu, vitorioso:

- “Viva os óio da noiva!
- “Vivôoo!
- “Viva os dente biturado da noiva!
- “Viva!
- “Viva o pescoço da noiva!
- “Viva!
- “Viva os peito da noiva!
- “Viiiiva!

Tomando fôlego, o narrador continuou, elétrico:

— “Os vivas desciam, conselheiro, assustadoramente, noiva abaixo. O noivo, o Donato, piscou, por três vezes, os olhos, apreensivo. De repente, remexe-se, mergulha a mão pela cinta, toma da garrucha troçada, coloca-a à sua frente, na mesa, e, com aquele sorriso seu, desdentado, e a vozinha gutural, oitava acima:

— “Oie, seus convidado: não é por nada: mas eu queria aprevení, que os “viva” que passá do imbigio da noiva pra baixo... eu sapéco!”

.

Último apito. Um pulo do meu amigo, um barulho de ferragens, um resfolegar fatigado de máquinas. E o trem desapareceu.

O DACTILÓGRAFO

Trajando o mesmo figurino, a mesma sêda, as mesmas côres, as duas irmãs, tão distintas na sua mocidade, na sua graça e no seu espírito, entraram, na sessão das 2,15, no Cinema Avenida. Estavam as duas sentadas uma ao lado da outra, na mesma fila, quando na primeira parte do filme penetrou no salão um vulto masculino, que, tateando na meia escuridão desnor-teadora de quem vem da claridade, se foi sentar junto à mais jovem das duas formosas espectadoras. No primeiro intervalo, desabrochadas no teto estucado as constelações de fogo das lâmpadas, a moça olhou de soslaio, o seu vizinho, que a examinava, por sua vez, com dissimulada indiferença. Era um rapaz moço ainda, de rosto escanhoado e face morena, que vestia com apuro, patenteando na correção das maneiras, na superioridade do olhar, na displicência dos gestos, uma certa distinção.

Apagadas, de novo, as luzes, começavam as duas a olhar a continuação do filme, quando a vizinha do rapaz sentiu, de le-

ve, no seu cotovêlo, um contacto estranho. Olhou, sem voltar a cabeça, e viu: era o rapaz que avançava pelo braço, levemente, suavemente, o pelotão dos cinco dedos, com um jeito de quem toca piano, ou de quem sonda cautelosamente o terreno. Percebendo a indiferença da vítima, os dedos iam avançando, marchando, caminhando, roçando ligeiramente com as pontas a epiderme setinosa da moça, e já estavam perto do ombro, a caminho do colo, quando a mais velha desconfiou de alguma cousa, e indagou da irmã:

— Quem é êsse moço que está aí a teu lado?

E ela, de modo a ser ouvida pelo vizinho:

— Não sei; mas parece que é... dactilógrafo!

Quando a sala clareou e a "Remington" concertou o decote, o moço havia desaparecido.

O MILAGRE

Um escritor francês, cujo nome complicado me fugiu, como um pássaro, da gaiola da memória, escreveu seiscentas páginas de prosa cerrada sobre a psicologia do milagre. Acha êle que os milagres são possiblíssimos, esquecendo-se, entretanto, de citar um episódio famoso que circula, entre nós, com diversas modalidades, nos anais da anedota nacional.

D. Eufrosina estava doente do fígado, e submetia-se, uma tarde, sem o assentimento do marido, ao exame que o Dr. Abdenago Fortuna lhe exigira, quando bateram repentinamente no portão da casa.

— Minha Nossa Senhora! é meu marido! E eu não queria que êle soubesse que eu me submetí a exame médico! Como há de ser, meu Deus?!...

E repetia:

— Como há de ser, minha Nossa Senhora?!...

As mulheres possuem, felizmente, uma qualidade providencial que falta aos homens: removem com facilidade os obstáculos mais graves mesmo os que nos pare-

cem, à primeira vista, irremovíveis. E foi essa virtude que socorreu, nessa tarde, D. Eufrosina, a qual, criando ânimo, pediu, aflita, ao jovem esculápio:

— Fuja, doutor! Pelo amor de Deus, fuja! Esconda-se alí, depressa!

E apontou o alto do guarda-vestidos, para onde o médico subiu, trêmulo, afim de evitar um escândalo e uma tragédia.

Dois minutos depois o chefe da casa batia à porta da alcova, onde a mulher o metralhou, logo, com uma saraivada de beijos.

— Meu amor! — exclamava a moça abraçando-o.

— Meu amor! — plagiava o marido, correspondendo.

Sentados no leito, passaram os dois a conversar, íntimos, sinceros, carinhosos. E discutiam matéria econômica, isto é, as dificuldades financeiras do casal, quando, em certo momento, o marido aludiu a uma letra de vinte contos, que devia pagar naquele mês.

— Coitado! — soluçou a mulher. — Deixa estar, que tudo será arranjado!

E, levantando os olhos para o teto, com a fé no coração:

— Aquele que está lá em cima, lá no alto, há de nos ajudar! Tem confiança!

E assim aconteceu. Para pagamento da letra, o Dr. Abdenago, aquele “que estava lá em cima”, entrou com dez!

XXVII

A SURPRESA

Educada no tumulto das rodas elegantes, cujas festas mundanas frequentava desde criança, Mlle. Altair havia se tornado, aos dezessete anos, uma das moças mais em evidência na sociedade do Rio de Janeiro. O pai, médico ilustre, mais devotado à família da ciência do que, talvez, à ciência da família, descurava, em absoluto, as pequenas cousas do lar. E era de tal forma, nesse ponto, a sua despreocupação, o seu descaso ingênuo, mas prejudicial ao próprio conceito, que Mlle. Altair se tornou notável, em breve, na cidade, pelo exagêro escandaloso dos seus vestidos.

As suas "toilettes" eram, realmente, clamorosas, e em inteiro desacôrdo com a inocência da sua idade. Trajando sempre as fazendas mais leves, a sua preocupação, sugerida por figurinos inadequados, consistia em deixar à mostra a perna, até o joelho, e o colo, até o estômago. Quanto ao resto do corpo, não havia quem não o adivinhasse na transparência indiscreta do crepe da China ou da sêda lavável, que lhe mode-

lavam sensualmente, num abraço voluptuoso, os seios túrgidos, a cintura flexível, as ancas ondulantes, patenteando, como num desafio à bestialidade humana, o conjunto harmonioso das formas.

Um dia, foram os círculos elegantes surpreendidos com uma notícia sensacional: o Dr. Edmundo Figueira, um dos espíritos mais equilibrados e vigorosos da nova geração de juristas brasileiros, havia pedido em casamento Mlle. Altair Sobreira, formosíssima e conhecidíssima filha do Dr. Peixoto Sobreira!

Realizado o casamento, em que a noiva se apresentou mais nua do que nunca, e despedidos os convidados, penetraram os noivos, felizes, na alcova nupcial. Envolta, de leve, na sêda finíssima, ou antes, na névoa imperceptível do vestido, a recém-casada fazia lembrar as estátuas de mármore, veladas convencionalmente para o momento da inauguração. Anfitrite, com os pés mergulhados na espuma e vestida, apenas, pela bruma fugitiva do Arquipélago, não seria, talvez, mais nua, e mais bela!

Entreolhavam-se, os dois, na alcova silenciosa, ninho de oiro e sêda armado para um casal de pombos amorosos, quando o noivo se adiantou, e, sorrindo, anunciou à moça, tomando-lhe, carinhoso, as mãos geladas e brancas:

— Sabes, meu amor, que te preparei uma novidade?

— Tu? Que é? — indagou a noiva, causando, de repente, a curiosidade à aflição.

O noivo suspendeu os travesseiros da cama, e, tirando daí uma camisa de noite, trabalhada em sêda branca e opaca, afogada até o pescoço e descendo até o tornozelo, pediu:

— É para que me faças uma surpresa, dando-me uma sensação inédita nesta noite de casamento.

E entregando-lhe a camisa:

— Eu nunca te vi... vestida!...

XXVIII

AS FÔLHAS

Lançados para longe da pátria pelos movimentos revolucionários que estalaram depois da guerra, o conde Ricardo e o príncipe Romualdo conversavam, displicentes, naquele comêço de verão oriental, à sombra do grande plátano do parque do hotel, trocando idéias e fazendo comentários discretos sôbre a situação política dos países em que haviam reinado. Estirados nas suas cadeiras de viagem, mostravam, ambos, um profundo desinterêsse pelas cousas vulgares do mundo. E era por isso que, de vez em quando, mergulhavam em silêncio profundo, quedando a acompanhar com os olhos, melancólicos e soturnos, as oscilações da fumaça clara que atiravam, preguiçosos, para o ar.

O dia estava morno, quieto, parado, anunciando para a noite uma nova tempestade do Deserto. E era nisso que pensavam os dois fidalgos illustres, despojos elegantes de dois tronos desmoronados, quando o príncipe começou a seguir com os olhos, uma a uma, as fôlhas amarelas que se des-

prendiam da árvore, e que se vinham espalhar no chão, estendendo pelo solo um crespo tapête de topázio. De repente, lançando para o espaço uma nuvem de fumaça cheirosa, o príncipe observou, alisando a barba negra e cerrada:

— Como os homens se assemelham às árvores!...

O conde Ricardo fechou o livro que principiara a ler, e, erguendo para a fronde os seus olhos muito azues e muito doces, esperou a explicação do companheiro.

E o príncipe continuou:

— Enquanto a árvore está verde, e tem seiva, nenhuma fôlha a abandona, senão arrancada à fôrça. Venha, porém, o verão, e, com êle, a falta de seiva, a decadência da planta, e nenhuma quer ficar mais presa ao ramo!

Compreendendo o símbolo o conde acentou, sacudindo, triste, a cabeça leonina:

— São como os amigos...

E o príncipe confirmou:

— São como os amigos...

No silêncio do dia, as fôlhas, uma a uma, continuavam a cair...

XXIX

OS JACOBITAS

Chegada há pouco do Oriente, onde visitara, em companhia do espôso, alguns países exóticos, D. Margaridinha descrevia aos seus vizinhos de mesa, no banquete oferecido ao casal pela Exma. viúva Santos Soutello, algumas curiosidades que mais lhe haviam ferido a atenção.

— A cousa mais interessante que eu assistí, — dizia, sorridente, enxugando com o guardanapo de linho os seus polpudos lábios côm de cereja, — foi um costume dos jacobitas, seita religiosa cujos mosteiros visitámos no Malabar.

As damas vizinhas descansaram o talher, para ouvir melhor, e D. Margaridinha, irrequieta e risonha, contou:

— Quando um jacobita se casa, o seu primeiro cuidado consiste em ir ao templo, no mosteiro, e pedir ao seu Deus que lhe dê uma descendência numerosa e sadia, para maior esplendor da religião. Feito isto, toma diversos pedaços de papel, escreve em cada um dêles um nome de homem ou de mulher, mete-os em um canudo de bambú

que os sacerdotes lhe oferecem, e, colocado a certa distância do ídolo, sopra o canudo com toda a fôrça. Impelidos assim, os papeluchos partem rodopiando e quantos caíam sôbre o altar, tantos serão os filhos que o casal deve ter!

— Esplêndido! — exclamaram as senhoras, rindo. — Esplêndido!

À observação, porém, de uma que lhe ficava mais próximo, a linda viajante objectou, jovial:

— Eu? Experimentei, sim!

E sem olhar para o marido, que a fixava, severo, continuou:

— Alfredo tem, como não é segredo, um desejo enorme de ter um filhinho. E é natural, coitado! Enquanto estamos no vigor da idade, os filhos não nos fazem falta, porque viajamos, passeamos, nos divertimos. Mas, depois, na velhice, é que se sente a tristeza, o abandono, a solidão... Pensando nisso, nós fomos, um dia, no Malabar, ao templo dos jacobitas.

— A senhora?

— Então? Era o último recurso, filha! Chegando lá, Alfredo escreveu uma porção de nomes, bem uns cincoenta, em outros tantos pedaços de papel, meteu-os no bambú e soprou com toda a fôrça.

— E quantos caíram no altar? — indagaram as senhoras, interessadas.

E madame:

— Nenhum, meninas, nenhum!

E explicou:

— Êle, na sua ansiedade, havia posto papel demais no bambú, e...

— E...

— Entupiu o canudo!...

E soltou uma das suas gargalhadas sonoras, altas, musicais, enquanto o marido, vermelho, se engasgava, a um canto, com a sobremesa, à semelhança dos canudos do Malabar...

X X X

A CHÁCARA

Nestes tempos, em que, embora com dinheiro no cofre, no Banco ou no bolso, não se encontra, no Rio, uma casa, mesmo de segunda ordem, para alugar ou adquirir, é de meter inveja a felicidade do comendador Severiano Braga de Souza, com a sua chácara monumental, situada, como numa floresta, em pleno coração do bairro de Botafogo.

A propriedade do comendador Severiano constitue, realmente, um dos orgulhos do Rio de Janeiro. O prédio, que pertenceu ao saudoso visconde de Coroatá, e, mais tarde, à baronesa de Itapirú, é, depois das reformas a que foi submetido, um verdadeiro palácio. O que, porém, valoriza, ainda mais, tudo aquilo, é o terreno beneficiado pela mão dos seus antigos proprietários, e conservado com um zêlo religioso pelo opulentíssimo capitalista que atualmente o possui.

Informado da existência dessa preciosidade, eu próprio me fiz, um destes dias, convidado, e atirei-me a visitar o comendador. E foi, para mim, um deslumbramento

aquele conjunto de maravilhas, em que se casam, numa suave harmonia que embala os sentimentos, a inteligência da Arte e a graça inocente da Natureza.

— Quer, então, ver esta sua casa?...
— observou, satisfeito, o antigo presidente do Banco Popular Carioca.

E, tomando-me pelo braço, levou-me a percorrer, um a um, os pontos encantadores da chácara.

— Isto aquí, — observou-me, apontando-me um enorme viveiro em que pipilava toda a sorte de passarinhos nacionais ou exóticos, — isto aquí é o meu encanto, de todas as manhãs. Temos aquí o melro; o corrupião, o rouxinol, o periquito, a cambachirra, o curió, enfim, duzentas ou trezentas aves diferentes.

E, como se eu não soubesse, explicou-me, com ênfase:

— É o aviário!

Mais alguns passos, e, ao fundo de uma gruta iluminada, onde peixinhos de mil espécies rabeavam, como jóias vivas, em pequenos depósitos de água límpida, esclareceu-me, com a mesma erudição:

— É o aquário!

Examinados os recantos da caverna encantada, que me transportava, como num sonho, ao fundo maravilhoso do oceano, passámos adiante. Era uma espécie de clareira, de várzea chã, onde se estendia, cheiran-

do e florindo, um tapête macio, úmido, multicolor, de ervas aromáticas.

— É o erbário! — ensinou-me o comendador.

Nesse momento, porém, chamaram a minha atenção umas latadas enormes, artisticamente dispostas, formando caminhos ensombrados. Endireitei os óculos para examinar melhor, e vi: tratava-se de uma admirável plantação de parreiras abertas em frutos, em que os cachos, amarelos, uns, roxos outros, pendiam, sumarentos, brilhantes e numerosos, como bolhas de ouro ou de vinho suspensas miraculosamente das fôlhas.

— Magnífico! — exclamei, deslumbrado.

O comendador inflou a barriga, sorriu, desvanecido, e, estendendo o dedo no rumo do parreiral, explicou, com orgulho:

— É o “uvário”!

XXXI

MANIAS...

Em um trabalho recente na "Edinburgh Review", o crítico inglês John Browning denuncia, a título de curiosidade, um certo número de manias de escritores nacionais, procurando, ao que parece, demonstrar a feição patológica de todos êles. Por êsse trabalho de pesquisa, foi que eu vim a saber, com espanto, que Walter Scott dormia com o chapéu na cabeça, que Wordsworth almoçava arripiando o pêlo de um gato, que Goldsmith só trabalhava assobiando, que James Macpherson gostava de estrangular passarinhos, e que Poppe, não obstante as aparências de saúde perfeita, não conciliava o sono senão quando o criado fazia barulho no quarto contíguo, batendo desesperadamente numa bacia.

Para o crítico de Edimburgo, essas originalidades constituem anomalias, aberrações, moléstias mentais interessantíssimas, patenteadas, segundo diz, na obra literária que as suas vítimas produziram. Eu me permito, entretanto, o direito de contestar semelhante tese, baseando-me no exemplo de

um homem perfeitamente sadio, como é, no caso, o coronel Evaristo de Souza Portela.

O coronel Evaristo Portela, grande fazendeiro em Minas, era um dos homens mais virtuosos produzidos, até hoje, pelo município de Uberaba. Chefe de família exemplaríssimo, não havia passado, jamais, uma noite fora de casa. Viagem que êle fizesse, ou realizava-a em companhia da sua digna espôsa, a veneranda D. Geralda, mãe dos seus únicos quatorze filhos, ou fazia-a tão curta que estava de volta, à noite, para dormir na fazenda.

A posse do sr. Raul Soares no cargo de ministro da Marinha determinou, entretanto, uma profunda modificação na vida do conceituado fazendeiro. Compadre do illustre político e correligionário que lhe levaria à pia dois filhos, o coronel não podia, absolutamente, faltar à grave cerimônia do cais dos Mineiros; como cumprir, porém, êsse dever de amizade, de cortesia, e de solidariedade política, se D. Geralda, sua companheira inseparável de dezesseis anos de sono no mesmo leito, não se podia abalar para uma viagem tão tentadora, mas, ao mesmo tempo, tão rica de incômodos e inconveniências?

— O que não tem remédio, remediado está! — exclamou, afinal, uma tarde, o coronel, depois de profundas cogitações.

E mandando arrumar duas malas de mão, tomou o trem, no dia seguinte, com destino ao Rio de Janeiro.

A primeira noite de capital foi para o honrado fazendeiro um suplício, um martírio, um tormento. Habitado à vida rigosamente doméstica, não lhe foi possível, em absoluto, conciliar o sono. E de tal modo lhe nasceu a saudade da casa, dos filhos, e, principalmente, da espôsa, que o criado do Grande Hotel, onde êle se hospedara, ainda o encontrou com os olhos da véspera quando lhe foi, de manhã, levar o café.

O dia, passou-o o coronel mais ou menos distraído, fazendo compras, visitando amigos, palestrando com os conhecidos. À noite, porém, voltou, com a saudade, a tortura da insônia. Debalde fechava os olhos, apertando as pálpebras: à simples lembrança de que se achava tão longe, tão distante de casa, fugia-lhe o sono, deixando-o a remexer-se, aflito, no leito largo, a amassar nervosamente os lençóis.

À meia-noite, após duas horas de martírio na cama, o coronel não pôde mais: ergueu-se do leito, em pijama, pondo-se a andar, nervoso, de um lado para outro do quarto. E estava já, há meia hora, nesse exercício, quando teve, de repente, uma idéia: tocou a campainha, chamou o criado, e pediu:

— O senhor não tem, por aí, uma escôva, dessas para cabelo?

— Tem, sim, senhor.

— Traga-a.

O criado trouxe a escôva, o coronel agarrou-a pelo meio, do lado do pêlo, com a mão aberta, e, apagando a luz, atirou-se no leito.

E dormiu, sereno, até de manhã...

XXXII

FEMINICE

(SÓBRE UMA FRASE DE EMILE FAGUET)

D. Elisabete Saldanha era apontada no Rio de Janeiro como a senhora de vida mais acentuadamente elegante entre quantas, até hoje, possuiu a cidade. Honesta por educação e por temperamento, ninguém lhe apontou, jamais, um deslize, uma falha, uma simples leviandade de conduta. Em uma terra em que a maledicência enche as bochechas a cada canto da rua, ela fizera o milagre de conservar sempre limpo, sem a menor mancha do hálito da calúnia, o espelho de cristal da sua reputação.

Os seus hábitos mundanos não eram, entretanto, propícios à conservação dêsse conceito. Adorando o marido e sendo idolatrada por êle, havia uma vaidade que ela colocava acima de tudo na terra; e esta eram o teatro, os chás, os jantares, as conferências literárias, os concertos, e, sobretudo, a visita às amigas, num desperdício de tempo, de frases e de vestidos que lhe parecia verdadeiramente encantador.

Certo dia, porém, ao sair do Municipal, D. Elisabete descuidou-se um pouco do *manteau* bordado de dragões de ouro e cegonhas de sêda, e apanhou pneumonia. A ciência médica da cidade foi, toda ela, mobilizada em uma noite. E tal é o prestígio da medicina diante da morte, que, dois dias depois, o Dr. Alfredo Saldanha penetrava o portão do cemitério de São João Batista, segurando, sem tirar o lenço dos olhos, uma das alças do caixão funerário da sua querida Elisabete.

Enquanto se dava isso aquí na terra, uma alma, imponderável como o ar e mais alva, talvez, que um floco de neve, batia, suave, à porta do Paraíso.

— Seu nome, — perguntou S. Pedro, abrindo a portinhola, encantado com tanta candura.

— Elisabete Saldanha, meu santo.

O apóstolo fitou-a com simpatia, e continuou no interrogatório:

— E que fizeste na tua vida, minha filha?

A recém-chegada franziu a testa morena e perfeita, como se consultasse a si mesma.

— Não ouviste, filha? Que é que fizeste na tua vida?

Elisabete ia, pela primeira vez, se atrapalhando, mas, recobrando a serenidade, indagou:

— Eu?

E, com um sorriso, que lhe abotoava a boca num beijo:

— Eu fiz... muitas visitas!

São Pedro sorriu, bondoso, e a grande chave rangeu, faiscando estrêlas, na enorme fechadura dourada.

XXXIII

CHAVES E FECHADURAS

— Os senhores, conselheiro, os senhores, homens, — dizia-me, abanando-se pausadamente com o seu grande leque de plumas vermelhas, a linda viscondessa de Lima Freire, — os senhores serão, sempre, injustos com as mulheres, porque nem todos poderão compreendê-las.

— As mulheres são, então, o maior mistério do universo? — indaguei, com ironia.

A viscondessa sorriu da minha ingenuidade, e, sem dissimular a sua piedade pela minha ignorância, acentuou, bondosa:

— O conselheiro não me entendeu, ou não me quer entender. A mulher é um mistério, mas um mistério, apenas, para o homem que lhe não agrada. O símbolo da fechadura, tão frequentemente citado pelos psicólogos, constitue uma verdade indiscutível.

— O símbolo da fechadura?

— Sim; não o conhece?

E como lesse a curiosidade no meu olhar, contou-me, pausadamente, cerrando a meio os seus macios olhos de míope:

— Cada mulher é uma fechadura que só tem uma chave...

— Só? — interrompi.

— Espere aí! — pediu, impondo-me silêncio com o leque.

E continuou:

— Cada mulher é uma fechadura, que só tem uma chave, a qual está nas mãos do homem que a tem de amar e que tem de ser amado por ela. Outros passarão sob os seus olhos, tentando abrir-lhe o coração. Abusando da sua inexperiência, um ou outro poderá, talvez, penetrar no sacrário da sua alma, usando de chave falsa. Um homem, apenas, tem a chave verdadeira e é somente quando a mulher se encontra com êle que se dá, realmente, a felicidade no matrimônio. Compreendeu?

Eu ia responder com um monossílabo, mas a ilustre senhora não me deu tempo.

— Cada mulher — continuou — devia esperar, de olhos fechados, como a princesa adormecida no bosque, o portador da chave da sua fechadura. É da impaciência de algumas que nascem, geralmente, os escândalos, os divórcios, a dissolução ruidosa das famílias legalmente constituídas. Supondo-se esquecidas pelo seu porteiro, elas cedem à primeira chave falsa, ou à primeira gazua, e casam-se. Mais tarde, aparece o portador da chave. E lá se vai, com êsse encontro, a felicidade de um lar!

— Isso era antigamente! — observou, intervindo, o capitão Peixoto Cunha, que nos observava de perto. — Hoje não há mais portas com uma chave só.

E acêntuou, rindo:

— As portas, hoje, são de trinco!

Nesse momento, chegava, pausadamente, o visconde, enrolando em tórno do dedo grosseiro uma fina corrente de prata, em cuja extremidade chocalhava, numa argola, uma penca de chaves.

Estas eram seis, e abriam, todas, com a mesma facilidade, as duas gavetas da secretária...

XXXIV

O MONSTRO

Não é de hoje que eu me bato, na imprensa, e, pessoalmente, perante os empresários cinematográficos, em favor da exibição, nos cinemas, de filmes verdadeiramente instrutivos. Os romances de amor, as “fitas” que acabam em casamento e beijos, devem ser substituídas, de vez em quando, por verídicos pedaços da natureza, que nos dêem, na sua grandeza e na sua inocência, uma sensação da vida real.

Os filmes dêsse gênero devem ser, entretanto, claros, fáceis, explícitos, não só na imagem, na reprodução viva da paisagem e das cousas que a animam, como nos letreiros explicativos, que devem estar ao alcance de todas as inteligências. Um episódio ocorrido há poucos dias em casa de uma ilustre família brasileira, após a exibição, no Paté, da “fita” “Santa Cruz”, da Comissão Rondon, mostra, de modo irrecusável, a fôrça dessa necessidade.

Mandada vir de Hamburgo para governante de uma casa de família notável, Dona Eda, rubicunda viúva alemã, empregava a

sua paciência teutônica, dia e noite, em aprender o maior número de vocábulos portugueses. Soletrando os nomes, e procurando identificá-los pelo conhecimento das cousas que êles representavam, não perdia a pachorrenta senhora um pedaço de jornal ou um dístico de cinema, que não soletrasse e traduzisse, ajustando a palavra à figura. E foi com êsse intuito que, anunciado, há duas semanas, o filme do general Rondon, correu ela ao cinema, conduzindo à mão, para as consultas indispensáveis, o seu pequenino dicionário ilustrado.

Com os óculos na ponta do nariz, acompanhava a neta de Lohengrin a execução pitoresca dos abnegados sertanistas, quando tomou um susto, ao aparecer, na tela, o primeiro jacaré dos lagos de Mato Grosso. Curiosa, esperou o intervalo, abriu o dicionário, consultou, viu que se tratava de anfíbios vorazes, que nasciam pequeninos e tomavam grandes proporções, anotou o caso, decorou o nome, e continuou a ver o filme até o fim.

À noite, agasalhados os pequenitos da família, estava D. Eda, sòzinha, na sala de jantar, quando, ao voltar-se, empalideceu: diante dela, na janela que dava para o jardim, estava, a espiá-la, batendo a cabecita inquieta, uma pequena lagartixa de muro, uma dessas osgas minúsculas e inocentes, que se alimentam de môscas e habitam, no

Brasil, às duas, e às três, os troncos das árvores e as fendas das paredes.

Ao deparar o réptil, que a fitava benignamente, a alemã deu um pulo, folheou, rápido, o dicionário, identificou o animalzito pelo aspecto, e correu, aflita, para o salão.

— Que é, D. Eda? Que foi? — acudiu aflita, a jovem dona da casa.

— Uma “bicho”, zenhorra!

E, apontando, com os olhos esbugalhados, a lagartixa, que a fitava da janela, sacudindo a cabecita inofensiva:

— Um “erriança” de “jacarré”!...

XXXV

A "FESTA DOS OVOS"

O último número do *Pathé-Journal*, que está sendo exibido em um dos nossos cinemas, registra, entre outros acontecimentos curiosos, a chamada "Festa dos Ovos", levada a efeito recentemente em Wilkes Barre, nos Estados-Unidos.

Entre os divertimentos populares dessa pequena cidade da Pensilvânia, está êsse, que é, realmente, pitoresco. Em um parque das redondezas, são escondidos cuidadosamente, nos ramos das árvores, nas raízes, na cavidade das pedras, nos montes de fôlhas e nos tufos de relva, milhares de ovos, que devem ser descobertos pela criançada das escolas. Conduzida, êste ano, ao parque, e dado o sinal, a pequenada, composta de sete mil colegiais, dispersou-se pela enorme planície arborizada, à procura dos vinte e cinco mil ovos escondidos. E era de ver a algazarra, o tumulto, a alegria barulhenta, com que aquele exército de crianças se lançava em todos os rumos, na ânsia de fazer a maior colheita possível!

O comendador Inocêncio Coutinho havia estado, anteontem, com a sua jovem

espôsa, D. Odaléia, no conhecido cinema da Avenida, e gozado, em gargalhadas enormes, o interessante episódio de Wilkes Barre, quando resolveu, ontem, reproduzi-lo em família, para afugentar, bonacheirão, o tédio da sua encantadora companheira. Com êsse intuito, saiu êle do Banco de que é diretor e, dirigindo-se a uma quitanda das proximidades, adquiriu, aí, três ovos, que escondeu, cuidadosamente acondicionados, no fôrro do chapéu. Chegado à casa, foi gritando, logo, do vestibulo:

— Sinhazinha? Ó Sinhazinha? Sinhazinha? Vem cá!

A espôsa acorreu, displicente, e o comendador convidou, feliz, num riso largo, ingênuo, bonachão:

— Vamos fazer a “festa dos ovos”? Olha: eu comprei uns ovos, e os escondi, comigo. Se os encontrares, como as crianças do cinema, ganharás um colar novo, de pérolas, para as festas do Rei. Está feito?

Incentivada pela idéia do prêmio, a linda senhora atirou-se, sorrindo, à procura dos objetos que o espôso ocultara. Lépidamente, risonha, barulhenta como um colegial, meteu as mãozinhas de neve nos fundos bolsos do marido, remexeu-lhe a bainha da calça, examinou-lhe a manga do casaco, passou, em summa, no comendador, uma revista completa.

E não os achou, a infeliz!...

XXXVI

APARÊNCIAS

Em toda a rua São Gabriel, naquele movimentado bairro operário, o assunto mais em evidência era, há muitos dias, aquele: a saída furtiva, a horas altas da noite, daquela rapariga tão linda, desde que lhe morrera o marido.

— É uma falta de vergonha, D. Inácia, o que está fazendo aquela desalmada! — informava, de janela para janela, a vizinha da direita. — Ainda ontem, à noite, eu fiquei de alcatéia aquí por dentro da rótula, e vi tudo: a atrevida esperou que se fechassem todas as casas, abriu a porta, espiou para um lado e para outro, e, como não visse ninguém, pôs um chale, e saiu. Imagine o que ela não foi fazer por aí!...

— Dizem que vai para um clube dançar o maxixe com o Manuel português, — adiantava D. Inácia.

— A Vitalina, outro dia, quando voltava do baile do Alfredo, alta madrugada, encontrou-se com ela, que saía de casa. A desnaturada ficou tão envergonhada que cobriu o rosto, para não ser conhecida.

— Que mulher cínica! — terminava uma.

— Que falta de vergonha! — confirmava a outra.

Divulgada a notícia do escândalo, toda a rua ficava, horas e horas, à espreita, aguardando, pelas frestas das janelas, a saída clandestina da viúva. E quando as rótulas se escancaravam, as cabeças emergiam, e começavam as observações!

— Viu?

— Vi!

— Sim, senhora! Quem diria?!...

— Que escândalo!

— Que horror!...

Certa noite, porém, instigados pelas mulheres, resolveram alguns operários acompanhar de longe a notívaga, fiscalizando-lhe os passos, para desagravo do morto. Pé ante pé, espiando de canto em canto, escondendo-se pelos portais, andaram os homens de rua em rua, até que foram ter a um campo deserto, em frente a um mercado. E aí viram, enxugando os olhos rasos de pranto: a “pervertida” saía todas as noites, embuçada na treva, para disputar aos porcos, no monturo, uma fruta pôdre, para a fome do filho!...

XXXVII

A COBERTA

Não há quem não conheça, em todo o Brasil, a fecundidade da mulher cearense. Terra privilegiada e infeliz, em que a natureza, ao mesmo tempo, se destrói e se refaz, o Ceará constitue um caso curiosíssimo pelo modo por que aumenta, no meio das maiores calamidades, a sua população. À semelhança dos dragões fantásticos dos belos contos medievais, cujo sangue, ao cair na terra, se transformava em legiões de guerreiros, cada cearense que tomba de fome ou de sede, rebenta, no ano seguinte, multiplicado por dez. E daí serem frequentes, em todo o Estado, os casais com vinte, trinta, e até quarenta filhos, que se espalham depois pelo mundo, honrando pelo talento, e dignificando pelo trabalho, o glorioso nome do Ceará.

As famílias de prole modesta que vivem no Sul, compreendem difficilmente como pode uma pobre mãe lidar com uma tribo tão numerosa. E, no entanto, nada mais fácil para o cearense. Eu conheci, por exemplo, uma senhora daquela procedência,

que descobrira um processo originalíssimo de fiscalizar o seu exército de descendentes. Mãe de dezessete filhos, de um a quatorze anos, Dona Josefa aproximava-se, à tarde, da mesa da cozinha, e partia, aí, uma ou duas rapaduras. Chamava os filhos e, deixando-os a comer, ia colocar-se ao lado do único pote d'água que havia na casa. Acossada pela sêde, originada pela absorção do açúcar, a meninada corria, logo, a beber, enquanto Dona Josefa os ia contando:

— Um... dois... três... quatro... cinco... seis...

E assim por diante, até dezessete. Se havia apenas dezesseis, a bem-aventurada gambá-humana saía a procurar, como o pastor da parábola, a ovelha desgarrada.

D. Efigênia de Medeiros, outra senhora que a sêca de 1918 desterrou do seu Estado natal, possuía, entretanto, um processo mais simples. Casada em 1898, aos treze anos, com um fazendeiro de Itapipoca, teve dêsse consórcio abençoado, que durou seis anos, nove filhos, sendo quatro meninos e cinco meninas. Contraídas novas núpcias, no mesmo ano de viuvez (1904), com um tabelião de Sobral, forneceu D. Efigênia ao Ceará, em mais cinco anos de matrimônio e caldos de galinha, sete meninas. Viúva pela segunda vez, casou em 1909 com um agricultor da serra de Uruburetama, a quem deu cinco meninos e cinco meninas, em nove

anos. Perdido êste terceiro espôso em 1918, recusou a fecundíssima senhora seis ou oito pretendentes que lhe apareceram, preferindo embarcar para o Rio de Janeiro, onde se encontra desde aquele ano.

Apresentado a essa virtuosa nortista, que vive, hoje, em relativa abundância, perguntei-lhe, curioso, se ela não se confundia com tanta criança em casa.

— Eu? — atalhou, sorrindo. — Absolutamente!

E explicou-me o seu processo de evitar confusões:

— Eu adotei, para comodidade, o seguinte sistema: os filhos de cada marido usam roupa de uma côr. Os do primeiro, por exemplo, em número de nove, usam roupa de côr cinzenta.

E chamou para dentro:

— Lili? Yayá? Amélia? Nenê? Totô? Bibi? Alfredo? Almerinda? Juca?

Aparecida a primeira parte da tribu, D. Efigênia continuou:

— Os filhos do meu segundo marido vestem-se de azul.

E chamou:

— Teté? Lulú? Judite? Ester? Virgí-
lina? Margarida? Sebastiana?

A segunda turma apareceu.

— Os do meu terceiro marido trajam amarelo.

E gritou:

— Jequiriçá? Pindobocú? Coema? Jací? Lindoia? Ubirajara? Perí? Iracema? Jacaúna? Guaraciaba?

O terceiro turno surgiu.

Evacuada a sala, D. Efigênia sorriu, acrescentando:

— E ainda tem!

— Ainda tem? — exclamei, espantado.

— Tem, sim!

E entrando para o quarto contíguo, trouxe, nos braços, um pequenito de três meses.

Esse, nascido no Rio de Janeiro, vinha embrulhadinho numa coberta de retalhos, em que se misturavam o branco, o azul, o preto, o amarelo, o roxo, o rosa, o pardo, o verde, o encarnado...

XXXVIII

A DERRADEIRA “MORADA”

O administrador do cemitério de S. Geraldo, Alfredo Costa Ximenes, residia, há anos, à rua Real Grandeza, quando, em março último, forçado a mudar de casa, foi alugar um prédio de segunda ordem, de que era proprietário o comendador Augusto Gonçalves Teixeira, que lhe foi dizendo, logo, sem circunlóquios:

— O aluguel da casa é quinhentos e vinte mil réis, fora a pena d'água e a taxa sanitária. Além disso, para que eu lhe dê a chave, o senhor terá de pagar-me seis contos de réis de “luvas”.

Debalde o honrado funcionário da Morte chorou, suplicou, implorou; o comendador mostrou-se inabalável na sua exigência, e êle teve de arranjar, mesmo, as “luvas”, para se não ver, de uma hora para outra, lançado à rua com a família.

Dois meses depois dêsse episódio, estava o administrador, uma tarde, no seu posto, na secretaria da necrópole, quando parou ao portão, buzinando e rolando, um cortejo funerário. Levada às suas mãos a papelada fúnebre, o funcionário viu, pelo no-

me, que o morto era, nada mais, nada menos, do que o seu senhorio, o comendador Gonçalves Teixeira, e teve, de repente, a idéia de uma represália: chegou ao portão, onde o esquife já repousava, agalado, na carreta do cemitério, e, recebendo da família a chave do caixão, mandou rodar o ataúde no rumo da sepultura.

Terminadas, aí, entre lágrimas e vertigens, as angustiosas despedidas de praxe, um filho do defunto mandou chamar o administrador, a quem havia dado a chave do esquife, para que fosse identificar o morto, e fechar o caixão.

— Pronto! — apresentou-se Ximenes, apertado na sua sobrecasaca preta. — Que desejam?

— A chave, — explicou um parente do defunto.

— Suspendam a tampa do esquife, — ordenou o administrador.

Um amigo abriu o caixão funerário, onde jazia, inteiriçado, vestido, o corpo do desventurado capitalista.

Ximenes passou, metuculoso, a vista sôbre o cadáver, e, vendo-lhe as mãos nuas, cruzadas sôbre o peito bojudo, reclamou, severo:

— E as “luvas”? Querem, então, que êle desça à derradeira “morada” sem as “luvas”?

E não entregou a chave!

XXXIX

A PUNIÇÃO

Il est des femmes qu'on ne devrait jamais épouser soi-même. On devait les laisser épouser ses amis. — *Alfred Capus.*

Molemente estirada no leito revôlto, com a farta cabeleira de ouro em desalinho sôbre o travesseiro em que se achava impresso, ainda, o sinal de outra cabeça, a linda Julieta Erst acompanha com os olhos os movimentos do Dr. Cardoso Simas, que abotoa a botina, tranquilamente, com o pé sôbre uma cadeira. Olhando-o, assim, de costas, ela examina, desvanecida, a máscula formosura do amante jovem, cuja harmonia de espáduas se patenteia através da camisa de sêda creme, sob a cruz “grenat” do suspensório, quando, de repente, a sua saudade lhe dita uma queixa:

— Vê, só, Eduardo, o que foi o resultado daquele arrufo em nossa vida! Se tu não tens brigado comigo, naquela tarde, nós teríamos casado, e, em vez dêste amor cortado de sustos, de incertezas, de pecados, viveríamos, agora, um junto do outro, sem temores nem pezares!

O rapaz continua, de costas, abotoando as botinas e a moça insiste, aconchegando o lençol, com os olhos nele:

— Seria uma vida ideal; não achas?

— Talvez... — aventura o moço.

— Talvez por que?

E êle, explicando-se, displicente:

— Por que? Porque, se eu me tivesse casado contigo, estaria, agora, no escritório, enquanto que o Erst se acharia, talvez, aqui, na minha ausência, amarrando os sapatos!

E, sem olhar para trás, continua, em silêncio, abotoando a botina...

X L

O NABABO

De regresso de uma excursão pelos subterrâneos da alma humana, um escritor louvava, certa vez, entre as virtudes que lá descobrira, o pecado da Vaidade. Êsse defeito, na sua opinião, era o mais vantajoso de quantos possui o Homem. Foi pela vaidade de possuir um nome ressoante que Colombo descobriu a América. E é a Vaidade, ainda, que dá de comer aos humildes, utilizando nas oficinas milhões de operários, que tecem a sêda, fabricam os leques, esculpem as jóias. Tudo, na terra, é Vaidade, e só Vaidade, afirma o Eclesiastes. E Pascal adianta: a Vaidade está de tal maneira inveterada em nosso coração, que os próprios filósofos não lhe fogem ao império: aqueles que escrevem contra a glória, querem a glória de haver bem escrito; e aqueles que lêem, querem a glória de ter lido.

Há, entretanto, um gênero de Vaidade que não tem, sequer, essa atenuante: é a do pavão que se espaneja sem cauda, a que repousa na mentira, na falsidade, no ridículo, a que procura, em suma, viver dos juros

sem um risco evidente do capital, e da qual é sacerdote, no Rio de Janeiro, o conhecido "gentleman" Dr. Alfredo Pereira da Cunha.

Modesto de posses, vivendo de um emprêgo que lhe dá difficilmente para as despesas imprescindíveis, êsse meu jovem amigo tem uma fraqueza: pertencer ao número dos cavalheiros irrepreensivelmente elegantes, equiparando os seus colêtes aos do Dr. Vilaboim, as suas gravatas às do Dr. Darcy, os seus colarinhos aos do Dr. Galeno Martins, as suas botinas às do Dr. Arnaldo Guinle, os seus ternos aos do desembargador Ataulfo, as suas camisas às do Dr. Humberto Gotuzo, e, até, o seu monóculo de vidro ordinário, ao monóculo de cristal puro do eminente Dr. Leão Veloso. E tudo isso com a circunstância de atribuir-se tudo — colêtes, gravatas, colarinhos, botinas, ternos, camisas, monóculos, — em quantidades verdadeiramente atordoantes. Dessa forma da sua vaidade, há uma demonstração curiosa, em que eu funcionei, há dias, como testemunha involuntária.

Sentados um diante do outro, tomávamos nós, no Alvear, o nosso chá das cinco horas, quando me chamaram a atenção, na elegância americana do meu amigo, uns arabescos em linha branca, traçados no cós da sua calça de flanela, no intervalo dos botões destinados ao suspensório. Curioso, appliquei melhor os óculos, e vi: era o número

846, em algarismos feitos a agulha, como êsses que encontramos na roupa ao recebê-la da tinturaria.

— Que é isso, doutor? — indaguei.

O jovem advogado baixou os grandes olhos negros sôbre o seu busto sem colête, em que a camisa de zefir se desfiava em alguns pontos com uma elegância de varanda de rêde, e explicou, com um sorriso superior:

— É o número da calça.

— Você tem oitocentas e quarenta e seis calças? — estranhei, arregalando os olhos e parando a chícara a meio caminho da bôca.

O Dr. Alfredo olhou-me com irreprimível piedade, e, lamentando intimamente a modéstia dos meus recursos, respondeu-me, apenas, num doce insulto à minha pobreza:

— Das de flanela. . .

E continuou, solene, a tomar o seu chá.

XLI

A CONFISSÃO

Em que se prova que certas perguntas inocentes, claramente feitas, valem, às vezes, por uma informação perigosa.

O padre Sebastião havia tido notícia, por intermédio do sineiro, que a sua paróquia, colocada sob a invocação de Nossa Senhora do Retiro, se achava minada, solapada, anarquizada, pela corrupção dos costumes. Segundo o depoimento dessa testemunha, o bairro estava semeado de casas duvidosas, onde algumas senhoras levianas se juntavam durante certas horas do dia, rindo, dansando, palestrando com rapazes e velhos divertidos, que alí ficavam, até à noite, consumindo o seu tempo e gastando o seu dinheiro. Escandalizado com a denúncia, o virtuoso sacerdote chamou, uma tarde, o sacristão e recomendou-lhe:

— Francisquinho, nós precisamos agir, na freguesia, contra o demônio da corrupção. A seara de Deus, que se mostrava tão próspera, principia a ser devorada pelas lartas do Demônio. E nós precisamos trabalhar, meu filho!

O sacristão arrebitou o nariz para me-

lhor farejar o escândalo, e o reverendo explicou o seu plano :

— É preciso que você, que conhece toda a gente, indague, por aí, quais são as casas suspeitas, em toda a paróquia. Veja o número dos prédios e venha avisar-me, para que eu tome as providências.

Francisquinho pegou no chapéu, sacudiu-o no cocoruto, e partiu, rebolando-se, pelas ruas do bairro, a indagar, de café em café, de botequim em botequim, de antro em antro, onde estavam situados aqueles focos de corrupção. E à tarde, informava, com a sua vozinha em falsete, a S. Revma. o vigário :

— Meu padrinho, descobrí tudo ; as casas são três : uma na rua dos Enforcados n.º 29, outra na rua França Coelho n.º 417, e outra na travessa de Santa Apolônia n.º 46. E é só.

Padre Sebastião tomou nota em uma das fôlhas do breviário, decorou, depois, um por um, o nome das ruas e o número das casas, e, no dia seguinte, foi, como de costume, confessar e absolver os fiéis.

Estava êle no confessionário, ouvindo, peneirados no crivo de ferro, os pecados do seu rebanho, quando percebeu na última dama que se ajoelhara à sua frente, uma das senhoras cuja virtude não lhe merecia grande confiança. Cauteloso, o sacerdote, em certo momento, indagou :

— E você, filha, nunca abandonou o seu lar, para ir à rua dos Enforcados n.º 29?

— Não, senhor! — gemeu a moça.

— E à rua França Coelho n.º 417?

— Também, não, senhor! — insistiu a dama.

— E à travessa Santa Apolônia n.º 46?
— tornou o pároco.

— Não, senhor!

Padre Sebastião absolveu a linda ovelha impoluta, e, como não tivesse mais ninguém a confessar, deixou-se ficar no confessional a olhar para a porta da igreja, por onde ia sair a última confessada. De repente, abriu a bôca, espantado: no portal do templo, a formosa paroquiana tomava nota a lapis, em uma carteirinha, que exumara, alí, de uma custosa bolsinha de ouro. Desconfiado, o sacerdote encaminhou-se para a porta, arrastando em silêncio as suas moles sandálias de lã, e, chegando perto da moça, indagou, interessado, com a sua santa voz de além-túmulo:

— De que é que toma nota, minha filha?

A dama, sem se aperceber da pergunta, respondeu, apenas, como se falasse a si mesma:

— Essas eu não conhecia, não!

E, guardando a carteirinha na bolsa de ouro, retirou-se, descendo os degraus...

X L I I

POLÍTICA

Sentado diante do seu “bureau-ministre” coberto de telegramas e cartas, que lhe chegam, a todo o momento, de toda parte do país, o grande chefe nacional dá audiência aos amigos. A situação do partido é, em toda a República, a mais lisonjeira, e é com a alegria no rosto e o orgulho no coração que êle recebe, um a um, como portadores de boas-novas, o enxame dos políticos correligionários.

As eleições para renovação da Câmara e recomposição do Senado haviam atemorizado um pouco o terrível politiqueiro indígena, pondo em perigo a sua poderosa máquina eleitoral. De tal modo havia êle, porém, se conduzido, sacrificando amigos e temporizando com certos adversários, que emergia, agora, vitorioso, forte, insolente, como um homem que não transigiu um palmo e a todos esmagou pelo caminho.

Feliz e forte, ouve êle, embalando-se na cadeira de mola, as informações que lhe são carregadas pelo formigueiro que lhe mantém o prestígio formidável, quando entra no

escritório, com familiaridade, um amigo particular. É um antigo senador afastado das lides partidárias, um velho companheiro que preferiu gozar em sossêgo os proventos da sua advocacia administrativa, um homem tornado independente e conhecedor do mundo, e que goza, por isso, de considerações especiais.

— Tu, por aquí? — exclama o chefe poderoso, arrancando o charuto caro e enorme da grande bôca servida de dentes rígidos, sólidos, brutais, de antigo estraçalhador de carnes humanas.

O outro senta-se, abrindo um parêntese de intimidade na seriação de baixeiras, de humilhações, de irasas covardes, ouvidas pelo velho político naquele dia de audiências; e, a certa altura, entra no assunto que motivara a visita.

— O que me traz aquí — explica — é a situação do Belarmino; êle precisa entrar para a Câmara, e é indispensável que você o auxilie.

O grande chefe, habituado às incidências, aos sofismas, às expressões dúbias, lança a cadeira, lança para o teto uma nuvem de fumaça do seu charuto de sessenta mil réis a dúzia, e observa:

— Creio que não há nada contra êle...

E após um ligeiro silêncio:

— A votação não foi boa?

— Foi. Quinhentos e oitenta votos sobre o seu competidor.

— As mesas não funcionaram com regularidade?

— Perfeitamente.

— Houve protesto dos fiscais?

— Não.

— Eles assinaram os boletins?

— Assinaram.

O chefe põe os olhos nos olhos do antigo companheiro, como a perguntar onde estava, então, a razão do seu temor, do seu susto, do receio de que o seu protegido seja sacrificado, e êste esclarece:

— Há, porém, uma cousa.

O outro inquire com os olhos.

— Ele é casado com uma mulher feia como um bicho!

A essa informação a fisionomia do velho chefe, que se mostrara, até então, satisfeita, risonha, jovial, muda de expressão. Três rugas fortes, pronunciadas, profundas, cortam-lhe a testa perpendicularmente, unindo a cabeleira às sobrancelhas de cerda. E, após um instante, apreensivo:

— Homem, isso, agora, foi o diabo!

E aborrecido, como quem tem a certeza de que perdeu um deputado:

— Enfim, vamos ver...

XLIII

O AMIGO

O engenheiro Adriano Walsh havia chegado de viagem, e convidara para almoçar em seu palacete, no dia seguinte, o seu opulento amigo Dr. Polidoro Tavares, advogado jovem e competentíssimo, que era tratado na família com as maiores considerações.

O almôço, nesse dia, correu delicioso. Alta, esguia, elegantíssima, com os fartos cabelos de ouro arranjados com encantadora simplicidade, Mme. Walsh mostrara-se, como sempre, deslumbrante de formosura e de espírito. Atordoada pela alegria do marido, os seus olhos, cinzentos e lindos, lembravam duas pérolas grandes e misteriosas, luzindo, magníficas, entre os canteiros de violetas das olheiras. Vestida de linho espumante, o seu vulto, emergindo, na mesa, do tumulto dos cristais e da baixela de ouro, era como uma grande rosa branca, em tôrno da qual fervilhassem, disputando-lhe o pólen, miríades de insetos faiscentes.

Após o almôço, quando o sol já sonhava, cansado, com o leito longínquo das colinas, os dois amigos tomaram o automóvel, e

desceram, juntos, para a cidade. Na Avenida, saltaram, e caminhavam, palestrando, por uma das ruas transversais, quando, diante de uma fábrica de móveis, o engenheiro estacou, preocupado.

— Diacho! — exclamou. — Minha mulher pediu-me para mandar concertar um móvel em casa, e eu não me lembro, agora, qual é a peça da mobília!

— Não é o divã da alcova, que está rangendo muito? — atalhou o advogado, insensível.

— É isso! é isso mesmo! é o divã da alcova! — lembrou-se o Dr. Walsh, batendo na testa.

E entrou na marcenaria.

XLIV

A LIÇÃO

— Toma cuidado contigo, Enedina! — recomendava a bondosa D. Matilde, repreendendo a filha. — Essa mania de bailes, de festas, de passeios e êsses vestidos muito curtos, e muito decotados, podem prejudicar-te. É preciso um pouco mais de decôro, de zêlo, de discreção. Isso, assim, não vai bem!

— Ora, mamãe! — respondia a linda moça, num muxoxo. — Mamãe não quer, então, que eu me case?

— Quero, sim; mas não é assim, indo a toda parte, e mostrando as pernas até os joelhos, e o colo até o estômago, que encontrarás um bom casamento.

A resposta era, porém, a mesma, com o mesmo estouvamento gracioso:

— Ora, mamãe!...

Sabado último, desejando oferecer à filha uma jóia custosa para as futuras festas ao Rei, veio D. Matilde à cidade, e parou, com ela, diante das vitrinas da casa Adamo, na Avenida.

— Aquele não te agrada? — indagou, mostrando à moça um dos mais lindos colares da exposição.

— Não; não quero aquele.

— E aquele?

— Também não quero.

E convidando D. Matilde:

— Vamos ver lá dentro?

Entraram.

— Colares, de pérolas, ou de brilhantes, — pediu a conhecida senhora.

O dono da casa abriu o cofre forte, pondo-lhes sob os olhos um chuveiro de pedrarias.

— Quero êste! — pediu a moça, batendo as mãozinhas, contente.

No automóvel, de caminho para casa, D. Matilde indagou da filha:

— Achaste, mesmo, êsse colar muito bonito?

— Achei-o, sim.

— Mas havia outros mais bonitos, na vitrina.

— Havia.

— Por que não escolheste um dêles?

E a moça:

— Porque estavam tão expostos, tão à mostra... Toda gente já os viu! Êste não; e, com certeza, há de despertar mais interesse, mais curiosidade! Não é?

A essas palavras, D. Matilde sorriu, carinhosa, e, tomando nas suas mãos enluva-

das, as mãozinhas de neve da sua Enedina, observou-lhe, maternal:

— Minha filha, sirva-te isto, pela última vez, de lição. Os homens são pelas mulheres o que as mulheres são pelas jóias: preferem as que se acham guardadas, recolhidas, às que vivem permanentemente no mostruário, expostas a todas as vistas! Aproveita, tu própria, minha filha, a tua experiência!

E beijando-lhe a testa, bondosa:

— Sê discreta e modesta para seres desejada. Ouviste?

XLV

OS GÊMEOS

O piloto Alfredo Fagundes de Moura estava casado há pouco mais de seis meses quando, por determinação da companhia de navegação em que era empregado, teve de embarcar súbitamente no “Capanema”, antigo cargueiro alemão, para uma demorada viagem ao Mediterrâneo. A travessia, com os submarinos teutônicos a costurarem, como agulhas monstruosas e invisíveis, o manto verde do oceano, era, naquele tempo, arriscadíssima: o que, porém, mais afligia o jovem marujo, não eram os perigos, os riscos, a visão sinistra da morte nas águas, mas a saudade da sua encantadora Palmirinha, tão simples, tão doce, tão amada, e, o que era pior, tão sòzinha no mundo, onde não tinha como amparo senão a coluna de ouro do seu amor.

A ordem de partida fôra, porém, terminante; e, uma tarde, lá se foi o “Capanema”, barra a fora, apartando, como um pastor de ovelhas irrequietas, o infinito rebanho das ondas. Dias depois estavam na Madeira. E os portos foram-se sucedendo:

Lisboa, Gibraltar, Cadiz, Marselha, Gênova... além de outros, pequenos, monótonos, secundários, a que eram forçados a arribar por imposição arbitrária das flotilhas inglesas de vigilância. E nisso gastou êle dezoito meses de trabalho e de saudade, ao fim dos quais ancorou de novo, com a alma nos olhos, nas proximidades da ilha Fiscal.

A alegria do casal não podia ser maior. Beijos, abraços, lágrimas de contentamento, foram os confeitos de coração na doce festa daquele encontro.

— Estás linda, meu amor!

— E tu, forte, corado, bonito!

E novos beijos estalaram.

Um mês depois, porém, começou a entrar na cabeça do Fagundes, batido pelo martelo de um pensamento mau, o prego de uma dúvida horrível: é que a sua Palmirinha havia dado ao mundo oito dias depois da sua chegada, dois pequenitos miúdinhos, mas perfeitíssimos, que a ciência conseguira salvar.

Aos olhos do piloto, habituado a ver longe, aquilo parecia incompreensível. Se êle estivera em viagem ano e meio e chegara apenas há quinze dias, como admitir o nascimento daqueles pirralhitos, tão bem conformados, e que tinham vindo de tempo? O melhor, em tal emergência, era consultar um médico, um entendido, e foi o que êle

fez, indo bater à porta do Dr. Abelardo Meira, que morava no mesmo quarteirão.

— O meu caso, senhor doutor, é êste.

E contou o fato, palavra por palavra, sem omitir a menor particularidade. Ao fim de tudo, o médico fitou-o, indagando:

— Quantos meses o sr. passou fora?

— Dezoito, senhor doutor.

— E quantos filhos sua senhora teve, agora?

— Dois gêmeos.

O especialista endireitou o “pince-nez”, pigarreou, tossiu, remexeu-se na cadeira, e inquiriu, sentindo-se vitorioso:

— Diga-me cá: com quantos meses nasce uma criança?

— Nove.

— Então está aí! -- exclamou o médico.

E batendo-lhe na perna:

— Está claro, homem de Deus! Duas crianças, dezoito meses, isto é, nove para cada uma. De que é que se admira?

O Fagundes sorriu, desafogado. E levando a mão à cabeça, arrancou, satisfeito, num gesto brusco, o doloroso prego daquela dúvida...

XLVI

AS CAMISAS

Há muitos dias que o Dr. Abelardo insistia com a mulher, a encantadora D. Sílvia, para que usasse umas camisas de sêda côm de rosa, que, na sua opinião, lhe deviam assentar admiravelmente sôbre a pele clara, macia, setinosa. Apaixonada pelo marido, que sabia disputado pela mais íntima das suas amigas, a loura Luizita Correia, D. Sílvia escancarou, nesse dia, o grande móvel do quarto de vestir, em que guardava as suas roupas de interior, e, tirando as dezenas de camisas que alí estavam arrumadas com ordem, ia mostrando-as, uma a uma, ao espôso :

— É assim ?

— Não.

— É destas, de sêda, enfiadas de fita ?

— Não.

— É assim, apenas com uma fita sôbre o ombro ?

— Também não !

E como a espôsa lhe não mostrasse nenhuma camisa como a que êle desejava aca-

riciar sôbre o seu corpo soberbo, convidou-a êle próprio, beijando-a nos olhos:

— Amanhã, na cidade, veremos onde tem. Quero comprar-te uma dúzia. Ouviste, meu amor?

D. Sílvia agradeceu, com um sorriso e um beijo, a gentileza amorosa do espôso e, no dia seguinte, à tarde, entravam, os dois, contentes, em uma casa de modas da rua do Ouvidor, onde, tomando a dianteira, o marido pediu:

— Camisas de dia, de sêda, para senhora: n.º 3.

— Que côr? — indagou, solícita, a moça que o atendeu.

— Côr de rosa.

A empregada subiu ao primeiro andar, trouxe algumas caixas de camisas de sêda, mas nenhuma correspondia ao desejo elegante do freguês, que era, de fato, exigente.

— Não são destas? — consultou.

— Não, senhora. São mais finas, mais transparentes, com uma renda de sêda até quasi à cintura.

— Ah! Já sei! — exclamou a mocinha, sorrindo.

E levantando os olhos para o andar superior, chamou por uma companheira.

— Julieta!

Apareceu, em cima, no balaustre, a cabeça oxigenada de outra caixeira da casa.

— Manda-me daí, por favor — pediu
— a caixa de camisas n.º 8.645.

E, particularizando, alto:

— Olha! daquelas que D. Luizita Correia comprou aqui... Sabes?

Quando as camisas desceram das nuvens, D. Sílvia tinha subido.

XLVII

O SONÂMBULO

A noite estava escura, fria, gelada, com a chuva a despencar, lá fora, os cafezais amadurecidos, quando o caboclo bateu, com a mão tiritante, à porta do casebre.

— Quem é? — indagou, de dentro, uma voz masculina, demonstrando na tonalidade o aborrecimento por aquele incômodo fora de horas.

— Sou eu! — respondeu, de fora, o viandante, o Praxedes Ferreira, antigo tocador de gado em São José do Paraíso.

Aberto um palmo de porta, o recém-chegado explicou-se. Ia de caminho para o Poço Fundo, e, surpreendido pelo chuveirão daquela noite, pedia permissão para pernoitar no rancho, uma vez que não havia por ali, naquelas quatro léguas mais próximas, um lugar em que se acoitasse.

— Só se for no telheiro da cozinha; mas êsse chove, como no meio do tempo. Serve? — observou, de má vontade, o colono Eleutério, dono do lugar e da casa.

— Serve! — concordou o Praxedes.

O colono fechou de novo a portinhola da frente, e ia atirar-se na esteira espichada

no único compartimento do casebre, quando a mulher, que já aí estava encolhida, indagou, curiosa:

— Quem é, Lotério?

— Sei lá! É um camarada que vai de viaje. Mandei êle p'r'o telheiro. Tá lá.

— Coitadinho! — gemeu a rapariga.
— Com essa chuva!...

E após um momento:

— Por que você não manda o “coitado” aquí p'ra dentro? A esteira é grande, cabe os três. Você fica no meio.

O Eleutério imaginou o que estaria sofrendo, lá fora, o desgraçado, levantou-se, abriu a porta que dava para o velho telheiro alfinetado de chuva, e chamou:

— Ó amigo?

— Hô! — acudiu o outro.

— Entre p'ra cá. Se deite aquí na esteira, com a gente.

O caboclo entrou, embrulhado num velho capote que tirara do saco, e atirou-se no lugar que lhe foi indicado, separado da rapariga pelo corpo forte, atlético, vigoroso, do dono da casa. Estirou-se, embrulhou-se, e estava para dormir, quando, de repente, como quem se esqueceu de alguma cousa, bate no braço do Eleutério, avisando:

— É verdade, eu me esquecí de lhe dizer: eu tenho um sono muito doido, com uns sonho de home doente: dou pulo, salto, rolo no chão, faço o diabo. Por isso, não se in-

comode não, se eu, sonhando, passá por cima do sinhô.

— Você é assim? — indagou o colono, descobrindo o rosto.

— É verdade! — confirmou o outro.

— Então, é tal qual como eu. Tem vez que eu sonho que estou agarrado com um cabra doido, da minha qualidade, e quando acôrdo, tou no meio da casa, em pé, de faca na mão. É um perigo!

O caboclo ouviu a ameaça, pensou, meditou, ruminou, e, após um instante, propôs:

— Vamo, então, fazê uma coisa?

— Que é?

— Vamo drumi sem sonhá?

E embrulhando-se no capote, rolou, macio, para a extremidade da esteira.

XLVIII

O AMBICIOSO

A Mesopotâmia estava, já, povoada de animais de toda ordem, quando Jeová resolveu, uma tarde, aperfeiçoar a sua obra dos sete dias.

— Tudo isso — pensava o Criador — está muito bem. Urge, entretanto, favorecer estes viventes, facultando-lhes um ornamento natural com que se embeveçam, e que seja, no mundo, o objeto dos seus cuidados.

E chamando, com a sua voz poderosa, o anjo Gabriel, mandou que êle preparasse, nas margens do Eufrates, alguns quilômetros de cauda, de diversas grossuras e de diversos feitios, para ser distribuída, na manhã seguinte, pelos sêres recém-criados, — à semelhança do que fazem, hoje, com os cordões honoríficos, alguns governantes sem dinheiro.

No dia seguinte, pela manhã, a várzea do Éden ressoava de guinchos, de uivos, de gritos, de berros, de bramidos, de um alarido, enfim, que fazia tremer a terra. Eram os gatos, os leões, os cães, os tigres, os coelhos, a animalidade inteira, em suma, que

acorria de toda parte, na ânsia de receber o seu prêmio.

Sentado sôbre um pequeno outeiro resplandecente, com os rôlos de cauda amontoados ao lado, o Criador ia chamando, um a um, os animais aglomerados na campina.

— Leão! — gritou.

O quadrúpede formidável aproximou-se, arrastando, humilde, pelo solo fresco, a juba monstruosa, e recebeu dois metros de cauda, da mais grossa, que prendeu, imediata-mente, à extremidade do espinhaço.

— Macaco! — chamou.

O animal deu um pulo, chegando-se.

— Dê-lhe metro e meio da cauda n. 2!
— ordenou Jeová ao anjo Gabriel.

E assim foi distribuindo, equitativo, pelos outros bichos, dando meio metro aos cachorros, um metro aos tigres, vinte centímetros aos gatos, um metro aos bois, e, dêsse modo, consecutivamente.

Em certo momento, porém, chamou o Homem, entregou-lhe a sua parte, que era, mais ou menos, um metro.

— Tome! — exclamou.

— Só isso? — estranhou o ambicioso, com desdém.

Jeová encarou-o, irritado, mas, pensando em vingança ainda mais terrível, ordenou:

— Então, espere aí.

O homem ficou de lado, aguardando a nova chamada, e a distribuição continuou, sendo contemplados, então, na proporção das necessidades, o coelho, a gambá, o carneiro, o bode, o veado, o lobo, toda a bicharada, finalmente, que havia no Paraíso.

Aflito, retorcendo as mãos, o homem olhava o desenrolar dos rôlos de corda viva, notando que ia ficar sem a sua, quando, de súbito, implorou:

— E a minha, Senhor?

Dos quilômetros de cauda fabricados restavam, apenas, duas pontas pequeninas, de dois ou três centímetros, que o mísero pediu, arrependido:

— Dai-me, ao menos, uma destas sobras, meu pai!

— Destas? Não. Esta aqui é do tatú.

— E aquela, Senhor?

— Aquela? É da cotia!

Vendo-se assim preterido, por pena da sua ambição, o homem deu meia volta, e afastou-se, contrariado.

E daquilo que foi, em verdade, uma punição, fez êle, depois, na terra, o motivo do seu orgulho.

XLIX

O SOVINA

Funcionário modesto, ganhando apenas setecentos mil réis por mês, o operoso oficial de Fazenda, Emiliando Praxedes não podia, ou não queria, dar à mulher, jamais, um vestido de passeio, mesmo de baixo preço. Casado há um ano, a espôsa ignorava em absoluto as suas despesas, a cifra dos seus orçamentos, sabendo, entretanto, que os dispêndios eram grandes, fortes, elevados, porque êle nunca entrava em casa com dinheiro.

Cansada de esperar pela generosidade espontânea do espôso, D. Lídia chegou-se, um dia, para êle, e, agradando-o, amimando-o, acariciando-o, pediu, passando-lhe a mão pelos cabelos:

— Praxedes, quando é que tu me dás um vestido novo? Tu nunca me deste nada...

Apanhado de surpresa, o funcionário prometeu:

— Breve. Isso depende apenas de ti. Dá-me um filhinho, um anjo para o nosso lar, que eu te darei um vestido! Está combinado?

— Está combinado! — concordou a moça, batendo palmas de contente.

Ao fim de nove meses, dado o beijo no seu primeiro pimpolho, que piscava no leito os olhinhos desconfiados, partia Emiliando Praxedes para a rua, de onde voltava horas depois com um embrulho, que entregou à espôsa.

— Pronto! — exclamou. — O prometido é devido!

D. Lídia abriu, risonha, o pacote, e empalideceu, mais do que estava: era um vestido de chita azul, grosseira, ordinaríssima, que não havia custado, talvez, mais do que seiscentos réis o metro!

Desapontada embora com a sovinice do marido, a pobre senhora não se revoltou, não protestou, não disse nada. Calcou o seu ressentimento no fundo da alma, escondeu a sua mágoa no coração, e, sem que o espôso lhe tivesse feito outra promessa, deu-lhe, ao fim de mais um ano, um outro filho. Terminado o período de resguardo, tomou um bonde para a cidade, e, à tarde, ao entrar em casa, vinha arrebatadora: vestido de sêda, chapéu de plumas, sapato de setim, pele de raposa, colar de pérolas, enfim, um deslumbramento!

— Que é isso, Lídia? Que escândalo é êsse? — exclamou, boquiaberto, pondo-se de

pé, o Praxedes, que já se achava em casa, à mesa de jantar.

E madame, desafiadora :

— Você pensa, então, que todos são miseráveis como você ?

E entrou na alcova, tirando as luvas.

L

CERIMÔNIAS NUPCIAIS

Em um congresso de jurisconsultos, reunido, há alguns anos, em Berna, o delegado da Suécia, se bem me lembro, sugeriu a uniformização do Direito Civil, dando-se às leis peculiares aos costumes de certos povos uma feição de instituto internacional. Essa medida constituiria um passo para a fraternidade humana, acabando-se, de vez, com as complicações decorrentes da desigualdade dos códigos. A cerimônia do casamento, principalmente, se tornaria mais simples e respeitável, como observava, e muito justamente, um destes dias, o Sr. comendador Paulino Sampaio, em uma palestra erudita com algumas senhoras inteligentes.

— É, realmente, absurda — observava o honrado capitalista, — essa desigualdade de critério. Não seria mais razoável que o casamento, aqui, fosse igual ao casamento na China ou na Arábia? Para que, pois, essas diferenças fundamentais, nesse processo de reunir o destino das criaturas que se querem?

E, para demonstrar o que é a desordem nessa matéria, lembrou, documentando o seu pensamento:

— Na África, por exemplo, são adotados os processos mais exquisitos, e, até, mais repugnantes. Em certas regiões daquele continente, a cerimônia consiste, mesmo, no seguinte: a noiva enche de água uma vasilha, e leva-a ao noivo, para que lave as mãos. Feito isso, a noiva toma a cuia entre os dedos e bebe o resto da água servida. Feito isso, estão casados.

As senhoras entreolharam-se, espantadas, e o comendador continuou:

— Em outras regiões, a cousa é ainda pior; em vez de dar as mãos a lavar, o noivo dá os pés, tomando a noiva, depois, solenemente, os restos da água. É horrível! Não é?

As senhoras entreolharam-se de novo, escandalizadas, e o velho capitalista insistiu:

— Êsses costumes dão ensejo até, às vezes, a crimes inomináveis. Ainda em 1918, após uma lavagem dos pés do noivo, uma rapariga bebeu a água, na forma da tradição. E, momentos depois, caiu fulminada!

— Onde foi isso, comendador? — inquiriu Mme. Costa Pinho, penalizada.

O capitalista sorriu, e explicou, gentil:

— Na África Portuguesa, minha senhora!

LI

A PEDRA DOS NAMORADOS

Fugindo ao clima intolerável da cidade, os dois amigos inseparáveis resolveram passar, êste ano, o verão em Paquetá. As dificuldades, como era natural, foram enormes. Ao fim de algum tempo encontraram, porém, duas casas na mesma praia, as quais se comunicavam pelo quintal, e foram alugadas, não só entre as demonstrações de alegria de D. Adalgisa, espôsa do Dr. Arquimedes, como entre as de D. Eleonora, mulher do tenente Pedreira.

— Magnífico! — aplaudiu a primeira, batendo as mãozinhas finas, brancas, de dedos afilados.

— Esplêndido! — confirmou a segunda com as mesmas demonstrações de contentamento.

Mudados para a ilha encantadora, saíram os dois casais, uma tarde, a passeio, juntando conchas pela praia, até que foram ter ao local em que se levanta, entre a terra e o mar, um penedo de três ou quatro metros de altura, em cujo cimo se amontoava uma infinidade de pedras pequeninas, equilibrando-se com dificuldade.

— Olha, alí! Que é aquilo? — exclamou D. Eleonora, radiante com aquela vida de liberdade, apontando, com a sombrinha fechada, no rumo da pedra.

— Ah! É a “pedra dos namorados”! — explicou o Dr. Arquimedes. — Essa pedra tem uma história curiosa.

E contou:

— É corrente aquí na ilha, que êste rochedo anuncia os casamentos. Os namorados que passam por aquí, atiram-lhe aó cima uma pedra pequena, uma concha, ou cousa semelhante. Se ficar lá em cima, a pessoa terá de casar-se; se não, se a pedra rejeitar o objeto atirado, fazendo rolar para o chão, é sinal de que a pessoa não se casará.

— Que graça! — rouxinoleou, rindo, Dona Adalgisa.

E, voltando-se para os companheiros:

— Vamos experimentar?

— Mas... nós já estamos casados! — obtemperou a amiga.

— Não faz mal. Vamos!

Apanhados quatro seixos, aproximaram-se do penedo, e atiraram, cada um por sua vez. O primeiro ficou. O segundo, igualmente. O terceiro, da mesma forma. O quarto, também.

— Todos ficaram! — exclamou, com a sua jovialidade infantil, a linda Dona Eleonora.

E acentuou, espinchando-se, nas pontas dos pés:

— Olhem: a minha pedrinha ficou junto da do Dr. Arquimedes, e a da Adalgisa bem juntinho da do Pedreira!

O tenente olhou, sério, o bacharel. O bacharel fitou, grave, o tenente. Sorriram, os dois.

E continuaram, os quatro, o seu passeio, apanhando, felizes, na areia úmida, as pequeninas conchas da praia...

LII

O PORCO

A terra estava ainda mole do Dilúvio, mas começavam a rebentar, já, aquí e alí, as sementes das plantas resistentes. E como já houvesse, no solo libertado das águas, alimento bastante para a bicharia salva da inundação, resolveu Noé, naquela manhã de grande sol e de grandes ventos, abrir as portas da arca, encalhada na areia.

— Primeiro os veados, — ordenou o Patriarca.

Jafé correu à prôa da embarcação, espantou um casal de gamos que devorava uns restos de palha espalhados nas tábuas, e os dois animais partiram em disparada, estalando os cascos luzentes no soalho escuro do tombadilho.

— Agora, os leões.

Cam instigou, cauteloso, um leão e uma leoa que piscavam os olhos fulvos à claridade intensa do sol, e as duas feras saltaram no areal ainda úmido, gravando com fôrça, na terra empapada, as quatro patas de unhas fortes.

E assim foram saindo, dois a dois, os camelos, os cavalos, as zebras, as girafas, os bugios, os tigres, os ursos, os castores, os cães, as águias, os milhafres, as cotovias, tudo, em suma, que devia constituir, mais tarde, o ornamento da terra ou do ar.

Deserta a Arca, notou Noé, ao passar-lhe revista, que, no lugar em que estivera o elefante, ficara, empestando o ambiente, um monte de imundície, de lama pútrida que repugnava.

— Sem? Cam? Jafé? — gritou o velho, chamando os filhos.

Os rapazes acudiram, tapando o nariz.

— Tirem daqui esta indignidade, — ordenou.

Os futuros construtores de Babel entreolharam-se, horripilados com aquela incumbência nauseante. E iam principiar, obedientes, o trabalho penoso, quando o pai, compreendendo-lhes o escrúpulo, mandou que se abstivessem. Tinha-lhe acudido uma idéia: estendeu os braços no rumo do monte de estêrco, e ordenou:

— Move-te!

A montanha de imundície estremeceu por si mesma, ergueu-se acima do soalho alguns centímetros, suspensa por quatro pés invisíveis.

O Patriarca estendeu os braços e, novamente, determinou:

— Retira-te!

O monte de lama podre partiu correndo, buscando misturar-se com a lama que ficara das águas.

Tinha nascido o porco.

LIII

REVELAÇÃO

“A recordação de um primeiro beijo de homem, mesmo quando recebido a contra-gosto, transforma-se no espírito da mulher virgem em desejo tenaz, absorvente, imperioso de o repetir, de renovar a sensação daquele delicioso pecado. — *Colette Willy*”.

Com os olhos vermelhos de chorar, e com tremores de susto por todo o corpo delicado, a loura Mariazinha penetrou no gabinete do pai, em cujos braços se atirou, desatando em soluços. Trazido um copo d'água, e serenados os seus nervos exaltados, ainda, pelo terror, a moça contou, a custo, com o rosto nas mãos, o caso inominável.

— Eu vinha, — soluçava, entrecortando as palavras, — eu vinha da aula de música, sòzinha, com a pasta debaixo do braço, quando, alí, na rua Paissandú, perto da praia, um sujeito se aproximou de mim, pelas costas, e, pondo o braço no meu pescoço, curvou-me para trás, e...

— E... — interrompeu o pai, com a agonia no coração.

E a moça, terminando, com dificuldade:

— Deu-me um beijo na bôca, e correu, no rumo da praia!

O caso havia sido, realmente, assim, mas o comendador insistiu na explicação:

— E tu não o conheces?

— Não, senhor. É um rapaz alto, de roupa clara, chapéu de palha, que eu não sei quem é. Se, porém, o encontrar, eu o reconhecerei.

Íntimamente aborrecido com aquela aventura da filha, o comendador deliberou punir o atrevido, prometendo à menina, entre carícias afetuosas:

— Deixa estar, sossega. Esse patife há de ser castigado. De agora em diante eu passarei a acompanhar-te, e, onde o encontrares, eu quero que mo apontes.

E, entre dentes:

— Patife!

Passada a primeira emoção, em que o seu pudor de criatura ingênua, de botão desabrochado para a vida, se patenteara com toda a violência da pureza sem simulações, começou o instinto feminino a tomar o seu lugar no espírito da moça, entre cogitações que a alarmavam. Aquele beijo, roubado por um desconhecido, revoltara-a, indignara-a, enchera-a de ódio, na ocasião. À medida, porém, que o tempo se passava, parecia-lhe que aquela carícia brutal aflorava, de novo, na sua bôca, numa fome angustiosa de repetição. Debalde, passando a mãozinha pelos lábios, ela procurava escorraçar,

afastar, dissipar aquela lembrança. Esta voltava, entretanto, persistente, contínua, teimosa, e de modo tal que ela própria já buscava conservá-la no pensamento, como se conserva uma flôr encantada, cuja árvore se viu morrer no caminho.

No dia seguinte, após uma noite de angústias deliciosas, em que se casavam, substituindo-se, o pudor e o desejo, foi com desprazer, e com um susto mal definido, que a mocinha ouviu, recompondo com coquetaria os finos cabelos de ouro sob o lindo chapéu de palha da Itália, o convite paterno:

— Mariazinha, estás pronta?

— Já vou, papai! — respondeu a moça, de dentro, dando os últimos retoques na “toilette”, diante do toucador.

Durante uma semana o comendador acompanhou a filha, acima e abaixo, da cidade até o palacete, e do palacete à cidade, sem que ela descobrisse o seu insolente desrespeitador. E se o velho capitalista sofria com essas caminhadas, com essas idas e vindas fatigantes, mais padecia, ainda, a menina, cujos olhos se foram cercando de um halo escuro, denunciador evidente das penosas noites de insônia.

Uma tarde, enfim, ao sair com o pai para um passeio na praia, Mariazinha tomou um susto, que a fez parar, branca, de cera, no gramado por onde ia: diante dela, em um grupo de rapazes, estava, de pé, o es-

tróina, que lhe acordara a alma adormecida na inocência, furtando-lhe na árvore virgem dos lábios o fruto venenoso daquele ósculo! Voltando a si, a moça, como num delírio, não se conteve:

— É aquele, papai! — gritou, batendo as mãos geladas pela emoção.

E, atirando-se ao pescoço do rapaz, cobriu-o doidamente, furiosamente, desesperadamente, de beijos...

LIV

RESPOSTA DIFÍCIL

Rosto em fogo, cabelos em desalinho, o Dr. Atanásio, que acaba de entrar da rua, passeia nervosamente de um lado para outro no seu gabinete de trabalho, agitando nas mãos crispadas uma carta que acabara de receber no escritório, e que fôra, para êle, uma punhalada no coração. À sua frente, no canapé de couro escuro, tauxiado de prata polida, a jovem D. Eleonora esconde a face lavada de lágrimas nas duas conchas das mãos côm de neve, soluçando de vergonha e de susto no horror daquela situação.

— E dizer-se que eu confiava em ti, na tua honra, no teu amor, e que estava em São Paulo tranquilo, sereno, na certeza de que procedias aquí, com seriedade, com dignidade, com a correção que me havias jurado, de joelhos, diante de Deus! . . . — geme, quasi chorando, o pobre espôso desesperado.

Madame procura, como um náufrago na tormenta, uma frase com que inicie a desculpa impossível, mas o marido atalha, agitado, com os olhos em chama, forçando-a a esconder, de novo, a cabeça entre as mãos:

— Que vergonha, meu Deus! que vergonha, agora, para mim!... Nunca mais, na minha vida, poderei levantar o rosto diante desta sociedade, que conhece, que sabe, que testemunhou, impassível, o teu crime, a lama que atiraste sôbre o meu nome!...

Enfiando os dedos na cabeleira grisalha, passadas largas, o notável advogado mede, cada vez mais nervoso, a extensão do gabinete, cujos tapetes lhe abafam os passos, quando, de repente, pára, e reclama, cerrando os punhos:

— Confessa-me, afinal: quando foi que a aquele miserável, abusando da tua fraqueza, e aproveitando a minha ausência, penetrou nesta casa?

Adivinhando nessa pergunta um caminho para a reconciliação, D. Eleonora levanta o lindo rosto ensopado de lágrimas, e, fixando os grandes olhos úmidos nos olhos ardentes do marido, indaga, apenas, pronta para uma explicação:

— Qual?

O TROPEIRO

O casamento do sr. Antônio Moreira, comerciante e fazendeiro em S. Bernardo das Russas, cidade cearense a duzentos e quarenta quilômetros de Fortaleza, estava anunciado para a véspera de Natal, que distava, apenas, oito dias. Há um mês quasi, não se falava em outra cousa. A festa devia ser estrondosa, com banda de música e danças por uma semana, e, o que era mais, com uma abundância de comidas e bebidas como não havia notícia de outra na redondeza. Antegozando o sucesso daquele acontecimento, o sr. Antônio chamou, uma tarde, um amigo tropeiro, e ordenou:

— João, você vai, amanhã, à capital. Daquí lá são quarenta léguas, das grandes. Você ponha a cangalha na burra preta: escanche, em cima, o jôgo de malas, e, chegando à cidade, receba, na casa da modista para quem vai esta carta, o vestido da noiva.

E olhando o tropeiro, significativamente:

— Mas, olhe: você deve estar aquí no sabado, à tarde. Se não, já sabe!

O caboclo correu ao cercado, pôs a can-

galha na burra, atirou-lhe por cima o jôgo das malas de couro, e partiu. Chegando a Fortaleza, recebeu a encomenda, e para estar em S. Bernardo no dia determinado, retrocedeu na mesma hora.

O prazo que o sr. Moreira lhe havia dado para a viagem era, francamente, curto. O caminho não era bom, a burra era velha, e, sexta-feira, à tardinha, faltando ainda dezoito léguas, estava completamente estropiada. Debalde o caboclo, sacudindo o cabresto, lhe metia o relho, rogando-lhe pragas: a alimária reunia as fôrças, tentava um choto manhoso, e voltava ao mesmo passo triste, lento, fatigado.

De repente, surgiu à margem da estrada uma palhoça de lavrador. João bateu:

— Ôi, de casa!

— Ôi, de fora!

E apareceu à porta de esteira um sertanejo cobreado, dando as “boas-tardes”.

O tropeiro, que era mais ou menos conhecido por alí, perguntou, interessado, se não havia um cavalo, um burro, um jumento, que lhe pudessem alugar. O dono da casa foi franco: animais, não tinha; informado, porém, do compromisso do viajante, lembrou-lhe, experiente, um remédio:

— Homem, você quer um conselho?

E ensinou:

— Olhe, alí, atrás da casa, tem uma pimenteira. Está encarnada de pimenta. Vo-

cê apanha uma porção delas, machuca num caco, faz uma bolota de pano, e... e... passa!

O João aceitou a receita: machucou as pimentas, enrolou alguns molambos à ponta de um pau, ensopou-os no mólho, e passou.

Passou e despediu-se.

Daí a pouco, a burra começou a aumentar a marcha. Momentos depois, principiou a chotear; e, finalmente, largou, de malas às costas, numa carreira brutal, furiosa, desabalada, caminho em fora.

Seguro à ponta do cabresto, o caboclo, a princípio, acompanhou o quadrúpede. Quando, porém, êste abalou na carreira desbragada pela estrada silenciosa, não houve mais recurso: estava, êle também, cansado, fatigado, estropiado. Mas, recordando-se que tinha prometido estar com o animal em São Bernardo das Russas, e êste se podia transviar com a roupa da noiva, reuniu, num supremo esfôrço, todas as suas energias de inteligência e de músculos, arrancou, num movimento rápido, o cinturão de couro, e, fazendo em si mesmo o que havia feito com a burra, largou-se, também, pelo caminho soturno, numa carreira desenfreada!

No dia seguinte, pela manhã, oito horas antes da que lhe fôra marcada, atravessavam os dois, o tropeiro e a burra, em disparada, as últimas ruas de S. Bernardo das Russas.

LVI

PARÁBOLAS

Em matéria de parábolas, eu conhecia, apenas, as que o Nazareno arquitetou para edificação dos seus discípulos: a do bom samaritano, a do filho pródigo, a do semeador, e três ou quatro outras, igualmente profundas e morais. Agora, acabo de conhecer mais umas duzentas, contidas em um volume encantador, publicado há dois dias pelo sr. Dr. Afrânio Peixoto.

As “Parábolas” do brilhante romancista da “Maria Bonita” e da “Esfinge” são, como todas as parábolas bem urdidas e meditadas, um excelente repositório de ensinamentos, de exemplos, de lições adaptáveis à vida dos homens. E entre elas nenhuma é, talvez, tão humana, tão sábia, nem tão oportuna, como a do melro e do tico-tico. “Descobrí num arbusto, quasi à beira do caminho, no meu jardim — escreve o autor, — um ninho de tico-tico. Vi-o voar, quando me aproximava, e pude notar três ovos depostos na fôfa cama bem feita. Pareceu-me que um dos ovos era diferente na forma e na côr, dos outros dois, mas não insistí na minha malícia. Seria lá com o tico-tico.

Não perturbei mais o mistério dessa maternidade com a minha indiscreção. Muitos dias depois, distraído, vou pelas mesmas bandas e ouço inquieto pipilar. Pé, ante pé, chego à espreita: o tico-tico depois de saltitar de galho em galho, acerca-se do ninho, trazendo no bico a nutrição para a ninhada que o chamava sôfrega. Olho para o ninho e vejo um passarinho só, grande, bem maior que o outro, vestido de penugem negra, de amplo bico aberto, à espera de alimento... O filho do tico-tico era um melro!”

Entusiasmado com essa página de Afrânio Peixoto, eu acabava de lê-la para a admiração do desembargador Bernardo Meireles quando o velho político do Império me interrompeu, indagando:

— Como se chama essa história?

— Parábola, desembargador.

— Parábola? — trovejou o ancião, fazendo ressoar no soalho o seu bengalão de massaranduba, e agitando, num tremor subitâneo, as barbas veneráveis. — Que parábola, o que!?. . .

E acentuou, indignado:

— Uma grande patifaria, é que é!

E chamando os oito netinhos, filhos da mesma filha, começou a distribuir biscoitos por êsse pequeno viveiro humano, em que havia, cantando, pipilando, chilreando, melros, canários, tico-ticos, cambachirras, curiós. . .

L V I I

A ADÚLTERA

(João, VIII, 112)

Regressava Jesús, naquela tarde, do monte das Oliveiras, quando, em meio do caminho, com o sol a esconder-se, ao longé, no leito de fogo das montanhas, foi rodeado por um pequeno grupo de fariseus, que traziam de rastros, pálida e desgrenhada, uma pobre mulher que se debatia entre êles. Supondo confundir o Rabino com a sua consulta inesperada, um escriba, de nome Baraquias, adiantou-se dois passos, e pediu, com fingida humildade:

— Mestre, esta mulher foi surpreendida a trair o espôso, a quem jurara fidelidade. A lei de Moisés determina que ela seja apedrejada, e morta pela multidão. Que devemos fazer?

Jesús, que lhe ouvira o coração antes de lhe escutar a palavra, baixou-se na areia da estrada, e pôs-se, com o dedo, a escrever.

— Mestre — tornou o fariseu, — esta mulher foi apanhada em flagrante, traindo o seu espôso. Devemos matá-la à pedrada, como estabelece a lei de Moisés?

Jesús, em silêncio, continuava a escrever sôbre a areia, quando, de repente, erguendo-se, respondeu:

— Só o justo pode punir o pecador. Aquele, pois, que, dentre vós, nunca pecou, atire a primeira pedra!

A estas palavras Baraquias desapareceu, e, com êle, um a um, aqueles que o acompanhavam, ficando no caminho, apenas Jesús e a pecadora. Agradecida e assustada, ia a mísera atirar-se de joelhos para beijar as sandálias do mestre, quando o Rabino a deteve pelos braços, dizendo-lhe, severo:

— Nada me deves, mulher. Em verdade te digo, que as leis de meu Pai são mais implacáveis do que as leis de Moisés. Poupei-te a vida porque a própria morte não puniria a tua falta!

E, repelindo-a com a mão, suavemente:

— Anda; vai! A vergonha do teu crime, na tua velhice, será, na terra, o teu castigo!

E, baixando os olhos, continuou, sôzinho, a caminho de Jerusalém...

LVIII

OBEDIÊNCIA

Mal saída do colégio para onde entrara ainda criança, isto é, desde que o pai, o comendador Anacleto, enviuvara, foi a encantadora Maria Lúcia residir no palacete recentemente alugado pelo velho capitalista em uma das ruas menos movimentadas de Botafogo. Deslumbrada com a liberdade conquistada à fôrça de estudo, de uma aplicação que lhe granjeara o primeiro lugar na sua turma, apenas uma cousa a desgostou: foi a recomendação que lhe fez o pai, severo e prudente:

— Ora, minha filha; esta casa é tua; governa-a como se fosses a dona. Uma cousa, apenas, eu te peço: vive isolada, sem relações de amizade, e nunca, em hipótese alguma, incomodes os vizinhos.

E beijando-lhe a testa clara, coroada por uns lindos cabelos castanhos:

— Muito juizinho; ouviu?

Duas semanas não se tinham passado sôbre a libertação de Maria Lúcia, quando uma quadrilha de ladrões, vendo, uma tarde, sair as criadas, que a jovem patrôa in-

dultara naquele dia, resolveu assaltar, pulando o muro dos fundos, o palacete do comendador. Descalços, em mangas de camisa, chapéu em cima dos olhos, os miseráveis penetraram na casa e, desrespeitando a fraqueza da moça, praticaram toda a sorte de depredações, esvaziando as gavetas, arrombando os cofres de jóias, carregando, enfim, com todas as cousas de valor que havia na residência do honrado capitalista.

À noite, ao abrir a porta, de regresso ao lar, o comendador teve um pressentimento triste, ao ver a casa às escuras. Abertas, porém, as lâmpadas, recuou, horrorizado, para, em seguida, precipitar-se, de compartimento em compartimento, chamando, aflito, pela menina:

— Maria Lúcia? Maria Lúcia? Onde estás, minha filha?

No último quarto da casa, esperava-o uma surpresa maior: sentada no leito, desgrenhada, pálida, com as vestes em desalinho, Maria Lúcia chorava, com a cabeça nas mãos.

— Minha filha da minha alma! — gemeu o velho, atirando-se para ela. — Que foi isso?

— Os ladrões!... — explicou a moça, num gemido.

E enxugando os olhos:

— Levaram tudo: as roupas, as jóias, a louça, tudo, enfim. Depois...

— Depois?... — rugiu o velho, com os olhos esbugalhados.

— Desgraçaram-me!... — continuou a moça, prorrompendo em soluços.

— Desgraçaram-te?... — gritou o velho, de dentes e punhos cerrados, com um rugido soturno, cavo, de fera atingida no coração.

E após um instante de silêncio desesperado:

— E como foi? Amarraram-te?

— Não, senhor.

— Subjugaram-te?

— Não, senhor.

— Taparam-te a bôca?

— Não, senhor.

— E por que não gritaste? — berrou o ancião, parando, de súbito, no meio do quarto.

E a moça, levantando para êle, num soluço, os lindos olhos machucados de lágrimas:

— Papai não disse que eu não incomodasse os vizinhos?

L I X

AS LOÇÕES MIRACULOSAS

A coisa mais fácil de inventar, é, neste mundo, o tônico para cabelo. Não há barbeiro, por mais modesto e preguiçoso, que não possua a sua fórmula prestigiosa, destinada a fazer rebentar uma cabeleira encarracolada na calva mais rebelde e, se possível, numa bola de bilhar. Quanto à utilidade real dessas loções, dêsses tônicos, dessas tinturas miraculosas, prova-a o número, sempre crescente, de carecas, existentes no Rio de Janeiro.

O mais curioso é, no entanto, o entusiasmo, a fé, a convicção, com que os fígaros fazem a propaganda do seu preparado. Concluída a barba do freguês, o bárbaro, empunhando ainda a navalha, propõe à vítima:

— Vamos, agora, a uma fricção do nosso tônico?

Agredido assim, o freguês encara o agressor, medindo-o de alto a baixo, com raiva; ao dar, porém, com os olhos na lâmina faiscante, aberta a dois palmos do seu pescoço, capitula, forçosamente, concordando, desarmado:

— Ponha!

Autorizado a cometer o crime nefando, o barbeiro passa, então, a fazer o elogio do seu remédio.

— É um prodígio, senhor doutor! — assegura. — Se êle caísse numa pedra, no chão, a pedra criaria cabelo! . . .

O mais curioso propagandista dêsse gênero foi, entretanto, o que deu notícia, há muitos anos, na imprensa do norte, um saudoso jornalista paraense. Apanhado, certa vez, de surpresa, em uma cadeira de barbearia, êsse mártir foi intimado, de súbito, pelo homem da navalha:

— Então, uma loçãozinha para nascer o cabelo; não?

O desventurado ia recusar terminantemente a proposta, mas o barbeiro atalhou, abrindo a navalha:

— É um verdadeiro milagre, o meu preparado. Basta cair na calva, para o cabelo começar, logo, a nascer. É assombroso! É prodigioso! É formidável!

Enquanto esfregava na cabeça do freguês a água do pote perfumada, contou:

— O senhor quer ver o que é a minha loção? Uma vez, estando eu a fabricar êste preparado, peguei um jarro, que estava cheio dêle, e coloquei-o em uma prateleira, pregada à parede. Debaixo da prateleira, que é alta, ficava o meu baú, um baú grande, de couro cortido, todo pregueadô, daque-

les antigos, sólidos, enormes, que se faziam em Portugal. Pois, bem; o jarro, que estava rachado, começou a vasar o líquido na prateleira, que o fazia cair, por seu turno, sôbre o baú; e de tal forma que, no dia seguinte, ao abrir a porta, encontrei o baú...

— Molhado, não? — interrompeu o jornalista.

E o fígaro, sério:

— Não, senhor; coberto de cabelo!

E esfregou-lhe a careca, com fôrça.

A VINGANÇA

O caboclo Saturnino, agricultor em Jacarèpaguá, era, por natureza, um homem morigerado. Criando os seus porcos, as suas cabras, os seus perús, as suas galinhas, fazia o possível para que a bicharada não saltasse a cêrca, indo devastar as plantações dos vizinhos. Se êle se indignava até a inconveniência quando um bode alheio lhe penetrava o roçado, era natural que os outros se revoltassem, também, quando vítimas de idênticas depredações.

Não obstante os cuidados de todo o dia, tapando, endireitando, recompondo os menores buracos do cercado, foi o Saturnino surpreendido, uma tarde, pela falta de uma das galinhas mais gordas do terreiro. Experiante como era, saiu o caboclo pelo fundo do quintal, e, ao olhar para a cozinha do seu compadre Teodoro Maniva, descobriu, lá, a sua galinha, que estava sendo depenada pela dona da casa. Saturnino rodeou o cercado, bateu à porta da frente, e queixou-se do que lhe haviam feito. Positivamente, aquilo não era sério, nem digno de um homem de bem... Teodoro sorriu, e desculpou-se:

— Ora, compadre, para que brigar? Vamos entrar num acôrdo. A galinha já está na panela; venha jantar, hoje, comigo...

Inimigo de questões, Saturnino aceitou o convite, esperou a hora, jantou, despediu-se, e dirigiu-se para casa, de cabeça baixa, imaginando o meio de tomar desforra do seu compadre Teodoro.

Esta, não foi difícil. A Brígida, mulher do Teodoro, era uma cabocla forte, rechonchuda, atarracada, cujos olhos fais-cavam toda a vez que divisavam, na vila ou nas estradas, o vulto do Saturnino. O caboclo recordou-se disso e, com o propósito da represália, resolveu explorar essa fra-queza da comadre. E tanto fez, tanto vi-rou, tanto mexeu, que, um dia, ao voltar do roçado, o Teodoro não encontrou mais a mulher. Desconfiado, rumou para a casa do Saturnino, e bateu.

— Sou eu! — trovejou o Teodoro.

Saturnino apareceu na soleira do case-bre e o outro indagou, feroz:

— A Brígida não está aqui?

O caboclo sorriu, batendo-lhe no ombro.

— Está aí, compadre; ela está aí den-tro.

E tomando-o pelo braço, puxando-o para a cabana:

— Entre, compadre; fique para dormir com a gente...

L X I

ALTRUÍSMO

(“Diário” de uma senhora recentemente chegada da Europa)

“*Domingo, 6.* — Regresso, enfim, à pátria querida, e aos braços do meu marido. Após dois anos de ausência, embarquei, ontem, às 5 horas da tarde, em Lisboa, aonde cheguei anteontem, de París. O navio vai repleto de passageiros, principalmente de emigrantes, embarcados em Vigo e no Porto. O mar apresenta-se bem, e a viagem está sendo feita sem novidade.

Segunda-feira, 7. — Tudo continua bem a bordo. Os passageiros de 1.^a classe, na sua maior parte argentinos, bebem e jogam, no bar. No tombadilho, alguns ingleses, que se dirigem ao Rio e a Buenos-Aires, fumando displicentemente. Algumas francesas que conduzem vestidos feitos para a sociedade carioca; e três ou quatro famílias brasileiras, que se conservam nos seus camarotes.

Terça-feira, 8. — A viagem continua excelente. Em palestra com o imediato, éste me informou que vão a bordo, para o

Rio, Santos, Montevidéu e Buenos-Aires, 1.275 passageiros. Uma verdadeira cidade flutuante, em que não há cinco pessoas que recíprocamente se conheçam!

Quarta-feira, 9. — O mar permanece calmo, e o céu prenuncia bom tempo. À mesa do almôço, notei que o comandante olhava insistentemente para mim, distinguindo-me entre as outras senhoras. Achei exquisita a insistência, e fiz-me de desentendida. À noite, não descí para o jantar.

Quinta-feira, 10. — O comandante continuou, hoje, à mesa, a olhar-me com desusado atrevimento, a ponto de esquecer-se do talher e do *whisky*. É um inglesão alto, robusto, de quarenta e poucos anos presumíveis, bigode louro, tez corada e fina, olhos azues como o oceano. Um verdadeiro tipo de marujo britânico. Entretanto, a sua insistência irrita-me. Por quem me tomará êle?

Sexta-feira, 11. — Após o jantar, o comandante William desceu da casa de comando ao tombadilho, procurando conversar comigo, em inglês. Fiz todo o possível para impedir uma declaração indelicada, não o conseguindo. Não é que o homem está mesmo apaixonado?

Sábado, 12. — Esta situação começa a incomodar-me. O comandante passou o dia quasi todo a perseguir-me, insistindo

em declarar-me a sua paixão desordenada. Tenho a impressão de que o homem enlouqueceu. E eu, sòzinha, sem um amigo, sem um conhecido que me defenda! Como é perigoso para uma senhora viajar só!...

Domingo, 13. — O comandante enlouqueceu, positivamente. Hoje, à tarde, aproveitando um momento em que ficamos sós no salão de música, apertou-me os pulsos com violência, dizendo-me que não lhe é possível resistir mais. Diz êle que, se eu não entregar à sua paixão louca, êle meterá o navio a pique em pleno oceano, fazendo perecer todos que nele viajam. Dai-me fôças, meu Deus! Dai-me coragem!

Segunda-feira, 14. — Que dia horrível, êste! Como um louco, o cabelo e o bigode revôltos, os olhos inchados pela insônia e pelo desejo, o comandante declarou-me, trêmulos, sob palavra de honra, que, se eu não for, à meia-noite de hoje, ao seu camarote, meia hora depois êle fará explodir o navio, em uma catástrofe de que se não salvará ninguém. Que situação a minha! Tende piedade de mim, minha Nossa Senhora da Penha! Iluminai-me, minha Virgem Maria!

Terça-feira, 15. — Salvei da morte 1.275 passageiros! Não haverá outros navios correndo perigo no mar?"

LXII

MODAS...

A imprensa carioca tem mostrado, nestes últimos tempos, um desusado interêsse pelo Japão. A *Noite* mantém em Tóquio um correspondente epistolar, o sr. Carlos Abreu, e não há quem não tenha lido, e quem não admire, no Rio, as crônicas deliciosas que o nosso cônsul em Cobe, o sr. Osório Dutra, está mandando para o *O Imparcial*. Despertada, assim, a fome de pitoresco do público, não há, hoje, quem não deseje conhecer a terra do Micado, com as suas *geishas*, os seus crisântemos, as suas cegonhas azues e as suas cerejeiras côr de rosa, enfim, o Japão verídico ou de legenda, com os seus pequenos leques de sêda e os seus grandes templos de porcelana.

Entre os curiosos dêsse gênero está, como era natural, o antigo engenheiro da Central do Brasil, dr. Guilherme Viana, cuja velhice decorre, hoje, no meio da melhor prosperidade econômica, ao lado da espôsa, a virtuosa dona Saturnina, da filha viúva, dona Odete Meirelles, e da sua encantadora

sobrinha Maria Otávia, botão de rosa de dezoito pétalas, que é, pode-se dizer, uma segunda filha do casal. Interessado, dessa forma, pelo Império do Sol Nascente, o velho engenheiro perguntou-me, outro dia, se eu possuía nas minhas estantes alguma obra sobre o Japão. Eu lhe falei em cinco ou seis, entre as quais as dos nossos patrícios drs. Oliveira Lima, Luiz Guimarães e padre Feitosa, e o meu amigo escolheu:

— Mande-me o livro do padre; deve ser mais fiel, mais de acôrdo com a verdade. E mande-me outro qualquer, de autor estrangeiro.

No dia seguinte remetia-lhe eu a *Viaagem ao Japão*, de monsenhor Feitosa, e uma obra de Mabel Bacon, americana, traduzida, há anos, para o francês, com o título de *Jeunes filles et femmes au Japon*. E ontem fui visitar o meu velho amigo, a quem encontrei com os dois volumes em cima da mesa, rodeado das três senhoras que lhe compõem a totalidade da família.

— Excelente livro, o do padre; — observou-me, de sopetão, o meu velho camarada. — Achei apenas um pouco exagerado, naquela parte em que êle diz ter visto os soldados de um destacamento tirarem a farda, e descansarem, nus, à vista de toda gente, ao lado das baionetas.

— E o outro livro, o da americana? — indaguei.

— Também tem exageros, excessos abomináveis, como, por exemplo, êsse em que a autora conta que, no interior do país, as camponesas trabalham ao sol, cultivando a terra, tendo sôbre o corpo unicamente um chapéu de abas largas, e, à cintura, um leque, amarrado por um cordão.

— Como é essa vestimenta? — indagou dona Odete, intervindo.

— Um chapéu de palha, e um leque à cintura, — repetiu o pai.

— E nada mais! — acentuou.

A essa informação, dona Saturnina juntou as gordas mãos sôbre o estômago, espantada:

— Meu Deus! Parece até *toilette* do Municipal!

Mas não terminou. Escandalizada com aquela heresia, a viúva interrompeu-a, protestando, logo, não em nome da decência, mas em nome do bom gôsto:

— Oh, mamãe, assim, também, não!

E acrescentou, com horror:

— Onde a senhora já viu a gente ir ao Municipal de chapéu?!...

LXIII

OS SUSPENSÓRIOS

Um advogado ilustre, pessoa da minha estirpe, contava-me, há dias, um caso curioso que o impressionara profundamente. Procurado por uma senhora, que desejava divorciar-se, fizera êle a petição competente, com todo o segredo, e foi levá-la ao juiz. E regozijava-se com a surpresa que ia causar ao péssimo espôso da sua cliente, quando abriu a bôca, estupefato: no cartório havia, já, uma petição do marido, que apelava para o mesmo recurso judiciário apoiado nas mesmas razões em que se apoiava a mulher. E, como conversa puxa conversa, contou-me o ilustre causídico uma história interessante, que êle havia lido, poucos dias antes, em certa revista estrangeira.

Homem de gênio desigual, o sr. Fabiano preparava-se para sair, quando, de repente, começou a perder a paciência. Falta-lhe o suspensório, que devia estar preso à calça vestida na véspera, e era com indignação que êle berrava, com as mãos segurando o cós.

— Não o viste, Maria?

A criada respondia-lhe negativamente e êle trovejava para a mulher:

— Não o viste, Marcela?

De repente, coordenando as idéias, ajustando o *puzzle* das lembranças recentes, calou-se, acalmando completamente a tempestade. E ia fazer o possível para que ninguém falasse mais em tal cousa, quando a mulher chegou à porta do quarto, avisando:

— Fabiano, aí tem uma pessoa que quer falar contigo, com urgência.

— Quem é?

— O sr. Otaviano, da farmácia.

Um minuto depois, mostrando nas olheiras escuras as infinitas torturas de uma noite de insônia, entrava no quarto, usando da intimidade que ligava as duas famílias, o sr. Otaviano, farmacêutico de renome. Estava soturno, grave, circunspecto, e, sentindo-se a sós com o amigo, explicou, misterioso, o motivo daquela visita matinal:

— Você sabe — começou, que eu tinha absoluta confiança em minha mulher. Em minha casa não entrava, jamais, outro homem. Entretanto, ao penetrar, ontem, no nosso quarto de dormir, encontrei isto de baixo da cama. Veja!

E, dizendo isso, arrancou do bolso do sobretudo, que não tirara, um par de sus-

pensórios azues, com fivelãs de prata, que exhibiu, confiante, aos olhos espantados do amigo.

A essas vozes, porém, a porta escancarou-se e, de um pulo, aparece no meio do quarto uma figura de mulher. Era dona Marcela que, tendo visto e ouvido tudo pela fechadura, bradava, branca de cólera:

— Mas, que é isto, afinal? Êste suspensório é o teu, que estás procurando há meia hora!

E cerrando os punhos, no rumo do espôso:

— Indigno! Canalha! Miserável! Não fico nesta casa mais, nem um minuto! Cachorro!...

E prorrompendo em soluços:

— Bandido! Infame! Desgraçado!...

Atarantado com o que acabava de ouvir, o sr. Otaviano recuara até à parede, boquiaberto. Pálido, tonto, desorientado, o sr. Fabiano fizera outro tanto, em sentido contrário. E ia a comédia por essa altura, com a moça a arrancar furiosamente os cabelos no meio do quarto, quando apareceu à porta a criada, trazendo alguma cousa nas mãos.

— Patrão, achei os seus suspensórios.

A patrôa parou de chorar, estacando, de olhos escancarados, pálida, de cera. E a criada continuou:

— Estavam na secretária da senhora, ao lado do canapé.

Recobrando ânimo, o sr. Fabiano encaminhou-se, rápido, para a rapariga, e vendo que os suspensórios eram cinzentos, e não azues, como os seus, trovejou, furibundo:

— De quem são estes suspensórios, senhora?

Mas não obteve resposta. Dona Marcela, apavorada, havia saído pela porta dos fundos.

LXIV

A BARONESA

Um médico illustre, de incontestável influência no seio da família carioca, está utilizando, ultimamente, o seu prestígio pessoal para que as senhoras eliminem, de uma vez, o hábito de pintar os cabelos. Acha êle que uma cabeça alva, ou, pelo menos, polvilhada de prata, é um sinal de insubstituível respeitabilidade, que se não pode, de modo nenhum, esconder ou disfarçar. E tamanho tem sido o resultado dessa campanha metódica, persistente, silenciosa, contra a vaidade feminina, que sobem a dezenas, já, as senhoras que se reconciliaram com o destino, conformando-se com as consequências inevitáveis da idade.

Esse costume de mudar a côr dos cabelos não é, entretanto, um vício dos nossos tempos. As atenienses conheceram-no, conheceram-no as mulheres de Veneza, criadoras do “louro veneziano”, e não houve côrte européia posterior à Renascença em que não se procurasse um processo de ocultar à curiosidade do mundo, sempre impiedoso, a neve que nos avisa, alvejando-nos

a cabeça, que é chegado, enfim, o triste inverno da vida... Há trinta anos, ainda, estava isso em voga no Rio de Janeiro. E era sobre isso mesmo que eu meditava, uma destas tardes, ao despedir-me da minha veneranda amiga a sra. baronesa de Caçapava, cujos oitenta e seis anos constituem, em nossos dias, uma das relíquias mais preciosas da mais alta sociedade do Império.

Estendida na sua *chaise-longue*, com os pés, pequeninos e engalhados como duas flôres murchas, abrigados sob uma delicada toalha de sêda, a boníssima titular sorria, carinhosa, com a sua bôca muito pequena, escondida em um dos vales do rosto recortado de rugas, quando eu lhe falei nos inícios do nosso conhecimento.

— O senhor andava pelos trinta anos; não era, conselheiro?

Eu fiz as contas, mentalmente, embaraçando-me nos algarismos.

— Não estou certo, sra. baronesa; não estou certo — respondi. — Recordo-me, porém, que, certa vez, ao vê-la, fiquei impressionadíssimo com a sua figura. A sra. baronesa, nesse tempo, lembro-me bem, tinha o rosto ainda moço mas apresentava na cabeça, já, acentuando a sua beleza, numerosos fios de prata.

— Foi em 1871, — confirmou a velha fidalga, sorrindo benèvolamente com a sua

boquita de criança, encolhida e funda, privada de todos os dentes. — Foi em 1871; eu tinha, então, trinta e sete anos...

— De outra vez que a vi, — tornei, — o que mais me impressionou foi, ainda, a beleza do seu cabelo. A sua cabeleira, sempre farta, abundante, maravilhosa, era, ainda, inteiramente negra.

A baronesa olhou-me novamente, com um sorriso de saudade, que era um doce perdão para nós ambos, e acentuou, bondosa:

— Foi em 1880; eu tinha quarenta e seis...

E, olhando-me significativamente, pediu-me, com a vergonha brilhando, como uma brasa, na cinza fria dos olhos:

— Cubra-me os pés, conselheiro; sim?

A FOME NO AMAZONAS

São alarmantes, aflitivas, desesperadoras, as notícias provenientes da Amazônia, relatando o que têm sido, ali, os horrores da fome. Reduzidas à miséria extrema, centenas de famílias vivem, naquelas regiões inhóspitas, sem remédios, sem roupa, sem alimentação, num retrocesso forçado à vida selvagem. As casas, que outrora permaneciam abertas à margem das estradas e dos rios, fecharam-se de todo, para que o viajante não veja, de passagem, a nudez das pessoas que nelas habitam. Milhares de senhoras, de moças, de meninas, refugiaram-se nos aposentos, por não terem um andrajão, um molambo, um trapo, sequer, para velarem as partes vergonhosas do corpo. E, se a carência de vestidos é tamanha, que se poderá dizer, então, da falta de alimentos? O episódio narrado pelo sr. deputado Pereira Teixeira, que dêle teve notícia por um amigo recentemente chegado do Acre, é desses que dissolvem em lágrimas as fibras mais duras do coração.

Seringueiro destemido, o Antônio Cajapió havia resistido, quanto possível, na sua barraca de Santa Efigênia, à fúria da calamidade. Avisado de que os vapores de Manaus não iriam mais àquelas paragens, levando mantimentos, enquanto a borracha não subisse de preço, meteu-se êle no seu casebre, a consumir o que lhe restava: carne sêca, feijão, farinha, bolachas, e, quando acabou tudo, sentou-se na canoa, e pôs-se de viagem, descendo o rio.

Ao fim de dois dias, descobriu, à beira da estrada fluvial, um barracão, que se achava completamente fechado. Intrigado, encostou a embarcação, amarrou-a a uma árvore da ribanceira, e, como não tivesse mais um punhado de farinha para a fome do dia, resolveu disputá-lo, mesmo pela violência, aos moradores daquela tapera. Com êsse intuito, encaminhou-se para a porta, bateu:

— Ó de casa!

Ninguém respondeu.

— Ó de casa! — insistiu.

Como o silêncio continuasse, o caboclo procurou uma fresta da porta, e olhou: dentro, estiradas na paxiuba do soalho, estavam completamente despidas, a dona da casa, mulher ainda jovem, e duas irmãs desta, que lhe faziam companhia. Espiando pela fresta, viu êle que a família se encon-

trava em conciliábulo, procurando, talvez, um meio de atender o viajante, quando não havia mais, na casa, quem tivesse um vestido ou um pedaço de pano para a nudez. De repente, como se tivessem deliberado alguma cousa, êle viu, do seu ponto de observação, que a dona da casa se afastava do grupo e, tímida, assustada, vergonhosa, chegava à mesa, tomava um prato vazio, que alí se achava, e, colocando-o no lugar em que devia estar a fôlha de parreira, encaminhava-se para a porta. Um minuto mais, a porta abria-se, e o caboclo recuava, espantado, ante o tipo escultural que lhe caía sob os olhos, e cujo corpo só era vedado à sua curiosidade no ponto em que estava coberto pelo prato.

— Que deseja? — indagou a cabocla, de olhos baixos, desconfiada.

O viajante examinou, por um instante, a mulher, pensou dois minutos, e, sem se conter, trovejou:

— Almoçar!...

À tarde, quando a canoa partiu, as três mulheres juntavam com uma vassoura os cacos de louça, espalhados no chão...

L X V I

OS "REDIS"

A alma humana é uma caverna tão ponteadada de esconderijos e retorcida de zigzagues, que ainda não houve na terra um homem, por mais atilado e meticoloso, que chegasse a conhecer a metade, sequer, do seu próprio coração. Quando a gente supõe haver encontrado uma vida simples, singela, sem complicações nem subterfúgios, eis que se abre diante de nós um abismo, um vulcão, uma boca subterrânea, capaz de engolir o peregrino que lhe busca desvendar o mistério. Mesmo no que diz respeito à educação, isto é, às qualidades adquiridas pelo indivíduo, essas surpresas não são raras nem, geralmente, pequenas. E era disso mesmo que eu me convencia, mais uma vez, há poucos dias, ao voltar da última recepção do coronel Anfrísio Guimarães, pai do dr. Claudemiro Guimarães, cujo nome é, pode-se dizer, um dos orgulhos da nova geração de advogados brasileiros.

Homem dos sólidos capitais, o coronel, assim que o filho casou, teve, não se sabe

por que, uma desinteligência com a espôsa, a velha e virtuosa dona Querubina, passando a residir no palacete do novo casal, cujas despesas, de nove contos por mês, são enfrentadas galhardamente pela sua fortuna. Mme. Claudemiro, a nora, tem pelos cinquenta anos do sogro uma adoração filial. O filho, o dr. Claudemiro, respeita-o duplamente, como pai, e principalmente, porque o velho lhe desculpa sempre, como os bons pais, perante a espôsa, as suas longas vigílias jurídicas fora do lar. E como a vida lhes corra, a uns e a outros, como um ribeiro japonês entre margens de crisântemos, eu me dou, de vez em quando, ao prazer de visitá-los, concorrendo para a enchente das suas salas nas costumeiras recepções dos domingos.

Um dêesses dias, fui. E conversávamos em uma roda sôbre costumes orientais, quando, de repente, a propósito de casamentos, eu me lembrei dos “redis”, povo da Índia meridional, cuja história havia lido na véspera, e contei, com certo desvanecimento:

— Os “redis”, nesse particular, são originalíssimos. Entre êles, a mulher de quinze ou vinte anos pode esposar um menino de seis, o qual será criado por ela. Enquanto, porém, a criança não cresce, ela fica, por seu turno, entregue a um parente

sável, e desaparecia, limpando os olhos úmidos na manga da camisa grosseira, na curva da estrada por onde passara, trazendo a noiva pela mão.

Errando de terra em terra, de fazenda em fazenda, eram-lhe companheiros, por toda a parte, o infortúnio impiedoso, os contratempos inevitáveis. Debalde se esforçava, infatigável, para juntar um pecúlio, amontoando algumas moedas com que levasse ao lar um pouco de felicidade e fartura. As suas tentativas mais tímidas, mais simples, mais modestas, eram, sempre, como uma árvore infeliz, cujas fôlhas fossem dispersadas, ainda tenras, por um sôpro de tempestade.

Ao fim de quatro anos, porém, como por um milagre, tudo mudou. As moedas multiplicaram-se em seu bolso, acumulando-se, amontoando-se, como se a fortuna, arrependida de tanta avareza, se tivesse predisposto a compensar a usura anterior com um gesto de espantosa prodigalidade.

Meses depois, nas vésperas, quasi, do prazo concedido à mulher, Fortunato encheu de moedas o seu grande surrão de couro, prendeu-o à cintura, e, velho, barbado, desfigurado pelos sofrimentos inomináveis, tomou, a pé, o caminho da terra natal. Ao cabo de quatro semanas, com os pés sangrando, viu, enfim, da curva da estrada por

onde se fôra cinco anos antes, a sua aldeia e o seu lar. Trôpego, magro, faminto, mas disposto, mesmo assim, a dar uma sensação de alegria à companheira querida, encaminhou-se, de manso, para a porta, e bateu. Uma criança de quatro anos, linda e forte, em quem se repetiam os traços inolvidáveis da espôsa, surgiu na sala pequenina, chamou para dentro:

— Papai!

— Hein? — respondeu, do compartimento contíguo, uma voz masculina.

— Aquí está um homem — informou, alto, a pequenita.

Fortunato cambaleou numa síncope, encostando-se ao portal, para não cair. Antes, porém, que o dono da casa aparecesse, entregou o saco de ouro à criança, retomou o seu bordão de peregrino, e partiu...

LXVIII

O LIMO

Mme. Costa Mafra particulariza-se na sociedade carioca pela originalidade das suas perguntas, que lhe colocam o marido, de vez em quando, nas piores situações. Roda em que ela se encontre, dissolve-se invàriavelmente com uma das suas consultas inesperadas, a mais simples das quais poria em dificuldades, talvez, o mais hábil dos sofistas. Como, porém, todo veneno possui um antídoto, dona Arabela tem, para neutralizar as suas perguntas indiscretas, as respostas irretorquíveis do conselheiro Brasilino do Amaral.

Dêsse duelo entre a inocência e a esper-teza, ou, melhor, entre a ingenuidade e a experiênciã, fui eu próprio testemunha, há dias, no salão de chá do Jôquei-Clube, quando, a propósito do sr. deputado José Bonifácio, que havíamos encontrado à porta, Mme. Costa Mafra perguntou:

— Mas, é verdade, conselheiro: por que é que os homens têm o rosto ponteadado de barba, de pêlos irritantes e incomodatí-

cios, quando as mulheres possuem, em geral, o delas macio, liso, limpo, sem um fio de cabelo?

O conselheiro olhou o dr. Mafra, que o fitava suplicante, passou a mão pelas barbas veneráveis, e começou a explicar, com os olhos na toalha:

— Como a senhora sabe, o homem foi feito de barro, e a mulher foi tirada da sua costela.

— Isto eu sei.

— Pois, bem. Feito em primeiro lugar, com alguns punhados de barro umedecido, o homem foi posto a secar ao sol, como todas as obras de cerâmica. A senhora sabe, porém, que, todo barro molhado, quando não apanha sol convenientemente, cria limo; e foi o que aconteceu ao homem, cujo rosto, na ocasião de ser o corpo submetido ao fogo solar, ficou sombreado por um ramo de árvore, na oficina do Paraíso.

— E a mulher?

— A mulher, não. Tirada da costela do homem, e posta com o rosto para o sol, ficou naturalmente, com o cabelo apenas na cabeça, posta à sombra, mas, em compensação, sem o limo na face.

Dona Arabela descansou o queixo de bonequinha alemã no polegar e no indicador da mão esquerda, e, ao dar com os olhos

no próprio braço de mármore, posto a descoberto até à “avenida da ligação”, insistiu:

— E em toda a parte aonde o sol não chegou, criou limo?

O conselheiro ia responder, mas, ao abrir a bôca, fechou-a, de novo. É que, de frente dêle, com a chícara suspensa e os olhos fuzilantes, o dr. Mafra intimava, com significativos tremores na voz:

— Conselheiro, tome o seu chá...

L X I X

A VIRGEM

Após aquella noite de festa, em que dan-sara desesperadamente com todos os rapa-zes que lhe pediam essa honra, amanheceu mademoiselle Beatriz com febre alta, e uma tosse forte, com grandes dôres no peito. Chamados os drs. Miguel Couto, Austregé-silo e Aloísio de Castro, foi debalde que êles recorreram, em conjunto, às possibili-dades da ciência; ao segundo dia a encan-tadora brasileira falecia, fazendo desfi-lar pela rua Dona Mariana o mais suntuoso entêrro de virgem que já se viu no bairro de Botafogo.

Quebrados, assim, os grilhões que a prendiam a êste mundo de *fox-trots* e *maxi-xes*, foi mlle. Beatriz, tão alva como a de Dante, bater, sorrindo, à luminosa porta do céu. E foi um alvorôço, como difficilmente se imagina. Tratando-se de um aconteci-mento raro, e que se torna cada vez menos frequente, a recepção das virgens se reve-ste, no céu, de uma suntuosidade excep-cional. Para ver, e saudar, de perto, a herói-

na, juntam-se no vestibulo do empíreo, agitando palmas de rosas, todos os bem-aventurados. E mal a recém-chegada põe o pé no batente florido, rompe por todo o Paraíso o côro dos anjos, cujas vozes se misturam, doces, meigas, comoventes, às das onze mil companheiras de Santa Úrsula.

Era essa a recepção que aguardava mlle. Beatriz, quando ia ficando tudo inutilizado por um incidente imprevisto. Anunciada pelos serafins, de longe, do carro de ouro das nuvens, a aproximação da venturosa, ordenou São Pedro que Santa Cecília e Santa Matilde o ajudassem no reconhecimento da nova eleita de Deus, estabelecendo a sua identidade. Para isso era preciso, entretanto, despojá-la da sua grinalda, dos seus enfeites, das suas complexas roupas terrenas, deixando patente, com a pureza do seu corpo, a inocência do seu coração.

Assim, porém, que principiou êste serviço delicado, as santas recuaram, escandalizadas. E, entreolhando-se, chamaram São Pedro.

— A moça não é esta, meu santo!

O chaveiro correu, aflito, e fixando os olhos puros no corpo virginíssimo de Beatriz, indagou, espantado:

— De que foi que você morreu, minha filha?

— De pneumonia, meu santo!

O apóstolo encarou-a, incrédulo, e insistiu:

— Você não está enganada, não?

— Não, senhor.

— Você não morreu em algum desastre de estrada de ferro, de alguma queda de aeroplano, de algum encontro de automóveis?

— Não, senhor! — teimou a moça, firme, sacudindo a cabeça.

— Que significam, então, — tornou o santo, — essas equimoses no seu colo, no seu estômago, no seu ventre, nas suas pernas, como quem foi arrastada de bruços pelo calçamento?

Beatriz baixou os olhos negros pelo seu claro corpo maravilhoso, e, sorrindo:

— Ah! Não é nada, não!

E explicou, com graça:

— É que eu morrí, dois dias depois de um grande baile, em que dansei o tango com os rapazes mais elegantes do Rio de Janeiro!

E, desatando a rir, entrou, entre os anjos, no céu...

MELHORAMENTOS...

A grande preocupação nacional do momento, conforme é notório, é a visita de sua majestade o rei da Bélgica. Da Gávea à Tijuca, do cais Faroux às águas paludosas do rio Pavuna, reinam uma febre, uma atividade, uma fúria de empreendimentos verdadeiramente assombrosa. Nunca se viu, no Rio, atacados de uma só vez, tão grande número de melhoramentos. A cidade modifica-se, rejuvenesce, transforma-se, das pedras das ruas à crista dos monumentos.

Aí estão, demonstrando a influência benéfica dessa visita real, as notícias da imprensa, registrando essas alterações. Calça-se uma rua dos subúrbios? Para que? Para o rei Alberto ver... Modifica-se o palácio Guanabara? Reforma-se o jardim da praça Mauá? Aumenta-se o edifício da Prefeitura? Com que intuito? Para o rei Alberto ver... Até a pintura das carroças de lixo, ordenada pela Limpeza Pública, já foi atribuída à próxima visita de sua majestade.

Isso, no que está patente, visível, positivo. Os melhoramentos privados, secretos, de iniciativa da população, estes ainda são mais numerosos, mais sérios, mais significativos do nosso entusiasmo. Dezenas de vestidos de baile, “para o rei Alberto ver”, já foram encomendados aos grandes costureiros daquí, de París e de Londres. Há, mesmo, até, nas rodas elegantes, quem se esteja entregando, pessoalmente, na cidade, com o mesmo fim, a melhoramentos mais interessantes.

Um destes dias, entrava eu no Instituto de Beleza, onde ia comprar um vidro de tintura para o cabelo, quando encontrei, no salão de espera, a minha velha amiga, dona Sofia Pedreira, que aguardava, aí, pacientemente, a lindíssima viúva Odete Aires, que se achava, no momento, no gabinete do cabelereiro. Começávamos nós a conversar sobre cousas sem importância, quando a formosíssima senhora suspendeu o reposteiro, e apareceu à porta, radiando e cheirando, como uma grande rosa que desabrochasse num vaso.

— O senhor por aquí, conselheiro? — gritou a encantadora criatura, com alvoroço, e com todos os dentes, estendendo-me, de longe, a sua mão rosada e fina, onde as unhas faiscavam, rubras como corais.

— É verdade, — expliquei, titubeando. — Vim comprar uma caixa de pó para dentes... E a senhora?

— Eu? — respondeu, rindo. — Eu... Olhe!

E, espiando para um lado e para outro, a ver se não nos observavam, suspendeu até o ombro deslumbrante a manga curta e larga do finíssimo vestido de sêda, mostrando a parte inferior e extrema do lindo braço de mármore, fina, alva, lisa, como de uma criança.

— Veja! — ordenou-me.

E já no primeiro degrau da escada, por trás do leque, piscando-me um olho, com brejeirice:

— Para o rei Alberto ver...

L X X I

A CAÇADA

A notícia de que S. M. o rei Alberto ia realizar uma caçada em terras da família Prado, em São Paulo, trouxe à minha lembrança, tão confusa nestes últimos tempos, o fantasma de uma velha saudade.

Estudante, ainda, na Paulicéia, fui eu convidado, um dia, pelo meu colega de turma, o atual conselheiro Antônio Prado, para um recreio venatório em propriedade de sua família, na serra do Cubatão, onde abundavam, ainda, naqueles tempos, o veado, a paca, o porco do mato, e, em especial, as onças, os famosos tigres americanos, que faziam enorme estrago na criação.

Organizada a comitiva, composta de numerosos cavalheiros da melhor sociedade paulista daquela época, partimos para São Bernardo, indo pousar, ao fim de dois dias de viagem, na Fazenda do Encantado, pertencente à exma. dona Veridiana, no ponto mais alto da serrania. No terceiro dia, enfim, partíamos todos para a mata, montando vinte e oito cavalos e conduzin-

do quarenta e sete cães, distribuídos pelos diversos membros do séquito.

Separados uns dos outros, ia eu beirando um córrego marulhoso que rolava da penedia, quando ouví, ao longe, entre a reza religiosa da selva, o barulho da matilha, anunciando a caça. Esporeei o cavalo, venci um bosque de ipês, atravessei uma clareira, e cheguei ao local. Em uma furna da montanha, evitando, feroz, a pontaria dos caçadores, estava uma onça, acuada, mostrando os dentes enormes, agudos, afiados, a uma dezena de cães!

— Atire, doutor! — pedi, apeando-me, ao dr. Antônio Prado.

— É impossível! — observou-me o futuro estadista.

A posição era, realmente, péssima. Defendido por umas raízes entrelaçadas à boca da furna, o felino não só impedia o avanço dos cães, como impossibilitava, em absoluto, a pontaria dos caçadores. Vários tiros já haviam sido disparados pelos atiradores mais adestrados, conseguindo êles, apenas, enfurecer o animal, que empregava toda a sua agilidade na defesa.

De repente, ouviu-se um galope no rumo da furna; e, minutos mais, apeava-se ao nosso lado, risonha, jovem, arrebatadora, a formosíssima sra. Correia Aires, cuja beleza constituía, então, com o seu moreno

rosado, os seus olhos azues e os seus finíssimos cabelos castanhos, o maior dos orgulhos de São Paulo.

— Que é? — perguntou, mostrando, num sorriso, os seus lindos dentes de neve, a formosa amazona, batendo com o chicotinho de ouro na sua pequenina bota de montaria.

— Uma onça! — explicamos, todos, a uma voz.

Nesse momento, a onça, que olhava, fixa, para fora, deteve os olhos na moça, como deslumbrada. A linda caçadora tirou do cinto de veludo uma pistola de cabo de marfim, levou-a à altura dos olhos, e, fazendo pontaria no felino, que a fitava, esquecido de si mesmo, disparou. A fera deu um salto de dôr, estorcendo-se. A matilha investiu, latindo, penetrando a furna. Um instante depois era a onça, arrastada para fora, morta.

Sorridente, fresca, maravilhosa, a divina caçadora colocou o pèzinho sôbre o corpo da fera, buscando-lhe a ferida. De repente, descobriu-a:

— Foi no coração! — disse.

E, encarando Antônio Prado, desafiadora:

— Morreu como certos homens...

Nós, em tórno, baixamos os olhos.

L X X I I

A MANICURA

O merceeiro Agostinho Pereira Alves, proprietário de um dos estabelecimentos mais afreguesados do Engenho Novo, não havia saído, jamais, do seu bairro, para fazer a barba e cortar o cabelo. Sempre que, de dois em dois meses, lhe vinha a idéia de praticar essas medidas higiênicas, mandava êle chamar o barbeiro à sua casa de comércio, submetendo-se à tesoura e à navalha do fígaro em um compartimento nos fundos da mercearia.

Um dêstes dias, porém, com a notícia de que toda a cidade entrava em melhoramentos para receber o soberano dos belgas, resolveu o futuro capitalista vir, também, à zona urbana, para uns reparos estéticos na sua própria pessoa. Tornava-se preciso que o rei o encontrasse de cabelo cortado e barba feita, e era evidente que êsse trabalho só podia ser efetuado por um verdadeiro mestre da arte, como deviam ser, naturalmente, os do centro da cidade.

Tomada essa deliberação, meteu-se o acreditado comerciante, sábadô último, em

um bonde, e saltou na rua Floriano Peixoto, enfiando-se, pressuroso, pela primeira barbearia que encontrou aberta.

— Cabelo e barba! — pediu, arrogante, libertando-se, com um sôco, do formidável colarinho que o asfixiava.

Enfiada, que foi, a toalha pelo pescoço do freguês, começou o barbeiro, um mulato de nariz de batata e cabeleira revôlta, a tosquiar a vítima. Terminado o serviço, que não primava, aliás, pelo asseio, o fígaro convidou-o, gentil:

— O “comendador” não quer “fazer” as unhas? Nós temos, aí, para os fregueses, uma boa manicura...

Nesse momento apareceu à porta dos fundos, escandalosamente decotada, e rescedente de si mesma, uma cafusa de dentes alvíssimos, que cumprimentou, sorrindo, o Agostinho. O merceeiro correspondeu ao cumprimento, olhou as unhas formidáveis, que êle costumava aparar com a faca de cortar sabão, e aquiesceu, condescendente:

— Vamos lá ver isso! Vamos lá!

Uma hora depois, com os dedos ardendo, e com as unhas cortadas até o sabugo, saía o honrado negociante a porta da barbearia, regressando, de pronto, ao Engenho Novo.

No dia seguinte, à tarde, foi, porém, a rua Floriano Peixoto alarmada por um vozario infernal. Avisado do caso, o guarda civil correu para o local, e viu: no salão da barbearia, andando de um lado para outro, como um possesso, o Agostinho, do Engenho Novo, trovejava, indignado:

— Patifes!... Canalhas!... Ladrões!... Estavam os dois combinados para essa traição, os miseráveis!

Penetrando na casa, o guarda interveio:

— Que é isso, camarada? Que foi que aconteceu?

E o merceeiro, apoplético:

— Foi êste homem; êste barbeiro, que, de combinação com aquela mulher, me fez uma patifaria, uma canalhice, uma perversidade. Eu vim aquí para cortar o cabelo, e êle me pôs na cabeça uns piolhos; e para que eu não pudesse tirar, chamou a mulher, e mandou-me cortar as unhas. Veja isto!

E com as grandes mãos estendidas, mostrando os dedos enormes de sabugo à mostra:

— Canalhas!... Patifes!... Miseráveis!...

L X X I I I

MOCIDADE...

O teatro Fenix enchera-se, naquela tarde de junho, para o espetáculo científico, anunciado pelo Dr. Wilhelm Korner, antigo reitor da Universidade de Iena. As frisas, os camarotes, as cadeiras, as galerias, regor-gitavam de espectadores, quando, após a apresentação do sábio pelo eminente professor Austregésilo, começaram as provas práticas de magnetismo animal.

— Senhores, — começou, arrastando as sílabas, o ilustre homem de ciência, — a minha primeira demonstração para que me não tomem por um aventureiro, um intrujão, um impostor, será coletiva. Entre vós, há velhos e moços, pessoas que sentem em si os arrebatamentos da juventude, a alegria, a saúde e o entusiasmo dos verdes anos, e anciãos que pendem para o túmulo, e que mal se arrastam por si mesmos. Para demonstrar-vos que essas energias são meros produtos da sugestão, eu vou fazer com que todos sejam postos em uma condição média, isto é, que os moços se sintam mais

velhos, e que os velhos se sintam, de súbito, rejuvenescidos. A experiência durará dez minutos e começará com o simples estender da minha mão, para terminar com um sôpro da minha bôca, em momento oportuno.

E unindo o gesto à palavra, estendeu a mão sôbre a platéia, ordenando o milagre.

O resultado, de acôrdo com o que êle havia prometido, não se fez esperar. Cavalheiros de idade avançada, que para alí haviam ido nos braços vigorosos dos netos, experimentavam as juntas, exercitavam os músculos, passavam as mãos pelas rugas, estranhando o ânimo novo que lhes distendia os nervos, reavivando-lhes o sangue, a memória, o coração. Nenhum dêles se mostrava, no entanto, mais alegre, mais feliz, do que um ancião de cabeça inteiramente alva, que para alí havia ido a arrastar-se, e que tomara lugar em uma das primeiras filas. Agitava-se êle, porém, risonho, contentíssimo, na cadeira, quando soou a hora tremenda.

— Senhores, — trovejou o sábio, — vai terminar o encantamento. Cada um vai ser o que era antes. Vou soprar.

Nesse momento, manifestou-se um reboliço na platéia. Curiosos, olhando para o lado do palco, espectadores perguntavam o que teria acontecido, quando viram, de

pé, na primeira fila, um ancião, nervoso, pálido, agitado, empunhando um revólver. Era o octogenário respeitável, que, trêmulo, com a voz rouca, intimava o magnetizador, com o dedo no gatilho:

— Se soprar... mato-o!

E desabou na cadeira, chorando...

LXXIV

A PÉROLA

(APÓLOGO PERSA)

Em que se demonstra que a fraqueza humilde é mais proveitosa do que a grandeza arrogante.

Rugiam, lá em cima, os ventos tempestuosos do inverno, quando a gota d'água, trêmula e pura, se sentiu, de repente, sôzinha no espaço, desgarrada, por um sôpro mais forte, da nuvem em que se formara. Medrosa, humilde, pequenina, voava a mísera arrebatada pelas doidas ondas aéreas, quando viu, de súbito, precipitando-se na mesma direção, mugindo, rolando, redemoiñando, uma enorme tromba marinha, que abalava o céu com a fúria da sua carreira. Ao perceber a límpida gôta assustada, a tromba monstruosa, — equóreo traço de união colocado entre o mar e as nuvens, — parou, de repente, rodando, sôbre si mesma, e indagou, irônica:

— Aonde vais tu, miserável poeira da chuva? Que fazes por estes caminhos perigosos do espaço, arrastada, como entidade invisível, pelo mínimo sôpro dos ventos?

Trêmula, encolhida, assaltada por diferentes ondas de ventania, a gôta límpida não pôde, sequer, responder, e a tromba continuou, zombeteira:

— Já pensaste, acaso, no destino que te espera? O vento que nos conduz a ambas, arrasta-nos, furioso, para o oceano largo que rebôa, lá em baixo, clamando por nós. Ouves?

A gota d'água prestou atenção, e percebeu. Para além da neblina que cobria a terra, em baixo, reboavam, apavorantes, os grandes soluços do mar. Como um bando de tigres enfurecidos, as ondas uivavam, despedaçando-se umas de encontro às outras, ao mesmo tempo que a água, revolvida pelos braços da tempestade, chorava, gemia, guaiava, num tumulto de vozes desesperadas.

Percebendo o susto da gota humilde, a tromba insistiu:

— Lá em baixo, estão o meu túmulo e o teu. A mim, porém, me espera um destino que é, por si mesmo, a minha glória. Tombando no oceano, eu constituirei uma parte dêle mesmo, tendo, como êle, as minhas ondas, os meus vagalhões, as minhas espumas. Serão necessários dias, talvez uma semana, para que as minhas águas sejam absorvidas pelo mar. E tu, que te aguarda? Mal tombes em um cabeçaço de

vaga, em um simples floco de espuma, desaparecerás, anônima, para sempre, sem que fique, na terra ou no céu, a sombra do teu vulto ou da tua memória!

— Meu Deus!... — gemeu a gota d'água, apavorada, pálida, trêmula, no horror daquele extermínio próximo.

Nesse instante, um trovão contínuo, forte, soturno, anunciou a vizinhança do oceano. Rajadas formidáveis abraçaram a tromba d'água, arrebatando-a, abalando-a, desconjuntando-a. Outras rajadas, precipitando-se em sentido contrário, tomaram com o seu hálito a gota humilde, a mísera poeira de chuva, e, horas depois, serenada a tempestade, aparecia, de novo, ao sol, a face tranquila do mar.

Dias passaram-se, porém. E uma tarde, quando da tromba marinha já não existia, sequer, a lembrança na memória do oceano, um pescador do mar Índico encontrou na praia, dentro de uma concha, uma gota petrificada e brilhante. Era a gota d'água do céu, que Deus, ouvindo a prece da humildade, salvara das águas...

L X X V

OS MÉDICOS

Há três ou quatro anos, quando se cuidou, no Rio, da fundação da Casa do Médico, destinada a recolher, na velhice, os numerosos naufragos da profissão, Paulo Araujo e Belmiro Valverde definiram, em interessante memorial, o que é, em verdade, a vida de um apóstolo da Medicina.

Não há, realmente, na terra, profissão econômica mais ingrata do que a de médico. O indivíduo que entra na loja de um comerciante seu amigo, paga pelo preço comum, ou com pequeno abatimento, a mercadoria de que faz aquisição. O barbeiro não faz a barba gratuitamente a ninguém. O advogado não defende causas sem remuneração, nem o ferreiro concerta de graça a ferramenta dos operários que lhe são íntimos. Ao médico, entretanto, não se faz a mesma justiça. Pelo fato de ser o seu trabalho relativamente leve, e consistir, apenas, em pôr algumas palavras sôbre uma fôlha de papel, acham os clientes que lhes não devem pagar por tão pouco, esquecendo-se que essas pa-

lavras, isto é, essa receita, constitui o fruto de vários anos de estudo, de esforço, de experiência, em que foram consumidas diversas dezenas de contos. Porque o médico não gasta, aos olhos do cliente, senão um pouco de tinta e uma tira em branco, é o seu trabalho depreciado, especialmente pelos camaradas, pelos amigos, pelos íntimos, que não fariam, jamais, o mesmo, se se tratasse de um engenheiro ou, em esfera mais baixa, de um simples engraxate. E daí o número relativamente grande de médicos que envelhecem na pobreza, e que entram, afinal, no carro escuro da Morte, pela porta de ferro da miséria.

Tomando em consideração êsse abuso é que aparecem, de vez em quando, por toda parte, as reações justas, enérgicas, inteligentes. É conhecida, por exemplo, a história daquela senhora que, pretendendo arranjar uma receita de certo médico ilustre, indagou ao encontrá-lo:

— Doutor, que é que o senhor faz quando tem tosse?

O médico percebeu o plano, e respondeu, grave:

— Tusso, minha senhora!

A reação mais pitoresca e eficaz de que há notícia foi, porém, a de que tomou a iniciativa, há dias, o notável mestre sr. dr. Miguel Couto. Certa senhora de fortuna, ha-

bituada a tratar-se com o illustre clínico brasileiro por meio de receitas obtidas de surpresa, resolveu, da última vez, fazer o mesmo, cercando-o em plena Avenida:

— Ó doutor, como está?

— Bem, dona Veneranda; e a senhora, como tem passado?

— Eu? — acudiu a matrona atingindo o ponto a que pretendia chegar. — Eu não estou passando bem, não, doutor.

E logo, em seguida:

— Tenho sentido uma dôr aquí, no peito, que responde aquí, no fígado, causando-me aflição enorme, que me não deixa dormir. Que é que o doutor acha que seja?

O dr. Miguel Couto olhou para um lado e para outro na Avenida fervilhante de gente, e ordenou.

— Vamos ver isso, dona Veneranda. Dispa-se!

— Como? — estranhou a velha, recusando.

— Dispa-se, para fazer-lhe um exame, — tornou o médico.

A matrona arregalou os olhos, escandalizada, e protestou:

— O senhor pensa que eu sou maluca?

E o dr. Miguel, no mesmo tom:

— E a senhora não acha que eu tenho o meu consultório no meio da rua?

A velha eclipsou-se.

L X X V I

O "BRAVO DOS BRAVOS"

Quando o tenente Felisberto regressou do *front*, precedia-o a mais invejável das famas. Notícias dos jornais, telegramas do govêrno e cartas dos camaradas, haviam espalhado, realmente, pelo Brasil, os écos da sua bravura. Em Verdun, no forte de Vaux, fôra êle o herói por excelência, defendendo, uma a uma, as pedras daquele reduto. Na Champagne, comandando um pelotão de *poilus*, operara prodígios, resistências assombrosas, a ponto de ser preciso arrancá-lo, às vezes, do seu entrincheiramento, rilhando os dentes, coberto de lama e de sangue. O seu heroísmo tornou-se, em suma, tão acentuado, tão famoso, tão evidente, que o seu nome se constituíra, em toda a extensão do setor, uma espécie de grito de guerra. A Morte passava por êle, medrosa, de asas fechadas, como se temesse cair ferida, ela própria, atingida pela sua espada.

Ao chegar ao Rio, eram conhecidos, já, de toda a cidade, os seus feitos, as suas in-

vestidas corajosas, o ímpeto das suas cargas de baioneta, a que correspondia, sempre, uma nova trincheira arrancada ao inimigo. E foi por isso mesmo que o seu desembarque teve o carácter de uma verdadeira apoteose, que envolvia na mesma auréola o glorioso exército nacional.

Festejado e querido, foi, aquí, o tenente Felisberto rodeado pelos amigos e, principalmente, pelos colegas de classe, que disputavam, gentís, a sua companhia. E tanto o cercaram, tanto o arrastaram pelos lugares festivos da cidade, que êle foi acabar, uma noite, no Assírio, onde se realizava um ruidoso baile de Carnaval.

Desconfiado no meio daquêle tumulto, que lhe entontecia mais os sentidos do que o perturbavam, na França, as tempestades de fogo e fumo da formidável artilharia alemã, o tenente observava aquelas dansas, aquella orgia, aquella alegria desordenada, quando um dos camaradas lhe pediu, insistente, à mesa da ceia:

— Conta as tuas aventuras de guerra, Felisberto! Que diabo! tudo que nós sabemos de ti, é por intermédio dos outros. Ainda não nos contaste nada!

— Conta! — pediu outro, pondo-se de pé.

— Conta! Conta! — reclamaram todos.

O tenente sorriu, modesto, mas reclamado pelos colegas, começou a narrar singelamente os seus feitos.

— O que eu fiz — começou, — qualquer de vocês o faria, estando no meu lugar. Fui eu, efetivamente, quem defendeu o forte de Vaux, durante três dias, com pouco mais de duzentos homens. O rompimento da linha de Hindenburgo foi, também, obra minha, que obteve, como é sabido, os resultados mais felizes. Tomei, a arma branca, dezessete trincheiras; subjuguei algumas dezenas de soldados, corpo a corpo; conquistei, a sabre, oito canhões; destruí, em suma, todo o poder ofensivo do inimigo, no setor a meu cargo.

Nesse momento, alarmando a sala, ouvi-se, a alguns metros de distância, um tiro de revólver, e, em seguida, o barulho da multidão elegante, a precipitar-se no rumo da detonação. Ao segundo tiro, porém, o tenente, que se calara com o primeiro, empalidece, e, sem dissimular o seu pavor, põe-se a tremer, a ponto de se não poder sustentar nas pernas. Espantados com aquela modificação, os amigos entreolham-se, duvidando, já, da bravura do herói, quando um dêles, indignado, pergunta:

— Está com mêdo?

— Estou! — confessou o bravo dos bravos.

E explicou:

— Imaginem que isto degenera em rôlo, em barulho, em conflito...

E concluindo, aterrorizado, batendo o queixo:

— E minha mulher sabe... que eu vim aqui!...

L X X V I I

O PÉ E O SAPATO

Uma das novidades elegantes que mais têm merecido o meu aplauso, é a condenação das dansas, dos bailes retumbantes e demorados, nas festas de casamento. A ligação de dois destinos constitue um ato tão solene, um acontecimento tão grave na vida das criaturas, que se lhes deve dar, a elas, todo o sossêgo, toda a calma, e o tempo necessário para que sintam, sem obstáculos nem constrangimentos, todas as suaves emoções dêsse dia.

E êsse meu modo de pensar, não data de hoje. Vem de longe, de onze anos atrás, do casamento do dr. Otaviano Peixoto Ferreira, antigo juiz substituto em Barra Mansa, com a minha afilhada Odete Costa, do qual fui testemunha, por insistência imperdoável das duas ilustres famílias fluminenses.

O casamento, que se efetuou a 11 de maio de 1909, na fazenda Água Funda, no município de Cantagalo, foi o mais suntuoso, talvez, e o mais bulhento, que já se rea-

lizou no Estado do Rio. Os convidados, vindos das fazendas e cidades vizinhas, subiram a centenas. E as dansas prolongaram-se por dias e dias, que encheram, se bem me lembro, o vasto espaço de uma semana.

No dia seguinte ao do casamento, porém, succedeu o desastre que dá motivo à minha prevenção contra os bailes em tais ocasiões: devido ao excesso das dansas, das polcas, valsas, mazurcas e quadrilhas, dançadas com o noivo, a moça amanheceu coxeando, doente do pé, de modo a locomover-se com enorme dificuldade. Penalizado, perguntei-lhe o que era:

— Então, afillhada, que é isso? Como foi? Quem lhe pisou o pé?

A pequena sorriu, pálida, cobrindo com as violetas das olheiras, os formosos miototis dos olhos, e tranquilizou-me, triste:

— Não é nada, padrinho; não se aflija! E explicou:

— É uma unha encravada...

Não obstante a festa haver continuado, a noiva, nesse dia, não dansou, nem no segundo dia, nem, mesmo, no terceiro. No quarto dia, porém, amanheceu inteiramente boa, voltando a valsar, alegre e jovial, contentíssima, como se nada tivesse acontecido. Encontrando-a a deslizar, feliz, no calor de uma valsa, detive-a pelo braço, e indaguei, carinhoso:

— Então, está melhor do pé?

— Estou boa, já! respondeu-me, risonha.

— A unha desencravou?

— Não! — retrucou-me, vermelha, com o rosto em fogo.

E ao meu ouvido, rindo:

— O pé acostumou no sapato...

E, arrancando-se das minhas mãos, desapareceu, num rodopio, no tumulto dos outros pares.

L X X V I I I

O PATRÃO

O Sr. Alberto Gomes Valente era guarda-livros da firma Sobreira, Costa & Cia., ganhando quinhentos mil réis, quando resolveu constituir família, unindo-se solenemente à senhorita que mais o impressionara na vida. Tímido, com o pudor nos olhos e na língua, procurou êle o chefe da casa, o Sr. Zacarias Sobreira e pediu-lhe, usando de mil rodeios, que lhe aumentasse o ordenado.

— O ordenado? — estranhou o capitalista, franzindo a testa. — Por que? Que é que justifica a sua reclamação?

O guarda-livros gaguejou, aflito, e explicou o seu caso. A organização do seu lar exigia despesas novas, graves, pesadas, e era como um homem em véspera de casamento que êle pedia, submisso, um aumento de cinquenta ou cem mil réis por mês. O Sr. Sobreira, foi, porém, inflexível:

— Impossível, meu amigo; é impossível! O que eu posso fazer, é o seguinte: impedir que o senhor se case. Serve?

O guarda-livros insistiu, no entanto, na sua deliberação, e casou-se. E ia vivendo,

bem ou mal, há três meses, com os seus quinhentos mil réis, quando o patrão o chamou, uma tarde, e comunicou-lhe:

— Sr. Abelardo, a firma, satisfeita com os seus serviços, resolveu aumentar espontâneamente o seu ordenado. De hoje em diante, o senhor passa a ganhar setecentos mil réis.

Quatro meses depois, outra chamada, com outra comunicação:

— De agora em diante, Sr. Abelardo, o seu ordenado fica aumentado. O senhor ficará ganhando, a partir dêste mês, um conto de réis.

Vivia, assim, o honrado auxiliar da firma Sobreira, Costa & Cia., em um ambiente de confôrto relativo, quando, aproveitando a ausência do chefe da firma, lhe deu na cabeça, um dia, correr até à casa, para matar as saudades da mulher. Ao abrir o portão, notou que a espôsa estava dormindo. E não se enganara; pelo menos, foi com a roupa em desalinho e os cabelos desarranjados que ela lhe correu a abrir a porta, oferecendo-lhe, como prêmio de chegada, uma infinidade de beijos.

— Tú por aquí a estas horas? — estranhou a moça, carinhosa. — Que foi isso?

O marido explicou. O Sr. Sobreira havia saído para ir à Alfândega, e êle, tirando proveito da hora, correra a beijar a sua querida mulherzinha. Era por isso.

Ao contar essas cousas, olhou, rápido, para o grande relógio da sala de jantar, um relógio de dois metros de altura, enorme, formidável, conventual, e estremeceu, vendo-o atrasado.

— Que é isso? O relógio parou?

E vendo que, de fato, a grande máquina de medir o tempo estacionara meia hora antes, encaminhou-se para ela, disposto a pô-la em movimento. Mal porém, puxara a tampa do monstro, alta como uma porta de igreja, recuou, pálido, com a agonia no coração, exclamando:

— O Sr. Sobreira!...

E com as mãos trêmulas, os olhos fora das órbitas, estupefato por encontrar o patrão escondido na caixa do relógio, rugiu, de dentes cerrados, entre o mêdo e a raiva:

— Que é que o senhor está fazendo aí?

Encostado no fundo da caixa, o patrão, igualmente pálido, gemeu, apenas:

— Passeando...

E puxou sôbre si, fechando-se, a tampa do relógio.

L X X I X

AS “GAFFEUSES”

Um dos encantos da alta sociedade carioca são as senhoras que cultivam, nos salões e na intimidade, os deliciosos cogumelos da *gaffe*. Educadas, finas, inteligentes, essas figuras da *élite* constituem, geralmente, legítimos ornamentos da família brasileira; há, porém, no Inferno uma classe de demônios irreverentes que se divertem zombando das mulheres lindas, e o resultado são êsses deliciosos delíquios do espírito, e o desgosto que se apossa, depois, das pobres vítimas dessa maliciosa brincadeira diabólica.

À frente dêsse exército de “gaffeuses” marcha, com as “gaffes” que tem cometido na terra, a jovem senhora Cardoso Nunes, espôsa do Dr. Abelardo Nunes, conhecido corretor e capitalista. Formosa e gentil, D. Clotilde é incapaz de uma perfídia, de uma insinuação malévola, de uma perversidade punidora. As amigas estimam-na profundamente, e só não fazem o mesmo as inimigas, porque D. Clotilde, com franqueza, não as tem. A sua simplicidade destrói todas as prevenções, e de modo tal que os seus ínti-

mos lhe perdoam as “gaffes” mesmo quando se trata de casos duvidosos, como o de anteontem.

A roda de convidados era enorme e seleta, no grande terraço dando para o mar, predominando, nela, o número de figuras femininas. Palestrava-se vivamente sôbre o nervosismo de certas senhoras, algumas das quais nutrem uma aversão às baratas, às rãs, aos grilos e a outros pequenos sêres repugnantes.

— Eu tenho horror é ao caramujo! — informava Mme. Costa Meireles, com a papada a repousar, como a do Chabí, sôbre o peito volumoso. — Quando eu vejo um caramujo, fico toda arrepiada!

E, fechando as mãos muito redondas, muito gordas, fez estremecer, toda, dos pés à cabeça, a formidável montanha de toucinho.

— Pois, eu não, — atalhou Mlle. Pigneiro Cesar; — o que me horroriza é o percevejo. Quem me quiser ouvir gritar, é pôr um percevejo no meu caminho!

Foi por essa altura que D. Romualda Brito, a ilustre senhora tão conhecida pelas suas leviandades galantes, interveio, informando:

— Pois, eu, não tenho mêdo de nada disso. Nenhum dêsses bichinhos me faz, como a vocês, qualquer mal aos nervos.

E contou:

— Imaginem que, outro dia, eu estava em pé na sala de espera do cinema de Copacabana, quando sentí, de repente, uma coisa subindo pela minha perna!

— Meu Deus! — gemeu Mme. Cunha Andrade, mostrando o braço arrepiado. — Olhem como eu estou!

E a outra continuou:

— Sem me mover, eu compreendí que era um rato!

— Que horror! — gritaram as outras senhoras.

— Quieta estava, quieta fiquei. O rato subiu, primeiro, para meu sapato. Depois, passou à meia. E assim, subiu-me, aos poucos, pela perna!

As senhoras, em silêncio, mostravam-se horrorizadas com o acontecido. E foi no meio dessa impressão, que D. Clotilde interveio, muito séria:

— O rato subiu, mesmo, pela perna da senhora?

— Subiu, menina!

E D. Clotilde, logo, com a maior ingenuidade do mundo:

— Mas desceu, depois; não desceu?

OS HORRORES DA GUERRA

O caso policial contado há dias pelos jornais, é, ao que parece, mera reprodução de uma infinidade de outros, ocorridos no Rio e, em geral, no mundo inteiro. A guerra, principalmente, com os seus horrores, com as suas violências, com as suas brutalidades inomináveis, tem fornecido exemplares curiosíssimos de certas vergonhas, que constituem, como se sabe, a nódoa de lama da túnica das sociedades.

A prova mais amarga, e mais típica, dêsse gênero de verdades dolorosas, é, entretanto, a que Bamville apresenta em um quadro melancólico, desenhado com a delicadeza inimitável do seu estilo. As côres da tela são tão leves, tão doces, tão brandas, que eu me permito, a mim próprio, a audácia de retocá-la, na blasfêmia de uma ligeira adaptação.

Em um salão triste e antigo, reçumando saudades, meditam, com a alva cabeça pendida sôbre o peito, três velhinhas septuagenárias, cujos olhos se perdem, quasi sem brilho, nas brumas longínquas do passado. Procedem, as três, do tumulto do

mundo, de que são alí, meros despojos de um naufrágio, atirados à praia, como tantos outros, pelas eternas tempestades da vida. Cabeça baixa, olhos baixos, a mais velha das três solta, de repente, um suspiro tão fundo, que lhe traz aos olhos uma lágrima. As outras olham-na, compadecidas, e, para matar as horas, que, por sua vez, as vão matando, resolvem contar os seus amores, as suas aventuras, resumindo nestas o braço mau, ou leviano, que as atirou à desgraça.

— Eu, — contou a mais velha — fui vítima do meu noivo, o tenente Balduino, do antigo Batalhão de Lanceiros. Confiando nele, nas suas juras, nas suas promessas apaixonadas e ardentes, deixei-me arrastar, um dia, pela sua palavra e pelo seu braço, até à sua casa, e, quando despertei no dia seguinte, foi para chorar, como até hoje, a minha infelicidade.

— A minha história, — principiou a segunda, — não é muito diferente. Passeava uma tarde com o meu primo, o barão Reinaldo, pelas alamedas do jardim de meu pai, quando, embriagada pelo amavio dos seus juramentos de amor, me deixei cingir pelos seus braços. O beijo pecador que pôs, como uma brasa, na minha bôca virgem, fez-me desmaiar. Meses depois o barão partia para o Oriente, enquanto meu pai me atirava à rua, com o meu filho e a minha vergonha!

A terceira velhinha mantinha-se em silêncio, meditava, quando as outras a interrogaram:

— E a senhora, mãe Georgete?

— Eu? Eu vivia na Alsácia, em 1870, com meu pai e minha mãe. Era jovem e linda. Um dia, ouvimos troar a artilharia nas vizinhanças da aldeia. Era o inimigo!

E calou-se. Mas as outras exigiram:

— E o resto?

— Que resto?

As duas se entreolharam, e insistiram, falando claro:

— Quem foi?

E a velhinha, limpando os olhos:

— Foram os alemães...

PAVORES DE ENFÊRMO

Não obstante a sua aparência de homem grave, circunspecto, ponderado, que lhe assegurara aquele emprêgo de confiança, o coronel Bonifácio Coutinho, diretor do Asilo de Senhoras Arrepêdidãs, era, intimamente, um dos temperamentos menos compatíveis com as responsabilidades daquelas funções. Lutando, disputando-se o domínio da sua vontade, defrontavam-se, nele, o desejo e o interêsse. E não era sem custo, sem violência, que êste se superpunha à brutalidade dos seus nervos, tornando-lhe possível a manutenção daquela sinecura amável, que lhe amenizava as infinitas asperézas da vida. Assim constituído, o coronel resolveu, um dia, quebrar a sua couraça e, chamando em particular o médico do estabelecimento, pediu-lhe um conselho:

— Diga-me cá, doutor, diga-me, com reserva: o senhor acha que me fica mal conquistar uma ou outra das nossas asiladas?

— Absolutamente, não! — acudiu o facultativo. — Desde que elas queiram, não há nisso mal nenhum. Eu próprio tenho me

prevalecido dessa faculdade, procurando, apenas, não investir contra aquelas que, de antemão, me parecem rigidamente sérias.

— E que faz o doutor para diferenciar umas das outras? — objetou o velho. — Como é que o senhor as distingue?

O galeno tomou-o pelo braço, arrastou-o para o silêncio de uma janela deitando sobre o jardim, e revelou-lhe o seu segrêdo:

— Olhe: o senhor, quando se quiser aventurar a uma destas conquistas, faça o seguinte: chegue perto da asilada que houver escolhido, e pergunte-lhe a idade; se ela lhe disser uma idade visivelmente inferior àquela que tem, faça-lhe a sua declaração, que será, por fôrça, bem sucedido.

E apertando-lhe a mão:

— Experimente.

Um mês depois foi o médico chamado para ver o diretor do Asilo, cujas condições de saúde preocupavam seriamente os seus subordinados. O estado de depressão era visível. O pulso, irregular, incerto, descompassado, denunciava um profundo abalo orgânico, que os seus cinquenta e cinco anos haviam tornado perigoso. À vista do enfêrmo, o médico compreendeu a sua missão, e, pedindo que os enfermeiros se retirassem, começou:

— Meu caro coronel, é preciso que o senhor mude de vida.

— Eu?

— Sim, senhor. O senhor abusou do meu conselho, e deve lembrar-se que não é mais uma criança, um moço, um rapaz no vigor dos anos.

E interrompendo-se:

— Que idade o senhor tem?

— Como? — atalhou o doente, alarmado.

— Eu estou perguntando que idade tem o senhor.

A essa confirmação da consulta, passou pelo cérebro do enfêrmo um pensamento sinistro. Com que idéia lhe fazia o médico aquela pergunta? E foi com o pavor no rosto que se sentou, de repente, no leito, bradando, horrorizado, com os olhos fora das órbitas:

— Cento e cinquenta anos, doutor! Duzentos! Duzentos e cinquenta anos, doutor!

E disparou, escada abaixo.

L X X X I I

O ELEFANTE

Abu-Beker, o mercador opulento que espantava Bagdá com os esplendores do seu luxo, encontrou, um dia, entre as suas quatrocentas mulheres, uma, de beleza excepcional, que lhe enchera do vinho do desejo a bilha de ouro do coração. Chamava-se Kiusa, e a sua língua era dôce como uma tâmara. Adorando-a até o desespero, uma dúvida o atormentava, dia e noite, na suntuosidade do seu palácio: a dúvida de que aquele corpo era seu, apenas, e de que ninguém lhe violava, subornando os eunucos, a honestidade do gineceu. E foi atormentado que um dia, êle se dirigiu à mesquita, e pediu, com o rosto em terra, soluçando versículos do Korão:

— Alá, tu, que abranges o universo com o teu poder, consente que seja minha, unicamente, a espôsa do meu amor. Eu tenho pensado, nas minhas vigílias aflitas, no meio de conservá-la virgem de beijos alheios; e encontrei um remédio: arrebatá-la para as montanhas, para os desertos, para as florestas que marcam os limites do

mar, onde não haja outros sêres senão eu e ela. Transforma-me, pois, na tua misericórdia, em um elefante soberbo e poderoso, para que eu atravessasse, puxando o seu carro, as regiões desertas da Arábia!

Instantes depois, graças a um sortilégio comum nas terras do Crescente, saía as portas de Bagdá um carro suntuoso, tauxiado de ouro e forrado de púrpura, puxado pesadamente por um elefante. E foi de coração sossegado que Abu-Beker penetrou, transformado no monstruoso plantigrado, as florestas da Índia, arrastando pacientemente o carro do seu amor.

Certo dia, após uma viagem penosa e longa, o elefante parou de repente, desatrelou-se com o auxílio da tromba, e, abandonando os varais, deu volta em tórno do carro, cuja entrada era por trás. E soltou um rugido de dôr e de espanto: dentro, nos coxins que a sua opulência amontoara, deitavam-se, enlaçados, Kiusa, maravilhosa de formosura, e bêbada de desejo, e, ao seu lado, beijando-lhe os olhos, Ebn-Ali, mercador de Alexandria! Êle tinha vindo, desde Bagdá, a puxar o carro dos dois amantes, que, dentro, se enlaçavam amorosos, enquanto êle, confiado e sereno, feria as patas pelo caminho!

Um barrido de desespero marcou o fim daquele encantamento humilhante. E era tornado homem, com o seu manto de merca-

dor despedaçado pelos espinhos da viagem, que Abu-Beker gemia, com o rosto no solo:

— Alá, bendito sejas tu, na tua gloriosa sabedoria! Debalde tentarão os homens, mesmo com o teu auxílio, forçar as mulheres à honestidade, quando elas querem traí-los!

E debulhava-se em lágrimas, quando ouviu, de súbito, uma voz poderosa, que lhe disse:

— Mortal, aprende, tu mesmo, à tua custa, esta grande verdade: nenhum homem poderá, jamais, subtrair a mulher à traição, quando ela o queira enganar. O insensato que, como tu, trouxer, por prevenção, o leito às costas, terá, ao fim da viagem, uma surpresa dolorosa; verá que arrastou pelos caminhos, sem o saber, a mulher e o amante!

Abu-Beker levantou-se, enxugou os olhos, e, para esquecer, começou a ler o Korão.

LXXIII

O RIO PURÚS

(De uma frase de Dumas Filho)

À pequena mesa de chá que Mme. Peixoto Leroud me reservara naquela primeira reunião dos seus íntimos, sentavam-se, à sombra das mangueiras seculares da sua linda chácara da Tijuca, o desembargador Abelardo, a jovem Mme. Costa Retore e, mais alegre que todos nós reunidos, a encantadora baronesa de São Bonifácio, recentemente chegada de Londres. Risonha, graciosa, inteligente, a loura titular tomou conta, logo, de todos nós, guiando a palestra com a habilidade com que dirige, às vezes, à tarde, pelas estradas da Gávea, o seu grande automóvel de seis lugares. Ligando os assuntos como quem liga, uma a uma, e continuamente, as pérolas do mesmo colar, a baronesa indagou, de repente:

— É verdade, que notícias me dão vocês da Lilita Wilson?

O desembargador, que é entendidíssimo em novidades de salão, alcova e cozinha, acudiu, pronto:

— Casou-se, outra vez. Logo que lhe morreu o primeiro marido, casou-se com o Alberto Manzoni, de São Paulo. Com a morte dêste, na guerra, contraiu terceiras núpcias aquí mesmo.

— Com o Alexandre?

— Não; com o Viana Moreira, do Rio Grande do Sul.

A baronesa, sem mostrar espanto, sorriu, e, após um gole de chá e de uma torradinha minúscula, que lhe encheu toda a bôca, lamentou, penalizada:

— Coitadinha! Até parece, já, o rio Purús, descrito por Euclides da Cunha!

— O rio Purús? — estranhei, pousando a chávena.

E a minha amiga, perversa:

— Então? Ela tem mudado tanto de leito!...

Uma fôlha amarela que se despregara da mangueira pôs têrmo à conversa, caindo certa, aos rodopios, como uma flecha vegetal, na chícara vazia da baronesa...

L X X X I V

R E P R E S Á L I A

Informado da maldade com que a baronesa de Bonifácio punira, na véspera, na chácara dos Peixoto Leroux, a tríplice viuvez da sua sobrinha, Mme. Lilita Wilson, o almirante Ribas, tão famoso pela sua malícia irreverente, resolveu tomar uma desforra da linda titular, punindo-a pela perfídia com que se referira à sua encantadora amiguinha de outrora. E o lugar escolhido para a vingança foi a segunda mesa à direita, na Lalet, onde se acharam, frente a frente, ontem, à tarde, entre o desembargador Ataulfo e Mme. Carvalho Gondra, a maravilhosa Anfitrite do norte e o velho tritão dos grossos mares do sul.

A palestra decorria brilhante e amável, quando o almirante, encontrando uma oportunidade feliz, observou, rindo, à baronesa:

— É verdade; achei admirável aquela comparação da Lilita com os rios que mudam frequentemente de leito!

— Quem lhe contou isso? — estranhou a baronesa, espantada, recuando o busto soberbo.

— O desembargador Abelardo, que a ouviu dos seus lábios.

— Indiscreto... — sussurrou a fidalga, num muxoxo, retomando a chícara.

O almirante precisava, porém, de uma vingança mais positiva, mais clara, mais ferina, e, sem deixar que a presa fugisse, mudando de assunto, voltou, impiedoso:

— A baronesa sabe, porém, quando é que os rios mudam de leito?

A fidalga encarou-o, franzindo a testa magnífica, e êle, aproveitando o diálogo em que se distraíam os dois companheiros de mesa, fulminou-a, terrível, descendo os olhos pelo vestido significativamente frouxo:

— É quando engrossam... Compreendeu?

E, vendo-a empalidecer, alto, e risonho:

— V. Ex. está se sentindo mal?

L X X V

O P R Ê M I O

A palestra, naquela mesa tão seleta, versava um assunto delicadíssimo: o direito, que tem o espôso, de exigir da mulher a mais acentuada obediência, e a prerrogativa, que esta pode ter, de usar, ou de abusar, da liberdade que lhe seja concedida.

— Ninguém — afirmava D. Consuelo Mendes, com o sangue no rosto, — ninguém, no Rio, é mais exigente consigo mesma, do que eu. Ninguém me vê em bailes, em festas, em piqueniques, em divertimentos mais ou menos comprometedores. Vivo para minha casa, para meu marido, para os meus filhos. Acho, porém, que a mulher que assim procede, tem o direito de, uma vez por outra, desferrar-se, lançando mão da sua liberdade, distraíndo-se, divertindo-se, procurando, por suas mãos, o prêmio do seu cativoiro.

E como percebesse a estranheza causada pelas suas palavras, retificou, esclarecendo:

— Eu, por exemplo. Eu vivo para o meu lar. Não saio, não faço visitas, não ve-

raneio em Petrópolis, não faço estação em Poços de Caldas. No Carnaval, porém, pago-me de tudo isso: danso, folgo, divirto-me a valer!

Foi por essa altura, mais ou menos, que o desembargador Abelardo de Barros interveio, abrindo, com elegância, a sua cigareira de ouro, polvilhada de brilhantes:

— Vossa Excelência faz, então, D. Consuelo, como aquele honesto beberão, de que me falava, ontem, o Alfredo Pinto, na casa de Saúde do Poggi.

A moça franziu a testa, desconfiada, e o magistrado contou:

— Certo boêmio, habituado a entrar em casa depois de uma peregrinação sistemática por todas as casas de bebidas, resolveu, um dia, corrigir-se. Era preciso energia para não regressar aos tombos, e êle havia de tê-la, dali em diante. Tomada essa resolução, saiu para a rua, e passou, sem entrar, pela frente do primeiro botequim. Satisfeito com a vitória, passou pelo segundo, pelo terceiro, pelo quarto, pelo quinto, e, assim, por vários outros, resistindo à tentação. À noite, à hora de recolher, tomou o caminho do lar, quando se pôs a pensar, de si para si: “Sim, senhor! Nunca pensei, “seu” Fagundes, nunca pensei que você tivesse tamanha fôrça de vontade!” Deu mais alguns passos, e insistiu: “Você merece um prêmio. Vou lhe pagar um whisky!” E en-

trou no botequim, chegando em casa, nessa noite, tão bêbado como na véspera!

As senhoras entreolharam-se e D. Consuelo interpelou-o, vermelha:

— Isso não tem nada com o meu caso; tem?

— Absolutamente nada, D. Consuelo!
— acudiu o desembargador, vascolejando a cabeça; — absolutamente nada.

E mergulhou o nariz no chá.

L X X X V I

A CIDADE INDISCRETA

O Rio de Janeiro é, positivamente, a cidade mais indiscreta do mundo. A vigilância em tórno de sua Majestade o Rei Alberto, cujos passos e menores gestos são acompanhados de perto pelos jornais e pelo povo, demonstraria essa verdade, se nós próprios, míseros mortais, não tivéssemos chegado pessoalmente a essa ingrata convicção. Não há, efetivamente, no Rio, um ponto, um abrigo, um refúgio, em que se possa evitar a curiosidade dos olhares e das perguntas alheias. E quando êsse lugar aparece, é tal a sofreguidão com que o procuram as pessoas discretas, que êle se torna, de pronto, um dos mais movimentados da cidade.

Ainda, agora, a propósito da visita de SS. MM. os Reis da Bélgica à Escola Nacional de Belas-Artes, veio-me à lembrança um episódio alí ocorrido, e em que tomei parte, durante a última exposição de artistas nacionais.

Solicitado por Mme. Cardoso Khan a ministrar-lhe, sem a assistência do marido,

uns conselhos paternais sôbre um caso do seu interêsse, alvitrei, por telefone, a possibilidade de um encontro em lugar reservado, onde pudéssemos conversar em respeitosa intimidade. Aceita a minha proposta, a virtuosa senhora indagou:

— Onde poderá ser?

— Na “Mére Louise”, no Leblon! — lembrei.

— Não, lá, não; tem muita gente. Podiam ver-nos, maliciar, e ir dizer ao Abelardo.

— Então, na casa de D. Matilde, no Flamengo! — tornei.

— Também, não. Ela é muito relacionada. Vai muita gente lá...

Apresentados e repelidos outros alvitreiros, veio-me à idéia, de súbito, a revelação de um amigo, e propús:

— A senhora já foi à Exposição da Escola Nacional de Belas-Artes?

— Não.

— Pois, então, vá. Chegando lá, espere por mim, que subiremos, os dois, para o terraço que há em cima do edificio, o qual está sempre deserto. Abrigados por uns respiradouros que lá existem, poderemos conversar sòzinhos, inteiramente à vontade.

— Não sobe lá ninguém?

— Ninguém, filha! Eu estive lá o ano passado uma tarde inteira, e não apareceu ninguém!

À hora combinada, entrava na Escola, risonha e medrosa, a elegante criatura. Fiz-lhe um sinal e ganhamos a escada. De repente, recuei.

Em cima, no terraço, havia mais gente, aos casais, do que em baixo, na Exposição!

LXXXVII

O LADRÃO

Quem lê os jornais desta capital, tem a impressão de que a arte que mais tem progredido, é, no Rio de Janeiro, a arte de furta. Os feitos da gatunagem são, realmente, aquí, tão numerosos e frequentes, que se fica supondo, ao examiná-los, que os nossos gatunos são homens inteligentíssimos, capazes de ludibriar o resto da população.

O caso não é, entretanto, êste. Os gatunos não progrediram, não acrescentaram uma página, sequer, ao famoso compêndio do padre Antônio Vieira. O que succede é cousa diferente: a população ingênua, ou incauta, foi que se tornou mais incauta ou mais ingênua, tornando, assim, mais fácil do que outrora, a infração do sétimo mandamento. O caso do comissário Francisco Ambrósio é, mais ou menos, uma viva demonstração dessa verdade.

Funcionário policial de uma argúcia surpreendente, Francisco Ambrósio de Oliveira era apontado em toda parte como um legítimo espantelho da gatunagem urbana. Não havia meliante, malandro ou desor-

deiro que êle não conhecesse. O seu faro de perdigueiro, auxiliado por uma perspicácia digna de Sherlock Holmes, constituía, pode-se dizer, o melhor elemento de repressão de que, até hoje, dispôs a polícia.

Certa noite, porém, ao entrar, de regresso da ronda, na sua própria casa, ouviu Francisco Ambrósio, de repente, movimentos de gente estranha no pavimento superior. Cauteloso, habituado a essas experiências da própria coragem, galgou, três a três, os degraus da escada, até que observou, espantado, que o visitante noturno se havia homiziado no seu quarto de dormir. Ao abrir o compartimento sofreu, no entanto, uma decepção: a única pessoa que aí se achava era D. Luizinha, a qual, ao escancarar-se a porta, pulou assustada, da cama, sem saber do que se tratava.

O faro policial é, felizmente, uma virtude que se manifesta a contragosto, mesmo, de quem a possui. E assim foi que, sem custo, Francisco Ambrósio descobriu, impondo silêncio com o dedo indicador estirado sôbre os lábios, que havia um gatuno debaixo da cama.

— O gatuno está aí debaixo! — rousnou, convicto, ao ouvido da mulher.

E em voz alta, arrancando o revólver do bolso traseiro da calça:

— Quem está aí?

D. Luizinha tremeu, pela sorte do marido.

— Quem está aí? — gritou, de novo, o comissário.

E ia perguntar pela terceira vez, quando a moça, temendo que o ladrão lhe saltasse sôbre o espôso, segurou a autoridade pela manga do paletó, puxando-a para fora do quarto, ao mesmo tempo que lhe aconselhava, amorosa:

— Deixa disso, Francisco. Êle, que não responde, é, com certeza, porque não é conhecido...

L X X V I I I

O PRESTÍGIO DO “ROUGE”

Quando a gripe devorava, no Rio de Janeiro, diàriamente, centenas de vidas, a porta do Céu fazia recordar, lá em cima, as portas de cinema, em dia de programa sensacional. Homens, mulheres, crianças, pessoas cuja morte estava iminente ou marcada para uma época muito distante, amontoavam-se diante da grande fachada refulgente de estrêlas, reclamando, com o bilhete de entrada, o prêmio das suas obras ou do seu martírio.

— Antônio Esmeraldino Gomes de Albuquerque! — chamava, em voz alta, o santo do dia, lendo uma lista de nomes.

— Presente! — respondia o invocado, encaminhando para a porta.

São Pedro conferia os sinais da pessoa e dava-lhe, então, entrada, entre o côro festivo dos anjos.

Uma tarde, porém, chegou à fachada do Paraíso, entre milhares de vítimas da epidemia, uma senhora de uns quarenta e tantos anos, vitimada naquele dia. Pálida, com os

lábios alvos como a cera dos círios que deixara na terra, a sua fisionomia denunciava cansaço, tristeza, sofrimento. De repente, chamaram um nome:

— D. Luiza Gonçalves Pedreira.

— Presente! — confirmou a nobre defunta, pondo, já, um dos pés no batente sagrado.

Uma grande mão desceu, porém, sobre o seu ombro, detendo-a.

— É a senhora? — indagou, severo, o chaveiro.

— Sou eu mesma, meu santo!

— Mas a outra, a que vivia na terra, tinha, segundo os sinais que me forneceram, as faces muito coradas.

A dama não respondeu.

— E os lábios muito vermelhos.

Novo silêncio.

— E os cabelos muito negros.

Silêncio ainda.

— E umas olheiras muito pronunciadas.

Nesse ponto, antes que a enumeração tomasse um caráter comprometedor, D. Luizinha teve uma idéia: mergulhou as mãozinhas pálidas no fôrro da mortalha, arranhou de lá um lapis de “rouge”, um pedaço de bistre, um canudo de cosmético, penteou-se, empoou-se, endireitou-se e, levantando a cabeça, encarou o apóstolo.

— Pronto! — exclamou a dama.

São Pedro mirou-a, sorrindo. E, escancarando a porta, convidou:

— Ahn! É a senhora mesmo... Entre.

E ela entrou.

L X X X I X

A FESTA DA INTELIGÊNCIA

Por especial deferência do sr. ministro das Relações Exteriores, foi-me permitido, anteontem, nos "Diários", tomar parte, como diplomata, nas homenagens prestadas pela intelectualidade brasileira a Sua Magestade o Rei da Bélgica. Relegado para as filas destinadas aos jovens funcionários do Itamaratí, não foi sem custo que consegui aproximar-me do local distribuído aos homens de ciência e de letras, cujos paramentos, tirados às sete côres do arco-iris, davam à solenidade um tom de magnificência, de luxo, de riqueza, verdadeiramente excepcional. Ao lado dos fardões acadêmicos, faiscentes de ouro, berravam o vermelho dos capelos, o verde das murças, o negro das becas, assinalando, no tumulto das côres, os catedráticos das Faculdades de Medicina e de Direito, os membros do Instituto Histórico, os doutores da Ordem dos Advogados. E como se não bastasse o aspecto magnífico das vestimentas, cintilavam por toda a parte as medalhas, os crachás, as condecorações de todos os países do mundo, como

se tivesse caído sôbre aquela assembléia de sábios uma luminosa chuva de pedrarias.

A atual sociedade brasileira, educada nos costumes igualitários da República, não pode ver, entretanto, a sério, essas manifestações suntuosas da vaidade humana. Deslumbrados com o que viam, os espíritos divagavam, todos, sem compreender a legítima expressão daquele espetáculo. Dessa verdade lamentável, tive eu vários documentos, que me causaram a mim verdadeira indignação. A minha primeira desilusão foi à entrada do sr. barão de Ramiz Galvão, o velho e glorioso fidalgo do Império. Trajando uma casaca irrepreensível, o eminente educador trazia ao peito, do ombro à cintura, e de ambos os lados, todas as suas condecorações. Eram a da Rosa, do Brasil; a de Santiago, de Espanha; a da Ordem de Cristo, de Portugal; a da Legião de Honra, da França; a do Elefante Azul, da Pérsia; a de Estanislau, da Polônia; a da Ordem do Latrão, do Vaticano; e tudo isso no meio de passadeiras, bentinhos, cordões, amuletos, fitas, distintivos, medalhas e pindurucalhos, obtidos em sessenta anos de discursos e magistério. À chegada do venerando professor, houve um deslumbramento; e o primeiro comentário, de uma senhora colocada nas proximidades do corpo diplomático, foi, logo, êste:

— Meu Deus! Parece... porta de casa de brinquedos!

A entrada do desembargador Ataulfo de Paiva, da Academia de Letras, causou o mesmo pasmo, o mesmo espanto, a mesma admiração. Ornamentado com as suas dezenove condecorações, postas em destaque pela sua faixa vermelha de Cavalleiro de São Maurício e pela originalidade do seu cordão da Ordem do Dragão, da China, o ilustre magistrado estava deslumbrante. Sem perder a calma, o primeiro a registrar, com espírito, a sua situação, foi êle próprio.

— De onde vem, desembargador? — indagou, com graça, à entrada do salão, a sra. Santos Lobo.

E êle, sorrindo:

— Da festa da Penha, excelentíssima!

Dentro, no recinto dos homens eminentes, destacavam-se, também, pela singularidade, os distintivos de Carlos Malheiro Dias. Antigo fidalgo da Casa Real Portuguesa, o brilhante escritor vestia uma capa em vermelho e preto, semeada de comendas azues, de crachás amarelos, de medalhas reluzentes, a emergirem de um oceano de fitas simbólicas, pertencentes a vinte ordens diversas. Ao vê-lo, indagou uma senhora:

— Que capa é aquela do Dr. Malheiro Dias?

E a outra explicou:

— É uma capa... da “Revista da Semana”, menina!

A impressão geral daquele público republicano, foi interpretada, porém, entre tantos episódios, por uma frase, ouvida por mim no têrmo da festa. Comprimindo-se com arte, apertando-se com elegância, empurrando-se com delicadeza, a multidão procurava a porta de saída, quando encontrei à minha frente um grupo de moças, no meio do qual ia um cavalheiro idoso, afogado até o pescoço na sua enorme beca de professor de Direito. Oprimido de um lado, empurrado de outro, o educador defendia-se aflitamente, quando uma das filhas lembrou, compadecida:

— Por que papai não tira... o dominó?
E o Carnaval caiu na rua.

X C

CONSEQUÊNCIAS DO PROTOCOLO

A vida boêmia levada no Rio de Janeiro por Sua Majestade o Rei Alberto não tem sido um obstáculo, apenas, à prática do protocolo organizado pelo sr. Ministro das Relações Exteriores. Homem simples, democrata, identificado com as camadas populares do seu reino, o monarca dos belgas tem revolucionado as praxes aristocráticas estabelecidas pelo governo, e influído, mesmo, nas nossas relações internacionais.

Ainda ontem chegou ao Itamaratí, oficialmente, a notícia dessa influência, que se foi refletir, de modo lamentável, fora do continente. Como toda gente sabe, era pensamento do sr. Dr. Antônio José de Almeida, ilustre Presidente da República Portuguesa, vir ao Brasil, pagando, assim, em nome dos seus concidadãos, a visita que lhe fez, de regresso da França, o sr. Dr. Epiácio Pessoa. Com a iniciativa de S. M. o Rei da Bélgica, vindo ao Rio de Janeiro, mais se acentuou no eminente estadista português o desejo de visitar-nos, e de tal forma que, há três dias, recebia o sr. Duarte Leite, embai-

xador de Portugal, um telegrama do seu govêrno, indagando qual havia sido, aquí, o protocolo a que se submetera o rei Alberto. Solícito, o notável diplomata respondeu, de pronto, como era do seu dever.

— “No primeiro dia — explicou S. Ex., em telegrama, — o Rei visitou o Presidente da República, e jantou em palácio; no segundo, tomou banho na praia de Copacabana, e visitou o Congresso; no terceiro, recebeu a sociedade brasileira, e tomou banho em Copacabana; no quarto, tomou banho em Copacabana, e passou em revista as tropas de terra e mar; no quinto, recebeu as saudações das associações literárias e científicas, e tomou banho em Copacabana. E assim por diante”.

A resposta do Presidente de Portugal não se fez esperar. Vinte e quatro horas depois recebia o Dr. Duarte Leite o seguinte telegrama do Dr. Antônio José de Almeida:

— “Impossibilitado satisfazer exigências protocolo, desmanchei viagem”.

O govêrno brasileiro foi informado, realmente, de que o sr. Dr. Antônio José de Almeida tem andado com febres.

OS COLCHETES

Era cinco horas da tarde, quando, fechado o escritório, o Dr. Godofredo entrou no seu palacete do Flamengo, para levar a mulher a passeio. Enveredando pela casa com a sua liberdade de marido jovem, foi êle encontrar a encantadora senhora de pé, diante do “psyché”, recebendo os últimos retoques no seu vestido novo, pronto para sair. Ajoelhada no tapête de pelúcia côr de ouro, a costureira, a bôca repleta de alfinetes, pregava aquí, repregava alí, endireitava acolá, ajustando, como o artista ao seu quadro, as últimas curvas, as últimas ondulações da fazenda naquela maravilhosa estátua de carne.

Sentando-se no canapé do quarto de “toilette” o moço olhava, em silêncio, a meticulosidade da costureira, a perfeição do seu trabalho e a paciência do seu modelo, quando, diante daqueles toques e retoques infindáveis, lhe aflorou à bôca uma observação:

— Sílvia, dize-me uma cousa?

— Que é? — atendeu a moça, sem voltar-se, com os olhos no espêlho.

— Por que é que os vestidos das mulheres, em geral, abotôm para trás ?

A costureira riu, cuspendo os alfinetes na mão, estranhando a pergunta ; a estátua que ela retocava apressou-se, porém, em explicar-lhe o caso, sorrindo-lhe pelo cristal do “psyché” :

— Você, então, não sabe ?

E explicou :

— O momento mais glorioso da vida de uma mulher, é aquele em que ela se prepara para sair. Diante do espelho, refletindo-se na lâmina lisonjeira, ela se glorifica a si mesma, olhando-se, mirando-se, namorando-se. Antes de agradar aos outros, ela quer agradar-se a si mesma ; e daí as horas que passa diante do espelho, mirando-se, remirando-se, quando lhê seria mais vantajoso estar na rua, no salão, no passeio, recebendo ou fazendo visitas, para ser vista, louvada, admirada.

E depois de uma pausa, forçada por uma recomendação à costureira :

— Com essa paixão por si mesma, pelas suas “toilettes”, pelo namôro da sua própria figura, a mulher não poderia admitir, evidentemente, que, ao vestir-se, outra mulher se pusesse entre ela e o espelho, para abotoá-la. Seriam momentos de auto-contemplação que ela perderia, e que ela evitou, relegando para trás os botões, os colchetes, os alfinetes, as pressões, e, com êles, a costu-

reira, que deixa de lhe fazer sombra diante do espelho.

Horas depois regressavam os dois do passeio, durante o qual o jovem advogado estivera a meditar sobre a vaidade feminina refletindo sobre o que lhe dissera a esposa em relação à origem do feitio dos vestidos, quando compreendeu que era mentira tudo quanto ela, à tarde, lhe contara. Foi quando a mulher, preguiçosa e risonha, lhe voltou as costas, pedindo:

— Desabotoa aqui?

A origem daquele costume era, positivamente, aquela. As mulheres puseram os colchetes e pressões dos vestidos para trás, unicamente para os maridos lhes beijarem as espáduas...

O VESTIDO

Uma das minhas primeiras crônicas, há três ou quatro anos, versou, se bem me lembro, sôbre o milagre realizado por certas senhoras elegantes, as quais, tendo recebido do espôso um simples corte de sêda, conseguem fazer com êle, por processos que só elas conhecem, quatro ou cinco vestidos de côres diferentes. Os espôsos que ignoram, em absoluto, êsses curiosos fenômenos da química, fecham os olhos, inteiramente, a todos os prodígios dêsse gênero; outros querem, porém, apoderar-se do segrêdo, e o resultado é tentarem obtê-lo à fôrça, esgaravatando a espôsa com uma faca ou, o que é menos bárbaro, com uma bala de revólver.

Dêste último gênero, fiscalizando a mulher como quem fiscaliza uma fronteira ameaçada, era, felizmente, ou infelizmente, o Dr. Cantidiano de Sampaio Guterres, figura tão conhecida no fôro da cidade, e, principalmente, nas altas rodas mundanas. Chefe de família exemplaríssimo, o notável advogado não admitia que lhe entrasse em casa, sequer, um alfinete, sem o seu consenti-

mento. As compras, as mais insignificantes, era êle quem as fazia pessoalmente, e isso, menos pelo temor de ser enganado no preço dos objetos adquiridos do que pelo programa, que se traçara, de tomar conhecimento de tudo que lhe entrasse no lar.

Dêsse cuidado do ilustre advogado, dá idéia, para honra sua, o episódio que lhe ia perturbando, há poucos dias, a vida doméstica, depois de doze anos de casado. O Dr. Guterres havia comprado para a mulher, há um mês, antes de partir para São Paulo, um vestido de sêda verde, de uma que esteve em moda, no máximo, oito dias. De regresso, ao entrar em casa, sem ser esperado, encontrou-se, na escada, com a espôsa, que vestia uma "toilette" nova, e, essa, amarela, gemade-ovo, e sobretudo, riquissima. Ao deffrontarem-se, ficaram, os dois, mais amarelos do que o vestido.

— Que quer dizer isto, senhora? — trovejou o espôso, crispando os dedos, de cólera.

D. Antonieta encarou-o, sem dizer palavra.

— Que significa êste luxo, na minha ausência? — tornou, terrível, o marido. — Quem lhe deu êsse vestido?

— Foi você... — sussurrou a pobre senhora, tremelicando o beicito vermelho de "rouge".

— Eu? O vestido que eu lhe dei, então, não era verde? Como é que, agora, a senhora se apresenta com um vestido amarelo?

Ao cérebro da moça acorreu, de súbito, uma idéia, que fugiu logo, deixando apenas o rastro. Os olhos brilharam-lhe, vivos, úmidos, penetrantes, numa floração de luz, tornando-a mais jovem, mais fresca, mais linda.

— Era... — confirmou a moça.

O marido encarou-a, esperando a confissão abominável. O rosto de D. Antonieta irradiou, de repente, no anúncio de uma surpresa, que podia ser um sorriso, ou uma lágrima.

— Era verde, sim... — tornou, baixando os olhos; — mas...

E, perturbadíssima, sem encontrar outra saída:

— Amadureceu, Cantidiano...

X C I I I

INCONVENIENTES DO CIÚME

Com a sua perspicácia de mulher inteligentíssima e original, Ninon de Lenclos recomendava aos maridos que se não mostrassem ciumentos sem um motivo claro, seguro, evidente, para a manifestação de tal sentimento. “Não é com suspeitas — afirmava ela — não é com suspeitas que se fortalece a fidelidade da mulher”. E acrescentava, experiente: “Uma injúria tal, longe de a prender, enfraquece-a, familiarizando-a com sentimentos cuja só idéia devia parecer-lhe um crime. Acreditar na sua inconstância, faz com que ela se acostume a encará-la como possível, a aproximar-se mais do perigo. Isso só pode contribuir para que a mulher acredite ser a fidelidade um mérito, quando somente devia ser um dever”.

Essas observações endereçadas a todos os maridos injustificadamente ciumentos, faziam parte, já, do meu cabedal de experiência, fornecida por um incidente que, há meses, profundamente me impressionou.

Senhora de uma formosura incomum, D. Colete abandonou o marido, arrastada

pela violência do coração. Esse gesto, que poderia tê-la conduzido à miséria, à lama, à vergonha, levou-a, pelo contrário, ao esplendor e à felicidade. O jovem capitalista que a recebera nos braços na sua queda, era considerado, e merecidamente, o homem mais rico da capital. E era a fortuna e o coração desse homem generoso, nobre, cavalheiresco, que ela via a seus pés, derretidos numa chuva de ouro, como aquela com que Júpiter fecundou, na torre de Argos, a desditosa mãe de Perseu.

Robusto, moço e riquíssimo, o ilustre capitalista não tinha motivos para temer um competidor. O seu orgulho, a consciência da sua própria situação econômica, deviam conservá-lo muito alto, acima de quaisquer temores. O coração que lhe batia no peito era, porém, medroso, covarde, infantil, e foi dominado por essa fraqueza que êle chegou, uma vez, a confessar o seu susto, dizendo à mulher amada, com o rosto nas mãos:

— Tu não imaginas, Colete, o que tem sido a minha vida, depois que vivemos juntos. Eu tenho por ti uma paixão desesperada. A minha fortuna, a minha vida, o meu destino estão nas tuas mãos. Dou-te, como tens visto, o que desejas, e dar-te-ia mais, se mo pedisses. A minha felicidade é, entretanto, perturbada por um temor permanente: temor de que me deixes, susto de que me

abandones, receio de que te apaixones por outro, deixando a minha companhia!

A essas palavras, tão sinceras, arrancadas do coração, a rapariga franziu a testa modelar, coroada de cabelos dourados, como quem acabava de ouvir uma novidade surpreendente. Com os cotovêlos de mármore fincados na mesa de jantar, e com o rostinho de boneca, muito claro e muito lindo, pousado nas mãos de sêda, a sua fisionomia denunciava uma grave preocupação. De repente, a testa se lhe vincou ainda mais, e uma pergunta aflorou, franca, ingênua, encantadora de naturalidade, na sua boquita vermelha:

— Há, então, no Rio, outro homem mais rico do que tu?

E, intrigada, de si para si:

— Quem será?

X C I V

M I O P I A

Uma das graças que eu devo ao Supremo Arquiteto do Universo, é haver me dotado de vista excelente. Até os sessenta e cinco anos eu recusei aos olhos, sempre, qualquer auxílio artificial, vindo a capitular, apenas, há seis, quando tive de recorrer à piedade ótica de um monóculo providencial. Um aparêlho visual perfeito vale por uma bênção do céu; e deve levantar as mãos, rendendo-lhe o culto do seu coração, todo homem, velho ou moço, que tem a luz suficiente para enxergar, de noite ou de dia, os perigosos buracos do mundo.

Não era assim, infelizmente, o meu saudoso amigo Vieira Cardoso, a quem a magnanimidade do Imperador concedeu, mais tarde, o título de Visconde de Guaxupé.

Vieira Cardoso, que foi duas vezes ministro na Monarquia, era, talvez, o homem mais míope de todo o Brasil. Usava grau três, reforçado, e, tirando o "pince-nez", era capaz de confundir um ovo com um prego e de comer o prato em lugar da linguiça. Êle era, mesmo, tão curto dos olhos, que muitas

vezes se surpreendeu, êle próprio, batalhando nas fileiras do partido contrário, vitorioso na véspera, na suposição de que estava, ainda, ao lado dos seus correligionários derrotados. O fruto dêsse defeito colheu-o êle, entretanto, nos limites do lar, em um incidente que êle mesmo, um dia, me contou.

Era o visconde ministro da Justiça, no gabinete Tamandaré, quando, certa manhã, entrou na sua sala de trabalho, em sua própria residência, uma senhora encantadora, que lhe ia pedir, como as espôsas de hoje, um emprêgo para o marido. Cabeça baixa, olhos e nariz no papel, estudava o ministro um dos processos que lhe eram submetidos a despacho, quando, insensivelmente, estendeu o braço, alcançando a dama pela cintura. Com a brutalidade da surpresa, a moça não abriu, sequer, a bôca; e nem lhe era isso possível, porque, quando quis protestar, estava, já, com os lábios grossos do visconde grudados, como ostra em rochedo, nos seus polpudos lábios famintos!

Nesse momento, porém, abre-se, ao fundo, a porta do gabinete, e surge, com a cólera faiscando nos olhos, o vulto da viscondessa.

— Sr. visconde, que é isso? — exclamou, rubra, a espôsa do ministro.

A essa voz, a aventureira, de um salto, ganhou a porta fronteira, desaparecendo sob o reposteiro solferino. Boquiaberto, o

visconde deixou-se ficar sentado, com os braços estendidos. Ouvindo, porém, de novo, as palavras indignadas da espôsa, estranhou, aflito, pondo-se de pé:

— Então, não era Vossa Excelência, sra. viscondessa? Não era Vossa Excelência que estava aqui, a meu lado?

E, tateando na mesa, procurando, com os dedos trêmulos, o “pince-nez”, lamentou, batendo na testa, com a mão espalmada:

— Maldita miopia!... Maldita miopia!...

E escanchou a bicicleta no nariz.

O SAPATEIRO

Sempre que as mulheres realizam uma nova conquista política, obtendo novos lugares, novos postos de relêvo na vida civil, surgem de toda a parte os argumentos sôbre a sua supôsta inferioridade mental, como se fosse possível contestar com teorias aquilo que é contrariado pela evidência incontrastável dos fatos. Forte, ou fraca, auxiliada pelos deuses ou pelo demônio, o certo é que a mulher se tem manifestado, por mais de uma vez, superior ao homem, pela agudeza, pela perspicácia, e, não menos, pelo bom senso com que resolve determinados problemas da vida.

Um caso que me vem à memória toda a vez que se levantam discussões sôbre essa matéria debatidíssima, é o que ocorreu, há anos, em Baixa Verde, localidade sertaneja do Rio Grande do Norte, e que me foi contado, há seis ou oito anos, no Senado, pelo atual ministro da Marinha, o ilustre sr. desembargador Ferreira Chaves.

Andava o sr. Manuel Lourenço pelos quarenta anos de vida, dos quais vinte e cin-

co haviam sido consumidos em calçar de chinelas e tamancos a décima parte da população local, quando lhe apareceu na oficina, para encomendar um sapatinho de cordavão, a risonha Clotildinha, meninota de quatorze anos, mais ou menos, pertencente a uma família modesta, mas honrada, residente no lugar. Respeitoso, o Manuel Lourenço ajoelhou-se no chão, marcou no tijôlo, com dois riscos de faca, o tamanho do pé, apanhou-lhe a altura com uma tira de papel dobrado, e, não sabe como, ao erguer-se, estava inteiramente transfigurado de coração.

À noite, o pobre sapateiro não pôde dormir. Mal fechava os olhos, e surgia-lhe no pensamento a perna morena da Clotildinha, a emergir do mistério da saia curta, de chita encarnada, como se fosse o caule duplo de uma rosa em botão, cujo perfume lhe ficava eternamente vedado. E tanto o mísero se preocupou, aflito, com o caso, que, um mês depois, estavam casados, com todos os sacramentos e todas as bênçãos, a menina e o sapateiro da Baixa Verde.

Só depois de casado, porém, foi que o sr. Manuel Lourenço verificou a barbaridade que cometera. Menina ainda, a Clotildinha podia ser, pela sua idade, pelas suas maneiras, e, principalmente, pelo seu físico, sua filha e, até — quem sabe? — sua neta. E era pensando nisso que a mantinha a seu

lado carinhosamente, paternalmente, tratando-a como quem trata uma criança.

Quem não gostava dêsses modos era, porém, a Clotildinha. O Manuel Lourenço tinha ido buscá-la à casa materna para mulher, para companheira, para sócia da sua vida e do seu destino, era natural, portanto, que a tratasse como tal, fazendo-lhe participar da existência em comum, e, até, dos negócios comerciais da sua oficina.

Certa manhã, havia o Manuel Lourenço acordado cedo e, como de costume, chamou a menina, ordenando-lhe que se sentasse a seu lado, na beira da rede, para conversarem. A moça sentou-se, e conversavam os dois, como pai e filha, com os olhos pregados no teto, quando viram, de repente, correr um camondongo, um ratinho de meia polegada, o qual, passando entre os caibros e as têlhas, se foi perder, em cima, nos buracos da cumieira. Ao ver o rato, Clotildinha virou-se, de súbito, para o marido, e pediu, dengosa:

— Sabes, Manuel, que é que eu queria?

— Que é? — indagou o espôso, divertindo-se com aquela alegria.

— Eu queria que tu matasses aquele rato e fizesses um par de sapatos para mim!

O sapateiro achou graça na infantilidade da moça, e retrucou, rindo:

— Que tolice, Clotilde! tu não vês que o couro daquele camondongo não dá para um par de sapatos?

A moça encarou-o com as faces em brasa, e, pondo a cabeça no seu peito, gemeu, na ânsia de possuir o seu sapato:

— Dá, Manuel, dá!

E ao seu ouvido, com a voz trêmula:

— Olha, Manuel, o couro... espicha!

E abraçou-o, chorando.

XCVI

ENTRE OS PAPUAS

Um dos maiores sonhos da minha infância, era atravessar a vida viajando. As aventuras do “Gulliver” de Swift; o “Rocamboles”, de Ponson; e as fantasias de Júlio Verne, cuja primeira obra me foi oferecida no dia do meu 14.º aniversário, exerceram tamanha influência sobre o meu ânimo, que eu não pensava, na adolescência, senão naquelas viagens maravilhosas. Homem feito, abracei a carreira que mais se coadunava com as minhas aspirações de criança; e, como a vida fosse curta para tanto projeto desordenado, é com verdadeira alegria que os completo hoje, mentalmente, ouvindo, aqui e ali, onde os deparo, a palestra dos amigos mais viajados do que eu.

Uma destas noites, após o jantar elegantíssimo com que o desembargador Correia da Cunha festejou o regresso do comendador Adeodato de Barros, que voltava da sua última excursão às Índias e à Oceania, tive eu um dos momentos mais felizes da minha vida, ouvindo a história dêsse passeio de milionário, o qual durou, como é sabido,

cêrca de três anos e meio. Com a sua palavra viva, segura, concisa, narrava o soberbo capitalista os episódios mais interessantes, quando, em certo momento, se voltou para as senhoras, explicando:

— O costume mais curioso que eu encontrei foi, porém, o dos indígenas das Molucas, entre os quais me demorei algum tempo.

As senhoras voltaram-se, interessadas, e o comendador começou, mexendo, pausadamente, com uma colherinha de prata, a sua taça de vinho com água e açúcar:

— Entre os papuas, o casamento é inteiramente livre. Adeptos da poligamia, como o são, em geral, os povos brutalizados, êsses indígenas permitem que o homem tome, e sustente, as mulheres que bem entenda. Uma exigência é, no entanto, feita a quantos se queiram prevalecer dessa faculdade: cada casamento que o indivíduo contrái é selado com uma cerimônia bárbara, que consiste em arrancar um dente aos espôsos. Ao contrário do que sucedia a certos povos antigos, entre os quais o contrato nupcial era selado com a incisão em duas veias do braço, para que o sangue dos noivos se misturasse, os papuas exigem êsse sacrifício dos dentes, de modo que o beijo de núpcias é um beijo sangrento em que se confunde, num pacto horrendo, que é um símbolo da união na vida, o sangue dos nubentes.

— Que horror! — observou Mme. Schwartz, fazendo uma careta.

— Que bárbaros! — reforçou Mlle. Toledo Gomide, repetindo o mesmo gesto de nojo.

As outras senhoras comentavam êsse costume dos indígenas com a mesma indignação incontida, quando Mme. Correia Gomes indagou, curiosa:

— Quanto tempo o comendador passou entre essas feras?

— Um ano, minha senhora!

— Sem se afastar dêles?

— Não, senhora. Saí duas vezes, para ir a Amboine, capital do arquipélago.

Passado um instante, explicou, distraído:

— Mas demorei-me pouco longe dêles. Fui, apenas, concertar a dentadura...

E continuou a mastigar, forte, com todos os dentes.

XCVII

AS “MENINAS”

Há páginas de literatura tão de acôrdo com a verdade, com as lições severas e surpreendentes da vida, que a gente se fica, às vezes, a pensar horas e horas em semelhante duplicidade. Essa curiosa surpresa tenho-a eu tido de vez em quando, e tive-a ontem mais uma vez, após uma leitura meticolosa da viagem feita por Stendhal à Suíça no ano de 1821.

Os jornais do Rio de Janeiro aparecem, como é sabido, cheios, diàriamente, de notícias de roubos, de assaltos audaciosos, à luz do dia ou no silêncio da noite à propriedade alheia. Não se abre nesta capital uma fôlha da manhã, ou da tarde, sem encontrar a descrição da escalada de um muro ou de uma janela, por um dos numerosos ladrões que perturbam, zombando da polícia, o sossêgo da cidade.

— É uma calamidade, conselheiro! — dizia-me, na tarde de ontem, rumo da sua casa, onde íamos jantar com as suas Exmas. filhas, o comendador Fulgêncio Gadelha da Cunha. — Raro é o mês em que me não

penetra um gatuno no quintal, carregando-me com as galinhas, com os vasos de planta, com a roupa do tanque, enfim, com tudo que lhe fica ao alcance. Já não sei mais o que faça!

— O comendador não tem cachorros no quintal? — indaguei, penalizado daquela queixa.

O velho comerciante virou-se para mim, e protestou, sacudindo a cabeça:

— Eu? Não!

— Pois, olhe, — insisti; — se o senhor tivesse um ou dois cachorros de raça, dêsse cães de guarda destinados a defender as habitações, ninguém lhe penetraria, sequer, no jardim, fora de horas.

— Deveras? — tornou o velho.

Eu confirmei, e ouvi, com espanto, esta resposta absolutamente inesperada:

— Nesse caso, não os quero.

— Não os quer? — estranhei, arregalando os olhos.

— Absolutamente. Porque, se eu puser cachorros no quintal...

E concluiu, ao meu ouvido, rindo, e piscando um olho:

— As meninas... não se casam!

Nesse momento, penetrávamos, os dois, no jardim da casa, onde uns pedreiros haviam deixado, por esquecimento, há seis meses, uma escada encostada ao prédio, ao lado, exatamente, da janela das "meninas"...

XCVIII

ELAS...

O relógio da igreja próxima havia acabado de anunciar as dez horas da manhã, quando a encantadora mundana Suzete Lator penetrou, nervosa e célere, na risonha *garçonnière* do jovem advogado Silvestre Lobato, que envergava, ainda, àquela hora, o seu felpudo roupão de banho.

— Isto é certo? — indagou a rapariga, estendendo-lhe um jornal com a mão esquerda, enquanto atirava para uma cadeira, com a direita, o seu lindo chapéu de palha da Itália, florido como uma campina pela primavera.

A notícia do jornal era, nada mais, nada menos, do que o noivado do ilustre bacharel com uma senhorita de família distintíssima, chegada recentemente de São Paulo. Sem tocar na fôlha, que a amante lhe estendia, o rapaz respondeu, simplesmente, acendendo um cigarro:

— É.

Essa resposta fria, sêca, brutal, desnorteara Suzete. Aquela afirmativa, embora esperada, fôra, para ela, um golpe no coração. Fulminada por êsse monossílabo, a ra-

pariga segurou-se ao espêlho da cama, para não cair. De súbito, porém, subiu-lhe ao rosto uma onda de sangue, e foi vermelha, rubra de cólera, com os olhos brilhantes e os dentes cerrados, que ela, amassando na mão o jornal, rugiu, num desespêro de leoa ferida :

— São assim, os homens! Nascem, dizem êles, para o amor, para sorverem, altivos e alegres, todos os gozos da vida. Encontram no seu caminho uma mulher cheia do mesmo sentimento, disposta a conceder-lhes, tudo, tudo, para que êles experimentem, até o êxtase, a glória de viver. Com a alma ardente, ela entrega-se a êles, dando-lhes venturas que êles nunca sonharam, oferecendo-lhes a taça do prazer, da alegria, da felicidade livre, para que a esvaziem, até o último gole. E, no entanto, êles têm vergonha, têm nojo, têm asco dessa mulher, preferindo a ela que não esconde os ardores do seu sangue nem os ímpetos do seu coração, a mulher-mentira, a mulher-falsidade, a mulher-simulação, que lhes não entrega nem a alma, nem o corpo, em obediência, unicamente, a preconceitos, a exigências sociais! À mulher que afronta a sociedade, fiel ao seu temperamento, preferem êles, covardes diante do mundo, aquelas que não têm coragem para vencer, para atirar longe, em nome do seu amor, a grilheta das conveniências! . . .

Cabisbaixo, olhos pregados no tapêete semeado de flôres de sêda, o rapaz ouvia, sem um protesto, a explosão daquele cofre de jóias malditas, daquela criatura venenosa, mas admirável, que o guiava, há três anos, pelo complexo labirinto da vida boêmia. E a rapariga continuava a andar, agitada, de um lado para outro do compartimento, passando, nervosa, as mãos finas, alvas, esguias, pelos finos cabelos dourados.

— É bom, mesmo, que eu seja punida. A virtude, para os homens, é a falsidade, é a simulação, é a mentira. Êles não sabem que o amor é incompatível com o pudor, com o receio, com o respeito às convenções, e que êle está, só êle, acima da vida e acima da morte!

E, numa onda de soluços mal sufocados, crispando os dedos:

— Infelizes! Buscam o amor, e onde o encontram, puro e selvagem, fogem dêle! Procuram a sinceridade, a lealdade feminina, a mulher que não mente, nem com a sua bôca, nem com o seu coração, nem com a sua carne, e, quando querem amparar diante da lei uma criatura, vão buscar aquela que menos conhecem, sem imaginar que a timidez é, nas mulheres, um cálculo, e sem se lembrarem que as mulheres que amam não calculam nem pensam!...

Arrebatada pelas próprias palavras, Suzete limpou os olhos no lencinho de sêda,

já ensopado de lágrimas, e, na mesma agitação, tomou o chapéu, disposta a partir.

— É a última vez, sabes? nunca mais me verás no teu caminho. Adeus!

E ia já no rumo da porta, quando ouviu uma voz, que era um gemido:

— Suzete!...

A rapariga voltou-se, imperativa. Sentado na cama, com o rosto molhado de pranto, o rapaz a fitava, olhos implorantes, braços estendidos. Ela fixou-o, severa, e ouviu, então, esta súplica, ou, melhor, êste soluço, que era uma capitulação para a vida e para a morte:

— Suzete... Fica!...

X C I X

BARBA DE BODE

Foi recolhida, segunda-feira última, ao Hospício Nacional, vítima de uma erva errôneamente receitada por um erbanário dos subúrbios, a encantadora senhorita Carmélia Passos, filha única e inteligentíssima da viúva Carlota Passos, proprietária nesta capital.

Eu desconhecia ainda êste caso, e já aplaudia com todo o coração a atitude da Saúde Pública, perseguindo, punindo, combatendo com as armas da lei a praga dos curandeiros. E aplaudia-a com a lembrança, apenas, de um episódio doloroso, que me fôra narrado, semanas antes, pelo meu prestimoso amigo o sr. senador Elói de Souza.

O coronel Raimundo de Araújo, comerciante em Natal, capital do Rio Grande do Norte, havia entrado na casa dos sessenta anos quando, após quatorze de viuvez, entendeu de contrair novas núpcias com uma sólida moçoila de São Gonçalo. Pedida, porém, a rapariga, começaram as complicações, as dificuldades, os obstáculos e, com êles, o adiamento da cerimônia. Homem de

idade avançada, sujeito, portanto, ao efeito das emoções violentas, o coronel, assim que ficou noivo, começou a declinar de fôrças, de coragem, de saúde, e de tal forma que, após um mês de noivado, parecia haver envelhecido dez anos. Aflito, impressionado, combalido, o abastado comerciante recorreu, e sempre inútilmente, a todos os médicos da cidade. E já estava quasi desiludido da cura e da vida, quando um seu compadre, o capitão Ferreira, tabelião aposentado, a quem participara a sua infelicidade, lhe perguntou, interessado:

— O compadre já usou chá de barba de bode?

— Barba de bode? — indagou o outro, espantado.

— Sim. Pega-se todo o dia um punhado de barba de bode, faz-se um chá bem forte, e toma-se três vezes por dia.

E acentuou, sincero:

— É um santo remédio, compadre!

Animado com a nova esperança, o coronel Araújo mandou chamar à sua casa de negócio um caboclo de Currais Novos, o Antônio Severo, grande criador de caprinos naquela parte do sertão, e sem lhe dizer para que era a encomenda, pediu que lhe mandasse na primeira oportunidade, e a qualquer preço, um sacco com barbas de bode.

— Que quantidade, coronel? — indagou o sertanejo.

— Uns dez quilos.

Duas semanas depois recebia o coronel Araújo a sua encomenda, entrando, de pronto, no uso da medicina receitada. À medida, porém, que tomava o chá, sentia efeitos exatamente opostos àquele que esperava: uma vontade doida de chorar, de berrar, de bo-dejar lamentosamente, e, sobretudo, um desejo irresistível de fugir às mulheres. No fim de um mês, a situação do enfêrmo era, mesmo, desesperadora: magro, nervoso, espumando pelo canto da bôca, passava as noites na rua, encostando-se às paredes, às árvores, às pedras das estradas, nas proximidades do pôrto, do mercado e do quartel, e em estado tal de desmoralização que os amigos, penalizados com a sua infelicidade, tiveram de mandá-lo internar, com recomendações especiais do Dr. Ferreira Chaves, então governador do Estado, em uma casa de saúde de Pernambuco!

Êsse desfecho de uma vida honrada e laboriosa impressionou, como era natural, o meio em que vivia o conhecido negociante. Quem, entretanto, mais pensava naquele infortúnio era o seu compadre Ferreira, autor da receita. Preocupado com o caso, e sem encontrar para êle uma explicação aceitável, ia o velho tabelião um dia pela praça do mercado quando sentiu, de repente, uma pancada no ombro. Era o Antônio Severo, de Currais Novos, que havia chegado na-

quele dia com uma partida de couros. A figura do sertanejo avivou-lhe, naquele momento, uma lembrança; e como esta fosse teimosa, forte, renitente, o velho Ferreira não se conteve, e indagou:

— Diga-me uma cousa, Severo: o coronel Araújo não lhe fez, quando você esteve aquí da última vez, uma encomenda de barba de bode?

— Fez, sim, senhor; e eu mandei, logo que cheguei lá.

— E você tem certeza de que era, mesmo, barba de bode?

Ante essa insistência, o matuto sorriu, cuspiu longe, por entre os dentes, e, com a sua vozinha de ingênuo e de esperto, confessou:

— Home, “seu” capitão, garantir eu não garanto. O coroné me encomendou, é verdade, dez quilos de barba de bode. Mas porém, onde eu ia achar bode pra tanta barba? E como pensei que desse tudo na mesma cousa, mandei mesmo de cabra.

C

O TRIUNFADOR

O ano de 1940 decorre tranquilo e próspero na cidade do Rio de Janeiro. As festas do Centenário, celebradas em 1922, legaram à metrópole dos cariocas uma grande série de melhoramentos, que a tornaram a capital mais formosa do mundo. A Avenida da Independência, aberta entre o cais e o antigo Campo de Santana, fulge ao sol, soberba e larga, com os seus prédios monumentais, de doze a vinte andares. Inaugurados, há quinze anos, os carros elétricos da Empresa Aérea de Transportes atravessam o espaço em todas as direções, indo, em poucos minutos, do alto da Gávea à fortaleza de Santa Cruz, à semelhança de insetos monstruosos que voassem, rápidos, ligados pelas antenas a invisíveis fios de arame. Das estações do Pão de Açúcar, do Corcovado, de Santa Teresa, da Babilônia, levantam vôo a todo instante aerobus enormes, que fazem o serviço para Petrópolis, para Teresópolis, para Friburgo, para Minas, para São Paulo e para às ilhas, de bordo dos quais se agitam lenços esvoaçantes, de pessoas que se

despedem, saudosas, de parentes ou amigos que lhes dizem adeus no terraço dos grandes edifícios.

Em baixo, na Avenida da Independência, a estátua de Epitácio Pessoa, faísca, monumental. Vendedores de jornais, montando pequenos veículos de duas rodas, apregoam, alto, as novidades do dia, entre as quais avulta a notícia de que o Lloyd, nesse ano, não deu "deficit". As ruas, as praças, as avenidas, e o próprio espaço, fervilham de passeantes e de veículos, quando uma guarda civil do serviço aéreo anuncia, pelo telefone sem fio, a aproximação de um aeroplano exquisito e de marcha retardada, que procede do Sul.

Afixados os cartazes elétricos no alto dos morros, os transeúntes elegantes retiram os binóculos da cintura, afixam-nos na direção indicada, esperando o viajante desconhecido. Será um selenita, um dos misteriosos habitantes da Lua? Será um emissário de Marte? Nariz para o ar, chapéu na mão, os cariocas acompanham a marcha do gafanhoto de aço, que desce, aos poucos, trepidando e zumbindo, até pousar, em frente ao Clube Revolucionário Maurício de Lacerda, na praça Carlos Sampaio, onde era antigamente o morro do Castelo. Curiosa, a população precipita-se, correndo e voando, naquele rumo, para ver o recém-chegado, que salta com dificuldade do seu

aparêlho. É um ancião alto, magro, de cabeça alva, com barba de neve que lhe desce, abundante, até o estômago.

Admirado, olha êle para um lado e outro, como a perguntar-se a si mesmo se não terá errado o caminho, quando um cavalheiro idoso o encara, e recúa. E um grito de entusiasmo estruge, reboa, troveja, abalando a cidade.

— De Lamare! De Lamare!

É De Lamare que regressa, vitorioso, do raide a Buenos-Aires!...

CI

A CORNUCÓPIA

O Gabrielzinho havia regressado da rua intrigadíssimo com aquela novidade. Por que motivo, realmente, a prosperidade havia de ser simbolizada sempre por um chifre repleto de moedas, que uma mulher despejava de cima, com o sorriso nos lábios? Que significaria aquele anúncio ber-rante da casa de loterias, no qual se via a Fortuna a derramar o ouro da sua cornucó-pia sôbre a cabeça irrequieta dos homens? Ingênuo, puro, infantil, o seu primeiro cui-dado, ao chegar em casa, foi perguntar ao velho Gabriel:

— Papai, por que é que a Fortuna é re-presentada, sempre, com um chifre na mão?

O honrado comerciante coçou a calva, atrapalhado, mas D. Lavínia o tirou da dificuldade, insistindo:

— Responda, Gabriel! Você não tem lá dentro um livrinho que trata dessas cou-sas? Essa figura, como êle diz, representa, mesmo, a Fortuna. Se você duvida, veja o livro.

— É verdade! — exclamou o velho. — Aquele livro deve dar.

E, indo buscar um volume, pequeno, miúdo, edição popular, do “Dicionário da Fábula”, de Chompré, tradução portuguesa, leu, alto, à pagina 165:

— “FORTUNA —, deusa que preside ao bem e ao mal”.

— Não é aquí, — acrescentou.

Folheou para trás, e tornou a ler, à página 4:

— “ABUNDÂNCIA — divindade alegórica que se representa na figura de uma donzela no meio de todo o gênero de bens, grossa de carnes, com vivas côres, e tendo na mão um corno cheio de flôres e frutos. Dizem ser filha de Acheres ou da cabra Amaltéia”.

Folheou para a frente, e continuou, à página 31:

— “AMALTÉIA — É o nome da cabra que deu leite a Júpiter. Em reconhecimento dêste bom serviço, êle a colocou, com dois cabritos, seus filhos, no céu, e deu um dos seus cornos às ninfas que cuidaram dêle desde a sua infância, com a virtude de produzir quanto elas apetessem. Chamava-se-lhe o “Corno da Abundância”.

Terminada a leitura, D. Lavínia observou, teimosa:

— Então, é ou não é?

— O que? — indagaram, ao mesmo tempo o pai e o filho.

— O chifre, nas mãos de uma mulher, é, ou não é, o símbolo da Fortuna?

Os dois calaram-se, e D. Lavínia continuou, ingênua, na sua honestidade:

— Eu, que digo, é porque sei.

E, simples, boa, cândida na sua virtude, recomeçando o seu “croché”:

— Eu estou cansada de dizer a teu pai...

CII

O MILAGRE DE S. BENEDITO

O corpo da pobre lavadeira Maria Jovita havia sido levado, na véspera, para o cemitério, por um carro mortuário da Santa Casa, deixando alí, naquela situação aflitiva, aquela pretinha de cinco anos, herdeira triste, e inocente, da sua côr e do seu destino. Atirada para o corredor do casarão, a pequenita passara uma noite encostada à parede, agasalhando-se como lhe era possível nos farrapos da camisinha de riscado grosseiro; uma vizinha de quarto condoeu-se, porém, da sua sorte, sendo a pretinha recolhida, então, por misericórdia, como um cão sem préstimo que se apanhasse piedosamente da rua.

Dois dias após a sua orfandade, era o dia dos mortos, como o de hoje. E como toda a gente, na casa de cômodos, se encaminhasse para o cemitério, em visita aos seus defuntos não esquecidos, a pequenita Carlota acompanhou-os, ferindo os pés descalços no pedreiro do calçamento, e recebendo na carapinha descoberta, enroscada no couro da cabeça, toda a inclemência daquele

horrível sol de verão. Chegada ao cemitério, perguntou a negrinha, medrosa:

— Onde está minha mãe?

As pessoas que tinham ido ao entêrro da Maria Jovita indicaram-lhe um monte de terra fresca, molhada ainda, à cabeceira da qual a pequena se ajoelhou, juntando, numa prece fervente, os dois carvõezinhos das mãos. E estava ela sòzinha, nessa postura, no silêncio daquela quadra abandonada, destinada aos humildes, aos desamparados, aos náufragos da vida e da morte, quando ouviu uma voz, que a chamava:

— Carlotinha?

A pretinha voltou-se, espantada, e sorriu, enxugando os olhos úmidos com as costas das mãozinhas encarvoadas: atrás dela, sorrindo-lhe com bondade, com doçura, com meiguice, estava, em ponto grande, do tamanho de uma pessoa, com a mesma côr, a mesma auréola, e o mesmo burel, a imagem do senhor São Benedito, que sua mãe, quando viva, possuía no quarto, no oratório de uma pequena caixa de papelão!

— Meu São Benedito!... — gemeu a pequena, atirando-se ao solo, e beijando-lhe, comovida, a fímbria do manto escuro.

E ia juntar as mãos para rezar, quando o santo lhe ordenou, paternal:

— Carlotinha, junta estas pedras.

A pretinha arrepanhou quanto pôde as pontas do vestidinho rôto, e pôs-se a apa-

nhar, um por um, os seixos miúdos que havia pelo chão, entre as sepulturas sem nome. E assim que enchia o regaço, despejava os calhaus, a mandado do santo, sôbre o monte de terra que assinalava, naquele oceano de túmulos, o lugar em que sua pobre mãe dormia para sempre.

De repente, cansadinha já daquela faina, a pretinha ouviu chamar, de longe, pelo seu nome:

— Carlota?

E como não respondesse, de fatigada, as pessoas da casa de cômodos foram à sua procura, até que, encontrando-a, recuaram, maravilhadas.

Diante da pretinha, que orava, de joelhos, a sepultura rasa de Maria Jovita, um simples cômodo de areia, desaparecia, toda ela, sob um monte de rosas!

CIII

O LEILÃO

— Um conto e duzentos! Um conto e duzentos! Dou um conto e duzentos!

Foi ao som dêsse prêgão intempestivo que o Dr. Alfredo Camilo despertou, alta madrugada, na sua cama de casal, na alcova suavemente iluminada por uma pequenina lâmpada de cabeceira. Espantado, o illustre médico voltou-se no leito, e percebeu que era a sua jovem espôsa, a formosíssima Dona Belita, que insistia, no meio de um sono agitado:

— Um conto e duzentos! Um conto e duzentos! Dou um conto e duzentos!

Sentando-se na cama, o Dr. Alfredo bateu no ombro nú da espôsa, sacudindo-a, com fôrça.

— Belitinha! Belitinha! Que é isso? Que é que tens? Acorda!

— Hein? Hein? Que é? Que é que tem? — exclamou a moça, despertando, espantada, esfregando os olhos com as mãos.

— Estás com pesadelo? — indagou o marido.

— Não; era um sonho... Por que?

— Estavas para aí fazendo leilão...

— Ahn! — exclamou a linda senhora, espreguiçando-se. — Uma extravagância... uma tolice...

— Conta! Quero saber o que era! — pediu o espôso, enciumado.

— Não vale a pena, Alfredo!

— Conta! — exigiu o Otelo.

D. Belita agasalhada a cabecita de ouro no peito do marido, começou a narrar, de olhos fechados:

— Eu sonhei que me achava em um mercado, não sei em que cidade, nem em que país, onde estavam fazendo um leilão de homens, para maridos, os quais eram disputados por centenas de mulheres. De repente, depois de várias arrematações, levaram um rapagão alto, forte, formoso, uma verdadeira beleza, que encantou, logo, todas as pretendentes. Ao vê-lo, a Luizinha, mulher do Alonso, que também estava presente, lançou duzentos mil réis. Eu lancei trezentos. Abigail ofereceu quinhentos. Eu cobrí o lance com oitocentos, e estava oferecendo um conto e duzentos quando tu me despertaste.

Com os olhos presos na cabeça da espôsa, o Dr. Alfredo ouvia, em silêncio, essa história, quando, chegada a narração ao fim, protestou, revoltado:

— Sim, senhora! Uma senhora honesta, e casada, a ter sonhos dêstes!...

Não convindo, porém, brigar àquela hora, por um simples sonho, um mero fenómeno da imaginação, procurou consolar-se, indagando:

— E eu, não estava lá, não?

— Você? não vi.

— Mas, se eu estivesse lá, as mulheres dariam uma fortuna... Não?

D. Belita sorriu, e, esfregando os olhos:

— Você?

E com desprezo, rindo:

— Como você havia lá às dúzias, a cinquenta mil réis, e ninguém queria!

E virou-se para o outro lado, roncando.

CIV

LÂMPADAS E VENTILADORES

— A resistência física da mulher, sr. conselheiro, — dizia-me, uma destas tardes, saboreando voluptuosamente o seu sorvete de melão, o meu velho amigo o conselheiro Abelardo de Brito, — a resistência física da mulher é um fenômeno que merece a atenção dos fisiologistas e, principalmente, dos psicólogos. O poder da vontade é, nelas, maravilhoso, extraordinário, formidável. Senão, observe. Há um baile na sua casa, ao qual concorrem dezenas de moças. Com o entusiasmo que lhes empresta a alegria, essas encantadoras criaturas dansam, seguidamente, continuamente, valsa sôbre valsa, polca sôbre polca, mazurca sôbre mazurca, ou, como hoje acontece, *ragtime* sôbre *ragtime*, *fox trot* sôbre *fox trot*, tango sôbre tango, maxixe sôbre maxixe.

— Perdão! — interrompí. — Em minha casa não se dansaria isso!

— Eu sei! eu sei! — tornou o antigo magistrado, batucando a colherinha no fundo da taça, para dissolver o sorvete. — Eu sei disso. É uma simples comparação!

E continuou:

— Na festa, enquanto se dança, ninguém se fatiga. As moças rodopiam, correm, pulam, divertem-se com alarido, sem atentarem para as horas, que se passam. Às três da manhã estão ainda tão lépidas, tão dispostas, como no momento em que entraram. E assim continuam, pela festa adiante. De repente, dá-se o baile por terminado. A música retira-se, começam as despedidas, aproximam-se, buzinando, os “landaulets” dos convidados. E é uma calamidade: as moças, que, dois minutos antes, dansavam, riam, pulavam, mal podem, agora, dar um passo! Estão todas cansadas, fatigadas, com os pés rebentados, de modo a ser necessário levá-las, uma a uma, pelo braço, para dentro dos automóveis! . . .

A tarde estava quente, abafada, ameaçando tempestade. Na sala da sorveteria onde tomávamos chá, os ventiladores ronravam, como gatos, refrescando o ambiente. Lufadas ardentes, fortes, brutais, varreram, lá fora, o asfalto da Avenida. O céu escureceu, de repente, e um trovão estalou, rolando pelo céu. Nesse momento, as lâmpadas do salão, abertas àquela hora, apagaram-se todas, ao mesmo tempo que, dependendo da mesma corrente elétrica, os ventiladores foram, pouco a pouco, diminuindo a marcha, até pararem, de todo, como aves que acabam de chegar de um grande vôo.

Estranhando aquela interrupção, ao mesmo tempo, da luz, e dos aparelhos, o meu venerando amigo levantou a cabeça venerável, e sentenciou, apontando o teto:

— As moças, meu velho, são assim. Apaguem as luzes do salão em que rodopiaram sem descanso, e elas se sentirão, em seguida, como êsses ventiladores, cansadas, exaustas, quasi mortas!

Lá fora, no ar pesado, um novo trovão estalou. E a chuva caiu, graúda, como grãos de milho, tamborilando descompassadamente no chão.

MILITARISMO

O militar por menos apegado que seja às cousas da sua profissão, acaba necessariamente se habituando com elas, identificando-se com o quartel. A influênciã das armas é tamanha, naqueles que a elas se votam, que se reconhecem na rua, ao menor golpe de vista, mesmo quando vestido à paisana, o tenente, o capitão, o major, o coronel. Ao ver, na via pública, um oficial do Exército envergando um jaquetão ou um fraque, a impressã que se tem é de que falta alguma cousa à sua elegância. Por mais correto que êle esteja nas suas roupas apuradas, lembra-nos, sempre, um tigre metido na pele de um urso, ou um leão enfiado, por modéstia, no couro de um elefante.

E essa tirania da farda não se mostra de modo menos acentuado na fisionomia moral das suas vítimas. Absorvido pelo seu pensamento de glória, o soldado revela-se em toda parte, em todas as circunstâncias: no calor das palestras, na energia da vontade, na severidade da vida, na intransigência das atitudes, na disciplina do porte, e, até,

às vezes, no emprêgo do vocabulário a que procura dar, aquí fora, as mesmas applicões. O caso do tenente Panfílio Godofredo de Medeiros é uma demonstração pública e policial dessa verdade.

Militar garboso, bravo, decidido, o tenente Panfílio utilizava os dias de serenidade da pátria passeando elegantemente na Avenida, quando viu, uma tarde, em certa casa de chá, uma criatura que lhe fez acordar, tocando alvorada, todos os clarins do coração. Ousado e robusto, pôs-se, logo, em atividade, e de tal modo que, no dia seguinte, sabia já o suficiente para um vigoroso ataque aos muros da fortaleza: a dama era casada, morava à rua Voluntários da Pátria, em uma casa de portão de ferro, o qual só se abria com ordem especial do marido.

Informado de tudo isso, o tenente appareceu, no dia seguinte, diante do palacete, e espremeu, comovido, o tumor sonoro da campainha. O silêncio era absoluto na casa, e ninguém atendeu. Duas, três, quatro vezes repetiu êle o sinal, mas inútilmente. E batia, já, em retirada, quando ouviu um chocalhar de corrente no portão. Voltou-se e viu: era o jardineiro que abria a grade para dar passagem ao dono da casa, passando, de novo, a corrente do cadeado.

Atordoado pelo seu pensamento de aventura, e, não menos, pela consciência da sua superioridade de militar, o oficial não

teve dúvida: parou, deu meia volta, e marchou, firme, no rumo do cavalheiro que saíra da casa. Estacaram, pálidos, um diante do outro.

— Que deseja o senhor? — bradou, com a alma nos olhos, o marido da moça.

Mão no revólver, disfarçando a tempestade do coração, o tenente rugiu, apenas, sêco:

— A senha.

E atracaram-se.

CVI

APÓLOGO SERTANEJO

Viúvo da Razão, que havia morrido no hospício, abandonou o Coração, um dia, a sua fazenda no interior do país, trazendo para uma grande cidade do litoral, em sua companhia, afim de esquecerem o golpe recente, os seus filhos e filhas. Estes eram, ao todo, nove, sendo três homens — o Amor, o Pudor e o Orgulho, e seis mulheres — a Fé, a Esperança, a Amizade, a Coragem, a Caridade e a Hipocrisia.

Chefe de família descuidado, o Coração esqueceu-se, na cidade, de fechar sòlidamente as portas da casa, exercendo sôbre os filhos uma vigilância constante e rigorosa. Jovens e ambiciosos, era possível que os rapazes, e, mesmo, as raparigas, gostassem de divertir-se, de passear, de esparecer. E o resultado dessa liberalidade paterna foi imediato: os filhos e filhas passavam a noite fora de casa, atentando contra os bons costumes, com grande escândalo do ancião, que nunca pensara, em sua vida, em semelhante vergonha para sua velhice.

Horrorizado com tudo aquilo, resolveu o velho remediar o mal, regressando, com a

família, para as suas propriedades, no alto sertão. E na hora da partida, reuniu os filhos, chamando-os, um por um:

— Esperança?

— Pronto! — respondeu a moça.

— Coragem?

— Presente!

— Amor?

— Presente!

E assim chamou, obtendo resposta, e metendo-os no trem, a Fé, a Amizade, a Caridade e o Pudor. Chegada, porém, a vez dos dois mais velhos gritou:

— Orgulho?

Ninguém respondeu.

— Hipocrisia?

O mesmo silêncio. Aflito, o pobre pai procurou-os em tôrno, chamando-os aos gritos. E foi de balde. Nesse instante, o trem apitou, anunciando a saída. O ancião correu, e tomou o carro.

Momentos depois o trem partia, levando para o interior do país a Esperança, a Amizade, o Amor, a Coragem, a Fé, a Caridade e o Pudor, e deixando na cidade, apenas, o Orgulho e a Hipocrisia.

CVII

AS GARRAFAS

D. Eleonora havia mandado chamar o seu primo, o Dr. Alfredo Bonifácio, para uma consulta íntima, sôbre diversos remédios que lhe haviam recomendado, quando abriram inesperadamente o portão da casa.

— É o Augusto! — exclamou, horrorizada, a pobre senhora, apanhando com o pente os lindos cabelos em desordem.

E torcendo as mãos, aflita, a andar de um lado para outro na sala de jantar:

— Minha Nossa Senhora! que horror! que eu hei de fazer, meu Deus!...

E ia, já, nos extremos da aflição, da angústia, do despêro, quando, abrindo a porta que comunicava aquele compartimento com a cozinha, teve uma idéia providencial:

— Esconde-te ali, Alfredo! Depressa! anda! anda!

E empurrou o primo, com o chapéu na mão, para dentro da despensa completamente às escuras.

O velho magistrado não era, felizmente, homem de grande perspicácia, dêsses que adivinham a passagem de estranhos por

obra e graça do indício mais simples. Casado em segundas núpcias, confiava na mulher como confiava no Código. E enganando-se, tanto com o Código como com a mulher, foi com a alma tranquila, calma, satisfeita, que penetrou em casa, naquela noite, após uma palestra sisuda na residência do presidente do Tribunal.

Aberta a porta, o ilustre chefe de família entrou, e, pendurando a cartola na chapeleira, sentou-se, grave, à mesa do chá, ao lado da espôsa carinhosa. E ia contar-lhe a sua conversa com o outro sacerdote da Justiça, quando ouviu um barulho de garrafas na despensa.

— Que é isso? — Ouviste, Eleonora? — exclamou, assustado.

A mulher empalideceu, e ia, talvez, comprometer-se com uma denúncia, quando o velho, ouvindo de novo o barulho, se levantou de repente, encaminhando-se, firme, para a porta da despensa.

— Quem está aí? — gritou o magistrado, com o terror na garganta.

Na despensa escura, semeada de garrafas de cerveja e águas minerais, a situação do Dr. Bonifácio era delicadíssima. De pé, no meio do compartimento, não podia, sequer, mexer-se. Cada passo que aventurava, era um desastre, uma calamidade, que ia despertar, fora, com um rumor de vidros partidos, a atenção do dono da casa. Ao

terceiro barulho, o velho tornou, severo, com o revólver em punho:

— Quem está aí?

E estava, já, resolvido a conformar-se com o silêncio das vezes anteriores, quando uma voz surda, cava, soturna, respondeu, de dentro:

— São as garrafas...

Satisfeito com a descoberta, o magistrado embolsou o revólver, e voltou, sereno, a tomar o seu chá.

CVIII

PELE CURTA

Dize-me como dormes que eu te direi os pecados que tens. É durante o sono, realmente, que a consciência se revela. O sono agitado, aflito, repassado de gemidos e roncos, denuncia sempre uma alma atribulada, um espírito perseguido de cuidados, um coração atormentado pela consciência. A consciência tranquila, dorme com o corpo, irmanados num grande sossêgo reparador.

As mulheres que se revoltam contra os maridos que roncam alto, não cometem, portanto, com isso, uma injustiça. Um escritor já disse, uma vez, que a garganta de um espôso, era, às vezes, a trombeta de Jericó, diante da qual ruíam todas as ilusões da mulher. E a afirmação era justa, porque é durante o sono que, adormecida a tirania da vontade, o homem se manifesta, sonoramente, com todos os defeitos dissimulados durante o dia.

Há, entretanto, casos patológicos, que, embora não justifiquem uma alteração do critério geral, servem, contudo, para ilustrar, com uma variante curiosa, um capítulo sôbre a matéria.

A fazenda de Santa Justina, no município de Maricá, estava entregue, já, ao primeiro sono compensador, quando bateram à porta do casebre do Antônio Luiz, único, naquelas alturas, que ainda coava a luz da candeia pelos interstícios das paredes, das janelas e dos portais.

— Quem é? — gritou, de dentro, aborrecido, o dono da casa, juntando, com os dedos úmidos de saliva, as cartas de um baralho espalhadas sôbre a madeira de um tamborete.

— Sou eu! — respondeu, de fora, uma voz desconhecida no lugar.

Aberta a porta, o Benedito Gamela, que ia de viagem, explicou o seu desejo: queria pousada por uma noite, afim de alcançar, no dia seguinte, a fazenda do Atoleiro, onde ia trabalhar na apanha de café.

— Você não tem, por aí, alguma moléstia pegadeira? — indagou o Antônio Luiz, desconfiado.

— Eu? D'aonde, minha Nossa Senhora? Eu nunca tive moléstia na minha vida. A doença que tenho, desde pequeno, nunca fez mal a ninguém, graças a Deus.

— Que moléstia é essa?

— A minha? Eu sofro de pele curta.

Não querendo, porém, mostrar-se desconhecedor de certas novidades da medicina, Antônio Luiz não insistiu: acendeu uma lamparina, foi ao compartimento próximo,

desenrolou no chão uma esteira de palha, e, concluído tudo, convidou:

— Entre para cá. A casa é sua.

E encostando a porta, deitou-se na sala próxima.

Dez minutos não se tinham passado ainda quando o dono da casa deu um pulo, sobressaltado: do quarto do hóspede, onde a lamparina bruxoleava, desenhando visagens na parede, subia um rugido de tempestade, que abalava o aposento.

— Camarada!... Camarada!... — chamou o Antônio Luiz, empurrando a porta. — Que é isso? Você está morrendo?

— Hein?... Hein?... — acordou o caboclo, em sobressalto. — O que é?... O que é?...

— Você está roncando como um trovão. Que é isso?

— É “pele curta”, homem. Eu não disse a você? — informou o Benedito, estremunhado.

O outro não compreendeu, e êle explicou:

— A minha moléstia é essa: quando eu fecho os olhos, abro a bôca. É por isso!

E, estirando-se na esteira, desandou, de novo, a roncar.

CIX

MALITIA SEXUS

Não obstante as teorias espalhadas pelos moralistas modernos, a virtude máxima da mulher será, sempre, o pudor. Afirmem embora que êste não é um aliado permanente da inocência, argumentando, para isso, com as crianças e os selvagens; eu continuarei a considerá-lo a flôr mais mimosa da castidade e a atribuir à sua ausência a maior parte dos venenos que dissolvem a sociedade e a família. Aos meus olhos, o pudor está para a honestidade como o fumo está para o fogo. Compreender honestidade sem pudor seria admitir fogo sem fumo.

Essa convicção não é, entretanto, privilégio meu; e não foi sem alegria que li há dias, em uma revista européia, a solidariedade de um eminente magistrado francês, patenteada em uma lição oportuna, e rigorosa, a algumas dúzias de senhoras parisienses.

Em um dos tribunais de París debatia-se, em uma das últimas sessões do ano último, um processo escandaloso, cujas peças documentais, que deviam ser lidas e mostra-

das, atentavam, de modo clamoroso, contra a pudicícia das damas que enchiam, naquele momento, a sala do tribunal. Constrangido ante aquele público feminino, o velho magistrado que presidia a sessão fez tilintar o tímpano, pedindo atenção. Feito silêncio, o juiz avisou:

— É dever meu, como magistrado e chefe de família, comunicar às damas presentes neste recinto que vão ser exibidos, aquí, alguns documentos do processo capazes de ferir as susceptibilidades femininas. Nessas condições, eu peço, pois, às senhoras pundonorosas, que se afastem da sala, de modo que os interessados possam discutir essas provas sem constrangimento.

A êsse aviso, as sessenta ou setenta senhoras presentes no tribunal entreolharam-se, consultando-se tácitamente. De tantas, porém, duas, apenas, se levantaram, retirando-se, deixando-se ficar as demais nos seus respectivos lugares.

Ao fim de dois minutos, o juiz indagou, alto:

— Nenhuma das senhoras que se deixaram ficar sentadas se mostrarão escandalizadas com as peças repugnantes que vão ser exibidas?

Silêncio geral.

Ante essa resposta muda, o magistrado enrubesceu, revoltado com aquele espetá-

culo de despudor, e, virando-se para o comandante da fôrça, ordenou:

— Chefe da guarda, mande pôr fora da sala o resto das senhoras!

E a guarda cumpriu a ordem.

MME. LONDON BANK

Contam as crônicas do Império Romano que Mitridates, o famoso rei do Ponto, que enfrentou as hostes de Cila, de Pompeu e de Luculo, apanhou, um dia, de surpresa, um general inimigo, e, para matar-lhe a fome de riquezas, fez-lhe derramar pela garganta uma panela de ouro derretido. Incompletos nas suas informações, os historiadores antigos não dizem, de modo claro, como ficou a bôca da vítima; a impressão que eu tenho, em seguida a essas leituras, é, porém, que o general se tornou, com isso, o grande antepassado de certas senhoras e cavalheiros do nosso tempo, e que eu encontro diàriamente na cidade, os quais transformaram a bôca em Caixa de Conversão, depositando aí em obstruções dispendiosíssimas, grande parte da sua fortuna.

Felizmente, há, entre as senhoras, espíritos esclarecidos, que movem, contra êsse abuso, uma campanha infatigável. Ainda ontem, uma destas beneméritas, D. Clara de Souza Castelo, que me fôra apresentada pelo sr. Dr. Afrânio Peixoto, me informava, preocupadíssima :

— Esta moda das dentaduras de ouro está se desenvolvendo, sr. conselheiro, como o senhor não imagina.

E após uma dúzia de nomes próprios, aludindo a pessoas notabilizadas por êsse mau gôsto, assinalou, penalizada, uma illustre dama atualmente em Petrópolis, cuja bôca é considerada, alí, pela quantidade de ouro que encerra, uma verdadeira sucursal dos cofres do London Bank.

— E não é só a falta de gôsto, senhor conselheiro — acentuava a minha curiosa conhecida da véspera. — O pior de tudo é o perigo a que está exposta uma criatura nessas condições. O senhor não conhece o caso de D. Laurentina, mulher do Dr. Filomeno Miranda?

A minha resposta foi, como era natural, negativa, e ela contou:

— D. Laurentina tem, como o senhor sabe, uma grande fortuna, herdada do pai. Aos vinte e cinco anos, os seus dentes começaram a estragar-se, e ela, que possuía dinheiro, mandou obturá-los a ouro. E de tal maneira procedeu que, hoje, possui a bôca inteiramente dourada! Quando ela fala, e os lábios se lhe descerram, é um deslumbramento, um luxo de ouro, que se tem a impressão de que se abriu, de repente, a porta grande da igreja da Candelária!

Eu tossi, estranhando a imagem, e Dona Clara continuou:

— O pior, porém, era o que lhe ia sucedendo. Imagine o senhor que, uma destas noites, ao regressar de uma visita, o Dr. Filomeno percebeu que havia ladrão na casa. Corajoso, hábil, experiente, empunhou êle o revólver, chamou os criados, e começou a percorrer o palacete. No quarto de dormir, o jardineiro abaixou-se, e olhou para debaixo da cama. E deu um grito, de horror e de alarma. O ladrão estava lá, debaixo do leito, escondido!

Por essa altura, D. Clara tomou fôlego, e reatou:

— Arrancado, à fôrça, do esconderijo, pelo pulso dos criados, o miserável não negou o crime premeditado. Estava alí para roubar a fortuna da dona da casa!

— E estava armado? — indaguei, aflito.

— Estava, sr. conselheiro, estava, — acudiu a minha informante.

E, olhando para um lado e outro, soprou-me, perversa, ao ouvido:

— Levava... um boticão!...

E soltou uma gargalhada sonora, demorada, reboante, dessas que sômente sabem dar, na terra, as mulheres de dentes bonitos.

CXI

EFEITOS DO TANINO

Preocupado com a mocidade da sua linda companheira e temendo, ao mesmo tempo, a decadência de tão maravilhosa formosura, principalmente daquele admirável colo de neve, que era o seu orgulho e que ela mostrava, contente, até aonde lhe era possível mostrar, o coronel Epifânio Fontenele procurou, uma tarde, a proprietária de um famoso Instituto de Beleza, e expôs claramente o seu caso. A Circe francesa ouviu-lhe a narrativa, compreendeu-lhe os temores, percebeu-lhe as apreensões, e, com um sorriso nos lábios, artificialmente vermelhos, tranquilizou-o:

— Pode ficar tranquilo, coronel. O preparado que possuímos para conservar a graça do busto, a mocidade da pele, enfim, a beleza do colo, é infalível. É uma loção adstringente, de efeito seguro e poderoso, que tem realizado verdadeiros milagres. Basta dizer que entram nela, em dose elevadíssima, a pedra-ume, a casca de romã, a fôlha de carvalho, a casca de manga, enfim, todas as substâncias taninosas, que fa-

zem contrair e fortalecer a epiderme, conservando-lhe a juventude.

E retirando um vidro da prateleira :

— O senhor leva um vidro, e recomende a madame que o use todos os dias. Toma-se de um pouco de algodão delicado, molha-se no líquido, e umedece-se com êle a pele do colo, principalmente o seio, cuja rijeza é preciso conservar. Deixa-se secar o líquido na pele, põe-se uma ligeira camada de pó de arroz, e está feito o remédio, e, com êle, a *toilette* do dia.

Balançando a cabeça a cada informação, o coronel mostrou haver entendido bem, pediu dois vidros da loção, pagou-os, recebeu-os, e tocou-se para casa, onde os entregou à encantadora dona Inezinha, a quem transmitiu, palavra por palavra, todas as explicações.

No dia seguinte, à tarde, usado o líquido de acôrdo com as instruções do marido, e enfiado o seu vestido de decote mais longo e mais frouxo, desceu a linda senhora, sem colête, afim de patentear melhor a graça do busto deslumbrante, para a sala de visitas, onde já se havia feito anunciar, como um dos amigos mais frequentes da casa, o jovem engenheiro militar dr. Epaminondas Rufino.

Pausado, meticoloso, disciplinado em tudo, o coronel demorou-se ainda nos seus aposentos, vestindo-se para jantar. Meia

hora depois, ouviam-se os seus passos na escada, e, logo, em seguida, a sua entrada no salão, onde madame sorriu, discreta, contando uma história qualquer ao capitão Epaminondas.

— Então, como vai essa bravura? — bradou, jovial, o velho coronel, estendendo a grande mão gloriosa, para apertar a do amigo.

O engenheiro ia responder no mesmo tom, mas, de repente, contraiu o rosto, empalideceu, e continuou mudo.

— Que é isto? Está se sentindo mal? — tornou o coronel apreensivo.

O capitão fez um novo esforço, com os músculos de todo o rosto, procurando des-cerrar os lábios apertados, contraídos num espasmo da mucosa, e, com uma dificuldade horrível, quasi com a bôca cerrada, respondeu, apenas, num sibilo, com a língua presa, dura, paralisada pelo tanino:

— Nun... tãoho... nada!

E ganhou a rua.

CXII

ZURTZ

Quando o professor Krause esteve no Rio de Janeiro, em 1920, falou-nos, a mim e ao seu colega dr. Fernando de Magalhães, em uma descoberta que estava revolucionando a fisiologia nas vésperas da sua partida da Alemanha. Tratava-se de uma comunicação feita à Academia de Ciências Médicas, de Berlim, pelo professor Zurtz, de Munique, o qual havia conseguido uma fórmula miraculosa para aumentar o crescimento do cabelo. O poder dêsse preparado era tão prodigioso que, posto pela manhã, o aumento constatado à tarde era de, pelo menos, meia polegada. Um dêstes dias, ia eu pela Avenida, quando encontrei, com grande alegria de coração e de espírito, o ilustre diretor da Maternidade, que me foi, logo, perguntando:

— Conselheiro, lembra-se daquela descoberta de que nos falou o professor Krause?

— Qual?

— A do professor Zurtz.

Eu fiz um esforço de memória, remexi, com os dedos no pensamento, no escaninho

cerebral das minhas lembranças, e respondi afirmativamente.

— Pois, aquilo, — continuou o dr. Fernando, — é um fato. As revistas francesas, italianas, alemãs e inglesas que ultimamente recebi, falam, já, no prodígio.

— Deveras?

— É verdade. E com uma circunstância mais: aperfeiçoando o seu invento, o professor Zurtz conseguiu três modalidades do mesmo preparado, com diversas aplicações. A primeira serve unicamente para o cabelo, o qual pode crescer, com êle, dez centímetros por dia. A segunda é de aplicação zootécnica: faz crescer em poucas horas, com vantagem para a indústria, a lã dos carneiros. E a terceira, destinada à pecuária, faz nascer, com rapidez, os chifres aos bois, aos cordeiros, às cabras e a outros animais que os tenham atrofiados. A esse preparado deu o inventor o seu próprio nome, com diversas numerações: n. 1, n. 2, e n. 3, como os produtos químicos de Mme. Selda Potocka.

Nesse momento, um cavalheiro alto, magro, calvo, que estava perto, aproximou-se de nós, e, pedindo licença, indagou, respeitoso:

— Os senhores acreditam nisso?

O dr. Fernando olhou-o de alto a baixo, e confirmou.

— Pois, eu, — tornou o desconhecido, — sou uma prova da ineficácia dêsse remédio. Calvo, há muitos anos, mandei buscá-lo, usei-o, e veja!

E descobriu o crânio irregular, pelado como um ovo.

O dr. Magalhães escorregou os olhos pela cabeça do homem, franziu a testa, mordendo o dedo, com aborrecimento. E, ao fim de um minuto, pediu:

— Diga-me uma cousa.

O indivíduo fitou-o.

— O senhor não tomou errado?

O careca desapareceu.

CXIII

A CHUVA LUMINOSA

— Maravilhoso colar êste seu, senhora viscondessa; é pena que dê, aos meus olhos, uma sensação de tragédia, embora de linda tragédia!

As senhoras voltaram-se, todas, para a viscondessa de São Germano, e admiraram. Emergindo do vestido solferino, graciosamente decotado, o seu colo parecia mais alvo do que nunca; e o que realçava ainda mais essa alvura de leite era a graça de um colar de rubís que lhe volteava o pescoço de linhas puríssimas, dando a impressão de um crime sinistro, horrendo, brutal, que lhe fizesse florescer a garganta de neve com um vivo círculo de gotas de sangue.

— É lindo, mesmo! — confirmou o general Tasso Fragoso, assestando na jovem senhora o seu fortíssimo *pince-nez* de míope.

— É um deslumbramento! — asseguraram, ao mesmo tempo, o senador Azere-do e a baronesa de Pereira Alves.

Percebendo, perspicaz, a tortura a que o seu galanteio estava submetendo a beleza

honestas da viscondessa, o almirante Ribas resolveu correr em seu auxílio, arrancando-a daquela deliciosa e, ao mesmo tempo, angustiosa situação. E tentou:

— As pedras preciosas, aliás, foram atiradas à terra para punição e glorificação das mulheres.

As senhoras olharam-no sorridentes, na certeza de mais um conto oriental do velho marinheiro, e êle, compreendendo o que aqueles olhos lhe pediam, começou, acariciando o rosto escanhado e côr de rosa, coroadado por uma fina cabeleira de prata:

— Antes do Dilúvio e do Pecado Original, os astros que ornavam o céu tinham, cada um, a sua côr peculiar. Sírius era verde, como as águas do oceano. Saturno era de um azul pálido, como os olhos da sra. condessa de Souza Furtado. Marte era vermelho como o sangue. Júpiter, de um amarelo vivo. Netuno, roxo, Urano, azul, forte. O Sol, côr de púrpura. E a Lua e Vênus, alvas como a inocência.

— Devia ser lindo o céu! — comentou, encantada, a baronesa.

O general Tasso Fragoso aparteou, erudito, contando que, de Marte, segundo Flammarion, ainda se viam dessas paisagens celestes, e o almirante continuou:

— Resplendente de astros de todas as côres, o céu era, em verdade, um deslumbramento.

Endireitou-se na grande “maple” tauxiada de prata, e contou:

— Uma tarde, vinha o Onipotente por uma das alamedas do Paraíso, quando se lhe deparou um quadro revoltante: abraçados, trêmulos, concientes do próprio crime, Adão e Eva escondiam-se, horrorizados de si mesmos, entre as árvores enormes daqueles primeiros dias da Criação. Compreendendo, na sua sabedoria, o que havia sucedido às duas fragilíssimas criaturas a que pretendera conceder a graça da imortalidade, trovejou o Senhor que êles abandonassem, de pronto, os limites do Éden. Súplices, os réprobos imploraram o perdão, pedindo clemência. A resposta foi, porém, uma ordem severa, brutal, imperiosa, para que o anjo Gabriel manejasse a sua espada de chama. E, enquanto isto acontecia, deus-se, de súbito, o milagre deslumbrante: a um gesto do Senhor, os astros todos começaram a lançar sôbre os perseguidos uma chuva de fogo, como aquela que destruiu, mais tarde, Gomorra e Sodoma, a qual, desfeita em gotas de todas as côres, em pingos luminosos de todas as cambiantes, fustigava, numa apoteose terrível e magnífica, a sublime fraqueza dos dois pecadores!

As senhoras fitavam, mudas e encantadas, o delicioso narrador, e êste continuou:

— Essas gotas de fogo, tombadas na terra poluída pelo pecado, coagularam-se, cristalizaram-se, consolidaram-se.

Firmou as mãos no apôio da “maple” e, fazendo menção de erguer-se, concluiu:

— E apareceram na terra, minhas senhoras, as ametistas, os diamantes, os topázios, as opalas, os berilos, as esmeraldas, as safiras, as turmalinas, os rubís, essas gotas de fogo, em suma, que são, pelo desejo que vos despertam e pelo realce que vos dão à beleza, a vossa glória e o vosso castigo!

E levantou-se, entre palmas.

CXIV

PEDRAS PRECIOSAS

Segurando o almirante pela manga da casaca impecável, a baronesa forçou-o a sentar-se, de novo.

— Não, senhor, não pode ir; tem que contar-nos, agora, a virtude de todas as pedras preciosas exibidas pelas senhoras que aquí se acham.

— Eu? — obtemperou o ilustre marinho, levando a mão clara ao peitilho espelhante da camisa.

— Sim, senhor. É êste o seu castigo.

E imperativa:

— Sente-se!

Generalizada, de novo, a palestra, a viscondessa de São Germano indagou, com sincero interêsse:

— É verdade, almirante: é certo, mesmo, que a ágata é “porte-malheur”?

— É verdade, afirmam isso... — acrescentou Mme. Sampaio Gomes.

O almirante contestou:

— É uma invenção recente, essa, Dona Violeta. Os antigos, pelo menos, não dão

notícia dessa propriedade. Plínio, que a ela se refere longamente, atribue-lhe a virtude de tornar os atletas invencíveis. Os egípcios indicavam-na como infalível contra mordedura das víboras, dizendo-se, mesmo, que as águias a colocavam no ninho para afugentar as serpentes, que lhes perseguiam os filhos.

— E o rubí? — indagou a baronesa.

— O rubí é a pedra dos espíritos esclarecidos. Teofrasto aponta-o como um dos incentivos misteriosos da inteligência, circunstância que a levou, ao que parece, a ser adotada como pedra simbólica dos bacharéis. Outros acreditam que êle preservava contra a peste, contra os venenos, e contra outros perigos da vida. É, mais ou menos, como a esmeralda.

— Como a esmeralda?

— Sim. A esmeralda fortalece, também, a inteligência, e cura, segundo Plutarco, as mordeduras de cobra. Alberto, o Grande, recomendava-a contra a epilepsia, e Cornélio Agripa contra as hemorragias.

Foi por essa altura que a encantadora Dona Ritinha, que até então se limitara a sorrir, fazendo companhia ao contentamento dos outros, aventurou, cândida:

— Mas, há pedras portadoras de desgraças; não há, senhor almirante?

— Dizem que a opala é dêsse número, minha senhora; mas eu não creio.

— Não crê?

E entre a atenção geral:

— Pois, olhe, há dois anos, meu marido ia sendo vítima de uma dessas pedras de mau agouro. Esteve muito mal!

— E que pedra foi essa? Pode-se saber?

A moça não lhe sabia o nome; a baronesa correu, porém, pérfida, em seu auxílio:

— Era o carbúnculo; não era, Dona Ritinha?

A jovem senhora, deshabituada àquele meio super-civilizado, bateu com a cabeça, confirmando, ingênua, a horrenda perversidade:

— É isso mesmo; era o carbúnculo.

E compadecida:

— Quasi êle morre, coitado!...

O BRAVO

Pai de uma menina que era um encanto, o coronel Peregrino encontrara na vida, pela primeira vez, uma dificuldade que lhe detivera o passo: o casamento da filha, a escôlha de um noivo digno, bravo, correto, entre os jovens oficiais da guarnição. Três tenentes, nada menos, disputavam-lhe a mão, e era essa rivalidade, exatamente, que dificultava a solução do problema. Todos eram galantes rapazes e elegantíssimos oficiais, e, como a pequena se não decidisse por si mesma, o caso era atirado, inteiro, à delicada responsabilidade do pai.

Certo dia, reunida no quartel a officialidade da guarnição, chamou o coronel à parte os três jovens tenentes, e, torcendo marcialmente, com as duas mãos, as fortes guias do bigode grisalho, propôs, severo:

— Eu sei que os senhores, os três, têm paixão pela minha filha, cuja mão já me pediram em casamento. A escolha, entre os senhores, é difficílissima. Se eu fosse commerciante, preferiria o mais rico. Se fos-

se fidalgo, o mais nobre. Se me preocupasse com as aparências, o mais elegantemente vestido. Sou, porém, um soldado, e, como tal, faço questão de escolher para genro o mais valente, o mais bravo, o mais corajoso. Não acham justo?

— Perfeitamente! — exclamou o tenente Coimbra.

— Perfeitamente! — confirmou o tenente Torres.

— Perfeitamente! — concordou o tenente Samuel.

— Nesse caso, — tornou o coronel — vou submetê-los a uma prova.

E tornou, para dentro:

— Cabo Matias, prepare a metralhadora.

O inferior puxou a máquina para o pátio, mexeu nas munições, remexeu nas ferragens, e avisou:

— Pronto, sr. coronel.

O velho militar examinou a arma e, vendo que tudo ia bem, tomou os rapazes pelo braço, colocou-os a seis metros do aparelho mortífero, e ordenou, com voz de comando:

— Um!... Dois!...

E ia dar o último sinal para a descarga da metralha, quando dois vultos pularam, rápidos, num movimento de terror, colocando-se fora do alvo.

— Covardes! — trovejou o coronel.—
E eram estes pusilânimes que pretendiam
a mão da minha filha!...

E dirigindo-se ao terceiro, que se não
afastara do lugar:

— O senhor, sim, é um bravo! A me-
nina é sua!

E, estendendo-lhe a mão:

— Venha daí; vamos ver a sua noiva.

O oficial detinha-se, porém, imóvel.

— Vamos, homem! — insistiu.

O tenente olhou para um lado, olhou
para outro, e afinal, confessou:

— Posso lá o que! Se eu pudesse sair
daquí, eu tinha corrido!

E para o soldado:

— Matias, empresta-me a tua calça!

C X V I

SÃO FILOMENO

A estação de Cariré, na Estrada de Ferro de Sobral, no Ceará, é separada da Serra Grande, ou da Ibiapaba, por dez ou doze léguas de planície, onde se estendem as caatingas uniformes e pedregosas, ou se levantam, aquí e alí, os outeiros cinzentos, ásperos, desertos, inteiramente despidos de vegetação. A falta de açudes ou lagoas e, mesmo, a pequena fertilidade das terras, tornou aí menos densos, e menos próximos, os núcleos humanos. As fazendas são mais raras, e os povoados mais distantes, vendo-se, apenas, quebrando aquela monotonia, de légua em légua, pequenos grupos de rezes, que se disputam, melancólicas, os poucos recursos de pastagem.

Contrastando com êsse panorama desolador, que a impiedade do sol torna mais triste, surge, porém, de repente, aos olhos de quem viaja, um ramalhete de verdura, um breve oasis em que as árvores se aglomeram, e que se conservam permanentemente viçosas, como aqueles plátanos da

Arcádia que protegeram os primeiros amores de Zeus. É aí, nesse breve refrigerio da natureza, que os vaqueiros e transeuntes repousam da travessia sertaneja, descansando na terra o bordão de caminheiro ou amarrando nos troncos, à sombra dos joazeiros e das oiticicas, as velhas alimárias fatigadas.

— Que bosque é êste? — perguntei, um dia, diante dessa paisagem curiosa, à simplicidade do meu guia, um caboclo serrano, moreno, forte, de alma de criança e pescoço de touro.

— Aquí? Aquí é a mata do Nicolau.

— E êsse Nicolau mora aquí? — indaguei.

O caboclo sorriu, zombeteiro, e explicou:

— Não mora, não, senhor; já morou.

O caso, como era natural, intrigou-me, e, como eu insistisse, o caboclo sentou-se no alforge, que atirara ao chão, e contou-me, enquanto almoçava o seu pedaço de queijo fresco, a maravilhosa história daquela paragem.

— Antes da sêca de 77 — começou — havia neste lugar uma povoação, que vivia, com a graça de Deus, na maior fartura. Então, não havia estas árvores. Tudo isto era campina, caatinga, chapadão, como lá fora. A gente era muito ativa e decidida,

e, como a terra fosse boa, não faltava nada. Com a Sêca Grande, porém, veio a fome, a miséria, um horror. O povo, fiado em Deus, e em S. Filomeno, padroeiro do lugar, não queria fugir. O gado morreu. As galinhas morreram. Até bode morreu nesse ano. E começou a morrer gente. Desenganados de inverno, os moradores reuniram-se uma noite na capela e resolveram abandonar o povoado. E como não entrassem em acôrdo a êsse respeito, ficou resolvido que o Nicolau pensasse e deliberasse por todos.

— E quem era êsse Nicolau? — interrompí.

— Espere lá, já lhe digo. Êsse Nicolau era o sujeito mais respeitado do lugar. Sério como êle só. A mulher, Dona Felismina, era uma santa. Não perdia missa, nem novena, nem ladainha, e ia até o Cariré, sòzinha, para ouvir a Santa Missão. E como era ainda o menos pobre, foi o Nicolau encarregado de resolver o caso, em nome dos companheiros de desgraça. Devoto como era, resolveu êle pedir o auxílio de São Filomeno, e meteu-se, nessa mesma noite, na capela, trancado. Trancou-se, rezou muito, e lá pela madrugada, dormiu. E foi aí que se deu o milagre.

— Milagre?

— Sim, senhor. Diz êle que, assim que pegou no sono, viu São Filomeno des-

cer do altar, e ir crescendo, crescendo, até que ficou do tamanho de um homem. Depois, aproximou-se dêle, e disse: “Nicolau, o povoado vai ser reduzido a cinza porque todos nele são pecadores. As mulheres, então, já estão mais degradadas do que as galinhas do teu terreiro e do que as cabras do teu serrote!” — “É possível, senhor?!” — exclamou Nicolau, espantado. O santo não entrou, porém, em explicações, limitando-se a dizer: — “Olha, Nicolau, o momento não é para vinganças nem para derramar sangue de cristão. Mas eu vou te dar elementos para apurar a verdade. Toma, — disse, entregando-lhe dois punhados de caroços; — toma estas sementes, e distribue, uma a uma, pelos homens casados do povoado, para que êles plantem à porta da sua casa. Depois, fujam, abandonem o lugar, a capela, tudo, porque a sêca vai continuar ainda por dois anos. Ao fim dêsse prazo, voltem, e examinem: na porta daqueles cujas mulheres os tenham traído, estas sementes terão nascido; e só não nascerão, Nicolau, na porta daquele cuja mulher nunca o tenha enganado!” O homem cumpriu a recomendação do santo, distribuiu as sementes pelos companheiros, plantaram, e fugiram para o Amazonas. Anos depois, voltaram.

— E então?

— E então? Então, encontraram êste bosque verde, viçoso, que nunca mais morreu!...

— Nasceu, então, até a semente da porta do Nicolau?

O caboclo sorriu, e atendeu:

— A porta do Nicolau era ali.

E indicou um pé de jatobá imenso, largo, robusto, cuja copa dominava o oasis e guiava, de longe, os viajantes que transitam, hoje, entre a frescura da Serra Grande e a estação da Estrada de Ferro, nos sertões do Cariré.

CXVII

O JAVALÍ DE CALIDON

Amigo íntimo do casal, o Dr. Fernando Magalhães tinha a vantagem, que o bairro inteiro invejava, de penetrar, a qualquer hora do dia, sob qualquer pretêsto, ou sem pretêsto algum, no gracioso palacete do engenheiro Alfredo Scholl, nos fins da Avenida Atlântica, ao lado da montanha e diante do mar. Pessoa de confiança, o Dr. Fernando conversava alguns momentos com a encantadora dona da casa, que lhe dava o prazer de, minutos depois, colocá-lo à sua frente, na pequenina mesa de chá, com serviço para dois. E, como o ilustre médico dispõe de uma cultura variada, bebida na ciência de toda ordem e na literatura de todo gênero, sucedeu-lhe, naquele dia, lembrar-se, a propósito de um incidente comum, da triste fábula do rei Anceo, que tomou parte, como se sabe, na famosa expedição dos argonautas.

— A senhora não conhece, então, essa história fabulosa, Dona Alaíde? — indagou gentil, o ilustre ginecologista.

A moça levou a chícara de porcelana chinesa aos lábios mais delicados e vermelhos que a porcelana da chícara, e, com a boquita cheia, e uma torradinha entre os dedos, pediu:

— Não; conte-ma.

E, sorrindo, com tentação:

— Conte-ma; sim?

O ilustre médico fitou-a, com os olhos doces, e começou, com simplicidade, mas com graça:

— De regresso da Cólchida, aonde havia ido com os outros príncipes gregos, governava Anceo o seu povo da Arcádia, quando, certo dia, um escravo lhe disse, à mesa, que êle nunca mais beberia vinho da sua vinha. Soberbo e incrédulo, Anceo achou espírito na predição, zombando da palavra do servo. E, para demonstrar a sua incredulidade, ordenou, de pronto, ao escravo:

— Traze-me vinho da minha vinha! Queres ver como o bebo?

O escravo trouxe-lhe uma taça de ouro transbordante, e entregou-a ao senhor.

— E agora, que te disse eu? — observou o monarca.

— O que eu sei, meu senhor, — retrucou o servo, curvando-se, — é que entre o copo e a bôca ainda medeia um espaço que pode ser, talvez, uma eternidade!

Anceo sorriu, na sua arrogância, e ia levantar a taça de vinho fervente, quando a guarda apareceu, de súbito, em tumulto, à porta do grande salão.

— O javalí de Calidon, meu senhor! — gritavam todos, alarmados; — o javalí de Calidon acaba de entrar na vossa vinha!

Abandonando a taça, antes de levá-la aos lábios, o soberano atira-se, de um salto, sôbre a sua lança, sôbre o seu escudo, sôbre a sua espada, ordenando, ao mesmo tempo, que as buzinas convoquem, sonoras, os guerreiros da vizinhança. E, precipitando-se para o vinhedo, enfrenta, aí, sòzinho, a fera formidável, a qual se atira contra êle, ferindo-o, matando-o, estraçalhando-o, de modo que se cumpriu o que dissera o escravo, o qual assegurara que êle não chegaria aos lábios, apesar de tê-lo nas mãos, o vinho da sua vinha!

Com o queixo de mármore na curva da mão pequenina, debruçada sôbre a toalha de linho bordada, Dona Alaíde ouvia, embevecida, de olhos semi-cerrados, a palavra do narrador, que se debruçara, também, no seu rumo, para falar-lhe melhor. De rosto a rosto não havia mais, talvez, que a distância de um palmo, quando bateram, de leve, na porta que dava para o terraço, a qual se achava trancada a chave. Pé ante

pé, Dona Alaíde vai até à vidraça, e espia, sem ser vista.

— Quem é? — indaga, em segrêdo, o Dr. Fernando.

E a moça, à meia voz, com a mãozinha junto da bôca:

— É o javalí...

C X V I I I

AUTOS E "TAXIS"

Com o pensamento, talvez, de aperfeiçoar a raça, já de si tão robusta e formosa, votou o Parlamento uruguaio um projeto de lei determinando às autoridades que não realizem mais casamentos sem que os noivos se tenham submetido, com resultado negativo, à reação de Wassermann. Acham os legisladores de Montevideu que a mulher constitue para os homens uma cruz, e foi com pena dêles, provâavelmente, que se tomou a providência. Que seria, em verdade, do mortal que tomasse aos ombros a cruz da família depois de ter duas, ou três, constata-
tadas num paciente exame de sangue?

Vindo de uma época excessivamente escrupulosa, em que os pais dos namorados sindicavam das condições sanitárias dos antepassados até à quinta geração, e em que os próprios noivos tomavam um purgativo de óleo de rícino oito dias antes do casamento, — eu não podia ser contrário à humanitária medida promulgada pelo governo do Uruguai. O meu espírito faltaria, entretanto, ao seu dever de sinceridade, aos hábitos de

franqueza incondicional, se não confessasse o temor, que tenho, de que essa exigência venha reduzir, alí, o número de casamentos.

O casamento é, realmente, hoje, encarado por um prisma original, que degrada, é certo, a mulher, mas reintegra a espécie na natureza, permitindo-lhe a realização do seu verdadeiro destino. Dessa teoria, dava-me, ontem, uma perfeita imagem industrial o Sr. Roberto de Aguiar, agente de pneumáticos americanos, ao explicar-me, sem constrangimento nem entraves na língua:

— O casamento só pode ser julgado com segurança, sr. conselheiro, por pessoa que já teve automóvel. A espôsa ou o espôso definitivo é, para o homem ou para a mulher, uma espécie de automóvel particular. E nada há no mundo, como o senhor sabe, que, como um automóvel particular, dê tanto trabalho: um dia, é uma peça que falta; no outro, é a gasolina; mais tarde, é a capota, que está estragada. O dono de um automóvel vive a fazer despesas todos os dias, a incomodar-se a todo o instante, e, quando mais precisa do carro, tem a notícia de que êle não pode funcionar!

Eu encarei o homenzinho, disposto a deixá-lo, àquela hora da madrugada, na primeira esquina da Avenida, e êle continuou:

— Com a amante, ou o amante, não; o amante, qualquer que seja o sexo, é o “taxi” do coração: a gente toma-o, paga-o, e salta

onde entende, sem perguntar, sequer, o nome da "garage". Marido ou amante, auto particular ou "taxi", que importa à mulher, ou ao homem, a espécie do veículo, se êle faz a viagem da mesma maneira? E isso com a vantagem de, ao abandonar o carro, não ter o passageiro que se incomodar com o estado do motor, nem com a qualidade dos lubrificantes...

Nesse momento, soavam, monótonas, em uma torre da Avenida, três badaladas metálicas, quebrando o silêncio da noite, quasi acabada.

— Três horas! — espantou-se o major Afonso Gomide, que ia conosco. — Vamos-nos?

O agente americano estendeu os olhos pela Avenida deserta, e lamentou:

— Sim, senhor! Nem um "taxi"!... E agora?

— Vamos no meu automóvel, — convidou o major, fazendo sinal ao seu *chauffeur*.

Deshabitado dêsses luxos, eu continuei o meu caminho, a pé...

CXIX

“GIGOLÔ”

Na pequena mesa redonda, em que havia lugar para três, D. Georgina comentava com a liberdade das suas maneiras, o capítulo de uma revista parisiense sôbre um termo de criação recente, que tem, já, uma aplicação universal.

— Eu não sei, nem compreendo, afinal, a prevenção contra êsse vocábulo.

— Que vocábulo, minha senhora? — inquirí, intrigado.

— Que vocábulo? O *gigolô*, masculino de *gigolette*, que toda a gente emprega, hoje, nos salões, nas festas, nos passeios, nos cinemas, sem o menor constrangimento. Uma das minhas amigas, Mme. Perez, tem uma cadelazinha a que deu o nome de *Gigolette*, e chama-a por essa forma, em qualquer parte, sem o menor escândalo dos que a ouvem. As moças, hoje, andam à *gigolette*, vestem-se à *gigolette*, fantasiam-se de *gigolette* no Carnaval, e dizem-no sem rebuços, sem temores, sem que se engasguem com a aspereza da expressão. Não se pode, en-

tretanto, falar em *gigolô*, nem, mesmo, entre íntimos, sem que haja uma estranheza, um arrepio em todas as almas, principalmente nas que se dizem limpas de pecado. Por que essa diferença, essa disparidade, essa prevenção?

Eu olhei o Dr. Moraes, espôso da illustre senhora, e, como o visse impassível, dirigi-me à mulher:

— E que é *gigolô*, Dona Georgina?

— O senhor, então não sabe, conselheiro? Não sabe, mesmo?

E como lesse a ignorância estampada na minha fisionomia, explicou, virando-se para mim:

— *Gigolô* é o indivíduo adorado por uma mulher que tem outro homem que a ama, e que ela sustenta, à custa dêste último. Geralmente moço, o *gigolô* é tratado pela mulher que o adora com todos os requintes da paixão. Para êle são os seus melhores beijos, os seus melhores mimos, os seus maiores cuidados. O marido, ou o amante, ordinariamente idoso, fornece-lhe tudo, cercanda-a de confôrto, de luxo, de abundância, à custa, às vezes, dos maiores sacrifícios. Ela passa, entretanto, tudo isso ao *gigolô*, que é, enfim, o único a lucrar com os amores e com o trabalho do outro.

E para mim:

— Compreendeu?

— Compreendí, perfeitamente.

— E que acha da profissão?

— Indigna! — afirmei, com revolta.

— Indigna?... — protestou Dona Georgina. — Indigna, por que? Se ela é indigna, qual é, então, a profissão honesta? Quem não é, ou não foi, neste mundo, mais ou menos *gigolô*?

Eu a encarei severo.

— Sim, sr. conselheiro; diga-me.

E virando-se na cadeira:

— Que é o Mochi, com as companhias dêle, senão *gigolô* de uma porção de artistas? Que é o magistrado, como o Ataulfo, como o Machado Guimarães, como o Caetano Montenegro, senão o *gigolô* da Justiça? Que é um ministro, senão o *gigolô* do governo? Que é o presidente da República, senão o *gigolô* da nação?

E após uma pausa, firme, olhando-me nos olhos:

— Que é o senhor mesmo, sr. conselheiro, senão o *gigolô* da literatura, da qual o público está sendo, agora, o “coronel”?

As minhas mãos tremiam. Minhas barbas, sabidamente respeitáveis, não tinham sido atingidas, jamais, por um insulto de tal ordem. E Dona Georgina, ao que parece, compreendeu isso, porque, virando-se para

um mocinho que se achava na mesa próxima, convidou:

— Venha para cá, Zezé.

E para o marido, abrindo espaço:

— Leôncio, chega para lá.

CEFALALGIA

A maior ambição de Dona Teresa, desde que lhe morrera o marido, consistia em casar a sua filha única, a encantadora e risonha Edelmira, com o Zèzinho, acadêmico de engenharia e filho único, também, do seu irmão Samuel. Criados juntos, quasi como irmãos, os dois primos votavam-se uma estima sincera, profunda, inquebrantável, que o amor havia consolidado. E era êste sonho máximo da sua vida que Dona Teresa acabava de realizar, naquele dia, ao ver chegar à casa, de regresso da igreja, o cortêjo nupcial, de que a Edelmirinha se apeava, com os olhos vermelhos de pranto feliz, entre punhados de flôres que lhe atiravam, sorrindo, as suas amiguinhas da vizinhança.

Não querem, entretanto, os deuses, que a felicidade seja duradoura, nem eterna. No céu azul de uma vida sem cuidados, há de passar, sempre, uma nuvem cinzenta, que interrompa a continuidade da ventura. E era nisso que pensava Dona Teresa, após o jantar íntimo oferecido aos convidados, quando lhe foram dizer, na copa, que o Zèzinho se estava sentindo indisposto.

— Que é, meu filho, que é que você tem? — correu a boa senhora, aflita, com a angústia estampada no rosto, a indagar do rapaz.

— Não é nada, mamãezinha, não é nada; não se aflija! — pedia êle, pálido, ao lado da noiva.

O caso era, entretanto, de molde a originar preocupações. Sustentando a cabeça nas mãos, o moço não podia disfarçar mais a dôr horrível que estalava o crânio, modificando-lhe, pela violência, a serenidade da fisionomia.

— Meu Deus! que será isto! Que terão feito ao Zeca, minha Nossa Senhora?...

E agoniada, a andar de um lado para outro da casa:

— Isso foi inveja! foi feitiçaria! foi mau olhado que puseram nêle! Meu Deus, tende piedade de mim!...

Na sala, a desorientação não era menor. Cada pessoa presente recomendava um remédio, uma droga, um recurso caseiro.

— Dê um escalda-pés, Dona Edelmira, — aconselhava uma senhora gorda, montanhosa, que se abanava, paciente, com um grande leque de plumas. — Dê um escalda-pés, que é um santo remédio!

— Um chá de erva-doce, Dona Teresa; faça um chá de erva-doce bem forte! — intervinha outra dama, professora pública, jubilada. — Isto é estômago, com certeza!

Iam as cousas por essa altura, quando o Dr. Álvaro Osório de Almeida, que havia sido padrinho do casamento, interveio, acalmando tudo:

— Isso não é nada; deixem-se de aflição, de barulho, de agonia. É uma enxaqueca sem importância, que se trata em uma hora. O essencial é o repouso.

E para Dona Teresa:

— Dê-lhe uma cápsula de aspirina, e deixem-no descansar um pouco. Dentro de uma hora, estará bom. O que é indispensável, é que êle descanse, repouse, fique à vontade.

E dando, êle próprio, o exemplo, tomou o chapéu, despediu-se dos recém-casados, e retirou-se, sendo acompanhado, nisso, pelos outros convidados.

Esvaziada a sala, o noivo tomou a cápsula recomendada, e, despedindo-se da tia, recolheu-se, com a noiva, à alcova nupcial.

Meia hora depois, toda a casa entrava em sossêgo. O silêncio era absoluto. Criados, parentes, plantas e cristais, tudo adormecera, num grande sono de fadiga. No meio de tudo, entretanto, um coração aflito velava. Era D. Teresa. Como estaria o Zeca? Teria melhorado? Estaria, já, fora de perigo? E como se as cousas em tórno não respondessem satisfatòriamente à sua consulta, levantou-se do leito, e, pé ante pé, encaminhou-se para o quarto dos noivos. Che-

gada à porta, aplicou, de leve, o ouvido à tábua, e, com voz doce, medrosa, maternal, chamou, para dentro:

— Zèquinha?... Zèquinha?...

E, com doçura:

— A cabeça passou, meu filho?

O silêncio, no quarto, era completo, perfeito, absoluto. Ninguém respondeu. Com o seu coração de mãe, Dona Teresa compreendeu tudo, e soltou um suspiro de alívio. O Zèquinha estava bom. A cabeça, com certeza, havia passado...

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatória	
I — O filósofo	11
II — A rosa azul	14
III — A bilha	18
IV — O trôco	20
V — A epiléptica	23
VI — Os submarinos	26
VII — O ninho do curió	28
VIII — “Vitória-Régia”	32
IX — A mulata	34
X — As perdizes	37
XI — A obra-prima	40
XII — Mamãe	43
XIII — A intenção	45
XIV — Os jasmims	49
XV — Educação antiga	51
XVI — As cruzes	54
XVII — O perfume	57
XVIII — Experiência	60
XIX — Ilusão	63
XX — Ferrabraz	65
XXI — Indefesa	68
XXII — A Santa Casa	71
XXIII — O gato e o passarinho	75
XXIV — A noiva do Donato	78
XXV — O dactilógrafo	82
XXVI — O milagre	84
XXVII — A surpresa	86
XXVIII — As folhas	89
XXIX — Os jacobitas	91
XXX — A chácara	94
XXXI — Manias	97
XXXII — Fêminice	101
XXXIII — Chaves e fechaduras	104
XXXIV — O monstro	107
XXXV — A “festa dos ovos”	110
XXXVI — Aparências	112
XXXVII — A coberta	114

	Pág.
XXXVIII — A derradeira “morada”	118
XXXIX — A punição	120
XL — O nababo	122
XLI — A confissão	125
XLII — Política	128
XLIII — O amigo	131
XLIV — A lição	133
XLV — Os gêmeos	136
XLVI — As camisas	139
XLVII — O sonâmbulo	142
XLVIII — O ambicioso	145
XLIX — O sovina	148
L — Cerimônias nupciais	151
LI — A pedra dos namorados	153
LII — O porco	156
LIII — Revelação	159
LIV — Resposta difícil	163
LV — O tropeiro	165
LVI — Parábolas	168
LVII — A adúltera	170
LVIII — Obediência	172
LIX — As loções miraculosas	175
LX — A vingança	178
LXI — Altruísmo	180
LXII — Modas...	183
LXIII — Os suspensórios	186
LXIV — A baronesa	190
LXV — A fome no Amazonas	193
LXVI — Os “redis”	196
LXVII — Fortunato	199
LXVIII — O limo	202
LXIX — A virgem	205
LXX — Melhoramentos	208
LXXI — A caçada	211
LXXII — A manicura	214
LXXIII — Mocidade	217
LXXIV — A pérola	220
LXXV — Os médicos	223
LXXVI — O “bravo dos bravos”	226
LXXVII — O pé e o sapato	230
LXXVIII — O patrão	233
LXXIX — As “gaffeuses”	236
LXXX — Os horrores da guerra	239
LXXXI — Pavores de enfermo	242
LXXXII — O elefante	245
LXXXIII — O rio Purús	248

	PÁG.
LXXXIV — Represália	250
LXXXV — O prêmio	252
LXXXVI — A cidade indiscreta	255
LXXXVII — O ladrão	258
LXXXVIII — O prestígio do "rouge"	261
LXXXIX — A festa da inteligência	264
XC — Conseqüências do protocolo	268
XCI — Os colchetes	270
XCII — O vestido	273
XCIII — Inconvenientes do ciúme.	276
XCIV — Miopia	279
XCV — O sapateiro	282
XCVI — Entre os papuas	286
XCVII — As "meninas"	289
XCVIII — Elas...	291
XCIX — Barba de bode	295
C — O triunfador	299
CI — A cornucópia	302
CII — O milagre de S. Benedito	305
CIII — O leilão.	308
CIV — Lâmpadas e ventiladores	311
CV — Militarismo	314
CVI — Apólogo sertanejo	317
CVII — As garrafas	319
CVIII — Pele curta	322
CIX — Malitia sexus	325
CX — Mme. London Bank	328
CXI — Efeitos do tanino	331
CXII — Zurtz.	334
CXIII — A chuva luminosa	337
CXIV — Pedras preciosas	341
CXV — O bravo.	344
CXVI — São Filomeno	347
CXVII — O javalí de Calidon	352
CXVIII — Autos e "taxis"	356
CXIX — "Gigolô"	359
CXX — Cefalgalia	363

